



PUC
RIO

EDNA LÚCIA TINOCO PONCIANO

HISTÓRIA DA TERAPIA DE FAMÍLIA:
DE PALO ALTO AO RIO DE JANEIRO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro, dezembro de 1999.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE ECONOMIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
TÍTULO: HISTÓRIA DA TERAPIA DE FAMÍLIA
AUTOR: N. CHAM. 150 P795 TESE UC

ORIENTADOR: DR. JOSÉ CARLOS DE MOURA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

N.Cham. 150 P795 TESE UC
Título História da terapia de família



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00146972

Edna Lúcia Tinoco Ponciano

HISTÓRIA DA TERAPIA DE FAMÍLIA

- De Palo Alto ao Rio de Janeiro -

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a
obtenção do grau de Mestre em
Psicologia Clínica.

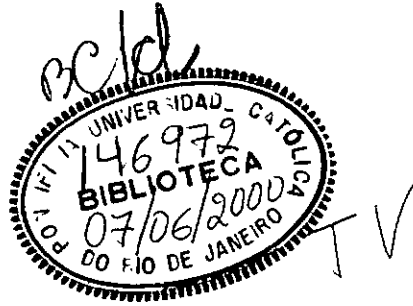
Orientadora: Terezinha Féres-Carneiro

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio De Janeiro

Rio de Janeiro, dezembro de 1999.

99707



150
P795
TESE UC

Ponciano, Edna Lúcia Tinoco

História da Terapia de Família: de Palo Alto ao Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RJ, 1999.

1-História da Terapia de Família.
2-práticas psicológicas - Rio de Janeiro.
I-Título.

Ao Marcos Ponciano, companheiro na vida e no ideal acadêmico.

À minha família (extensa), especialmente aos meus sobrinhos, Jessica, Gabriel, Igor, Henrique e Daniel, que me lembram estar ligada a algo maior.

Aos meus pais, Marilene e José, pela alegria, investimento e sacrifício em formar uma família.

Em homenagem a minha
bisavó Julieta e a minha
avó Ruth.

AGRADECIMENTOS

- À professora Terezinha Féres-Carneiro pelo apoio e confiança no meu trabalho.
- Aos professores da PUC-Rio, especialmente, Maria Helena Novaes, Ana Nicolaci-da-Costa e Junia de Vilhena.
- Às secretárias do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Marize e Vera, pela paciência.
- Ao professor João Ferreira da Silva Filho (IPUB/UFRJ) pelo incentivo em tonar-me pesquisadora.
- À D.^a Silvia Jardim (IPUB/UFRJ) pela oportunidade dada para exercer minha prática de terapeuta de família em uma equipe multidisciplinar.
- À equipe multidisciplinar do PRASMET (IPUB/UFRJ), especialmente, a Andréa, Carla, Ingrid, Nicea, Rita, Rosa, Salette e Simone.
- Aos entrevistados de minha pesquisa, sem os quais ela seria incompleta.
- Ao meu marido, Marcos, por vigiar o meu português.
- Ao CNPq pelo apoio financeiro durante o curso de Mestrado.

RESUMO

Desenvolver uma história da Terapia de Família é a nossa proposta nesta dissertação. Iniciamos contextualizando o nascimento da família moderna, a partir da história. Consideramos, assim, a estreita relação entre um modelo de família e a idéia de intervenção terapêutica, próprios da modernidade. Apresentamos a Terapia de Família como uma nova forma de terapia que nasce nos anos 50, nos Estados Unidos e escolhemos a Escola de Palo Alto - Bateson / MRI - como marco central para a "invenção" dessa nova prática que rejeitou a noção de intrapsíquico em prol da noção de relação. Narramos a sua história a partir da idéia da intervenção do terapeuta que provoca mudança, desenvolvendo os questionamentos que foram elaborados, posteriormente, pela Terapia de Família Feminista, pelo Construtivismo e pelo Construcionismo Social. Nosso percurso histórico, por fim, visou a construir uma história da Terapia de Família no Rio de Janeiro. Entrevistamos oito terapeutas de família pioneiros, que realizaram suas formações a partir da década de 70, de oito instituições formadoras. Desenvolvemos, assim, a história da Terapia de Família, de Palo Alto ao Rio de Janeiro, ressaltando as suas principais características.

ABSTRACT

Our proposal in the present study is to develop a history of Family Therapy. We begin by presenting the origins of the modern family in a historical context, thus taking into account the close relationship between a model of family and the idea of contemporary therapeutic intervention, typical of the modern times. We introduce Family Therapy as a new approach therapy that began in the United States in the 50s. We chose the School of Palo Alto - Bateson / MRI - as a landmark for the "invention" of this new practice that rejected the notion of inner conflict in favour of the relational model. We begin narrating its history from the idea of the changes provoked by the therapist interventions and continue developing questions that were later elaborated by Feminist Family Therapy, by Constructivism and by Social Constructionism. Our historical course also aimed to build the history of Family Therapy in Rio de Janeiro. We interviewed eight family therapists that were pioneers in this field. They trained in the 70s and now belong to eight different training institutions. We analyzed the history of Family Therapy from Palo Alto to Rio de Janeiro emphasizing its main characteristics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
I - CONECTANDO HISTÓRIAS: FAMÍLIA E TERAPIA DE FAMÍLIA	
1 - A escolha de uma relação necessária	09
2 - Constituição histórica da família moderna	12
3 - Modelo de família e intervenção terapêutica	33
II - TEORIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA	
1 - Contextualizando: antecedentes históricos da Terapia de Família	61
2 - Contextualizando: a elaboração teórica multidisciplinar da Terapia de Família	70
2.1 - O caminho do encontro com as disciplinas não psicológicas	74
2.1.1 - Teoria Geral dos Sistemas	76
2.1.2 - Cibernética	82
2.1.3 - Teoria da Informação	89
2.1.4 - Teoria da Comunicação	91
III - TERAPIA DE FAMÍLIA: HISTÓRIAS E CONCEITOS	
1 - Palo Alto: a "Meca" da Terapia de Família	95
2 - O percurso da noção de mudança: um paralelo com a noção de intervenção	104
3 - Mudança e intervenção: uma proposta em questão	118
4 - Múltiplas possibilidades para contar a história da Terapia de Família	128

IV - HISTÓRIAS DA TERAPIA DE FAMÍLIA NO RIO DE JANEIRO

1 - Construindo uma história da Terapia de Família	140
2 - Contextualizando o Rio de Janeiro	144
3 - Histórias da Terapia de Família no Rio de Janeiro	147
3.1 - Apresentando os entrevistados	150
3.2 - Apresentando as instituições	156
3.2.1 - História das instituições	158
3.3 - Motivação inicial para trabalhar com Terapia de Família	171
3.4 - História da formação e da prática em Terapia de Família	178
3.4.1 - Formação: professores, supervisores e opções teóricas	179
3.4.2 - Pesquisa, referencial teórico e prática	192
3.5 - O início da Terapia de Família no Rio de Janeiro	202
3.6 - Continuar sendo terapeuta de família e o futuro	206
CONSIDERAÇÕES FINAIS	215

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANEXOS

"O mapa não é o território. Mas, se ele é preciso, o mapa tem uma estrutura semelhante à do território, o que justifica sua utilidade."

(Korzybski, apud: Onnis, 1998: 301)

"Para reconhecer uma constelação, a prova decisiva é ver como responde quando a chamamos. Mais convincente que a coincidência das distâncias e configurações com aquilo que está assinalado nos mapas, é a resposta que o ponto luminoso dá ao nome pelo qual é chamado, a presteza em identificar-se com aquele som tornando-se uma coisa só. Os nomes das estrelas para nós, os órfãos de toda mitologia, parecem incongruentes e arbitrários; contudo jamais poderemos considerá-lo intercambiáveis. Quando o nome que o senhor Palomar encontrou é o verdadeiro, logo se apercebe disso, pois este dá a estrela uma necessidade e uma evidência que ela não tinha antes; se ao contrário é um nome equivocado, a estrela o perde depois de poucos segundos, como se ele lhe rolasse das costas, e não se sabe mais onde estava ou o que era."

(Calvino, 1994: 43)

INTRODUÇÃO

Nosso objetivo principal, com a pesquisa proposta, é realizar uma abordagem histórica da Terapia de Família, envolvendo referenciais teóricos e contextos socioculturais na elaboração dessa intervenção específica.

Pretendemos, portanto, desenvolver a história da Terapia de Família, vinculando-a ao tempo e ao espaço no qual ocorre. Consideramos como lugar e tempo original, para o surgimento dessa nova intervenção terapêutica, especificamente, a Abordagem Sistêmica, os anos cinquenta nos Estados Unidos. Não nos limitamos a esse lugar e a esse tempo, embora os estejamos enfatizando como ponto de partida para inúmeras questões que percorrem o campo da Terapia de Família, em vários outros lugares e em outros tempos. Ao realizar esse percurso, almejamos chegar à história da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro.

Queremos pensar o espaço, socialmente construído, no decorrer de diferentes contextos históricos da família, do terapeuta de família e, por consequência, da Terapia de Família. A perspectiva é histórica, à medida em que se faz um retorno às origens. Apresentamos o surgimento da Terapia de Família Sistêmica em Palo Alto para introduzir reflexões, tendo como marco a passagem de um modelo intrapsíquico para o modelo relacional.

Nosso caminho inicia-se ao recorrer à história da família, em suas variações, para trazer à memória uma herança que nos permite refletir sobre como se chegou a essa possibilidade de intervenção terapêutica, pensando os dias atuais e obtendo algumas indicações para o futuro. A história da Terapia de Família se faz, portanto, a reboque da história da família.

No primeiro capítulo, uma questão nos orienta: como se forma a família conjugal moderna? Com essa questão histórica, dirigimo-nos para pensar a entrada do especialista na família. Intentamos, assim, vincular um modelo específico de família à possibilidade de intervenção terapêutica, estabelecendo um referencial sociocultural e histórico que visa a problematizar essa intervenção, não a naturalizando, mesmo que se possa entendê-la, em casos específicos, como necessária.

Visualizamos a formação da família, no sentido histórico e sociocultural. Utilizamos, como referência, Ariès (1986) e Flandrin (1995) que desenvolvem a história da família na França, no Antigo Regime, comparando os diferentes modelos de família encontrados, naquela época, com a família que se constitui a partir da modernidade. Shorter (1995) é uma terceira referência para pensarmos o "nascimento da família moderna". A fim de problematizar a separação entre o domínio público e o domínio privado, que tanto influenciou a concepção moderna de família,

utilizamos autores como Sennett (1993), Lasch (1991) e Giddens (1993). Desenvolvemos, assim, as características do modelo familiar próprio da modernidade, relacionado-o à idéia da intervenção terapêutica do especialista.

Em seguida, refletimos sobre como os terapeutas de família vêem a "formação" da família. Queremos verificar quais são os possíveis modelos de família que fundamentam a elaboração teórica dos terapeutas, procurando estabelecer como esses modelos se relacionam com a proposta de intervenção terapêutica. Para exemplificar, apresentamos a definição de família de Salvador Minuchin (1990; 1995a) que privilegia a família nuclear; as críticas do movimento feminista da Terapia de Família, relativizando a família nuclear (Rampage, 1998; Goodrich, 1990; Perelberg, 1994); e uma posição sutilmente diferenciada de Maurizio Andolfi (1980; 1996; 1998), que enfatiza a família de origem.

Por conseqüência, nos perguntamos como o modelo moderno de família conjugal está relacionado à elaboração teórica e prática na Terapia de Família, considerando esse modelo como não-natural, historicamente datado e fundamental para o início da proposta de intervenção terapêutica na família. Essas diferentes posições, quanto ao modelo de família e à intervenção terapêutica na família, são analisadas a partir dos relatos dos terapeutas de família entrevistados. Exemplos dos relatos dos entrevistados aparecem, então, no capítulo I, quanto aos

modelos de família e quanto à intervenção terapêutica. Os entrevistados são apresentados com suas principais características no capítulo IV.

Com o correr da história da Terapia de Família outras formas se apresentam na variedade da prática clínica e a intervenção se alarga para incluí-las. Em nossa pesquisa, entretanto, fazemos uma relação entre a origem histórica da Terapia de Família e o modelo de família nuclear, característico da modernidade. A pós-modernidade impõe outras reflexões como a da relativização do especialista, assim como também da família que são, aqui, indicadas. Ao final do capítulo I, as críticas do movimento pós-moderno à Terapia de Família, são apresentadas a partir da posição de terapeutas de família como Anderson e Goolishian (1993; 1998), Hoffman (1998), Fruggeri (1998) e Lax (1998).

Nossa abordagem histórica, portanto, pretende ser crítica, isto é, à medida em que desenvolvemos como se produziu um conhecimento, específico da Terapia de Família, vamos relacionando-o às determinações históricas e socioculturais. Pretendemos, assim, compreender a elaboração desse conhecimento como a criação de uma nova forma de terapia, embora seja determinada pelo contexto social e por disciplinas outras.

Uma contextualização, no segundo capítulo, dos antecedentes históricos da Terapia de Família caracteriza, inicialmente, os anos 50 nos Estados Unidos, e as

principais teorias e propostas terapêuticas que influenciaram a Terapia de Família. Em seguida, privilegiando a formulação teórica da Escola de Palo Alto - Bateson / MRI -, destacamos as disciplinas não-psicológicas - Cibernética, Teoria Geral dos Sistemas, Teoria da Comunicação e da Informação - que antecederam e fundaram a Abordagem Sistêmica. Estas disciplinas representaram a alternativa existente para uma "invenção": a da terapia para os membros, em conjunto, de uma mesma família. Procuramos analisar como foram sistematizados conceitos, como o da comunicação e o da relação, que viabilizam a prática da Terapia de Família em oposição à prática que tinha como modelo conceitual o intrapsíquico. Os autores aqui utilizados são, principalmente, Marcondes (1996; 1997), Bertalanffy (1976; 1979) e Morin (1990; 1996a; 1997).

No terceiro capítulo, contamos a história da Escola de Palo Alto - Bateson / MRI -, a fim de termos uma compreensão de como se "inventou" a Terapia de Família em sua vertente mais conhecida como Teoria Sistêmica. Diferenciando-se das psicoterapias existentes como, principalmente, a Psicanálise e as psicoterapias consideradas "não-diretivas", os primeiros terapeutas de família defendem a idéia de uma intervenção ativa e provocadora de mudança, enfatizando a resolução de problemas. Ao percorrer, então, a história dessas idéias -

intervenção e mudança -, estaremos percorrendo a história da Terapia de Família, do seu início aos dias atuais. Privilegiamos, para essa análise, o livro *Pragmática da Comunicação Humana* (Watzlawick, 1993), surgido como a primeira referência teórica sistematizada nesse campo, e o livro *Mudança* (Watzlawick, 1986) que pretende fornecer subsídios teóricos e práticos a uma terapia voltada para a solução. Críticas a esse modelo são apresentadas, trazendo o que há de mais recente no campo da Terapia de Família, através de autores como Hoffman (1994; 1998), Keeney (1997), Anderson e Goolishian (1988; 1990; 1998) e Gergen (1992; 1998; 1999). Terminamos o terceiro capítulo, indicando as múltiplas possibilidades para se contar a história da Terapia de Família. A nossa escolha é apenas uma delas.

Não pretendemos, por fim, buscar uma resposta estritamente teórica. O trabalho de campo é fonte de mais respostas, para além da teoria, e mais questões, para além daquelas previamente colocadas. Nossa posição, por consequência, não se restringe a um levantamento cronológico, baseado na literatura do campo, da história das diversas Escolas da Terapia de Família, importante tarefa já realizada por muitos autores. Acrescentamos a essa história, mais geral, uma história da Terapia de Família no Rio de Janeiro, no capítulo IV. Elaborá-la, portanto, é o desafio que encontramos como tema de

pesquisa. Propomos como questão inicial: "como se forma a família?", com a intenção de relacionar três eixos: o da família, o da "invenção" da Terapia de Família e o da formação do terapeuta de família. A entrevista semi-estruturada (Anexo I) contempla esses três eixos.

Desenvolvemos, inicialmente, uma breve contextualização do campo "psi" nos anos 70, marco do começo da Terapia de Família no Rio de Janeiro, utilizando autores como Russo (1987; 1999), Teixeira (1997) e Duarte (1999).

Entrevistamos terapeutas de família brasileiros, moradores da cidade do Rio de Janeiro. Escolhemos entrevistar, dentre oito instituições formadoras do município, os seus principais representantes. Seleccionamos as instituições que formam terapeutas, ao mesmo tempo que atendem famílias. Apresentamos as histórias dessas instituições e suas referências teóricas, caracterizando tentativas de integração (ou não) entre a Teoria Sistêmica, o Construtivismo, o Construcionismo Social, a Psicanálise e o Psicodrama. Apresentamos, assim, a principal característica da Terapia de Família: a diversidade dos referenciais teóricos.

Com as entrevistas gravadas, percorremos a formação desses terapeutas de família, suas principais indagações teóricas que decorrem de sua prática, seus contextos de formação, seus referenciais teóricos, entre outras

indicações que compõem as histórias da Terapia de Família no Rio de Janeiro. Procuramos "mapear", assim, a partir da história da formação e da prática dos terapeutas entrevistados, o campo da Terapia de Família em nossa cidade.

Construir um "mapa", voltando-nos para a história através do relato dos terapeutas entrevistados, é como poder olhar no espelho, visualizando o permanente e o efêmero. Tudo que tem história permanece e muda, estabelece tradições e inova, fixa identidade e se transforma. Um "mapa" tem sua utilidade, à medida que identifica por onde já andamos e que muitos outros caminhos poderemos trilhar. E, ainda que decidamos "viajar" sem um "mapa", não há como "viajar" sem "linhas" que façam "ligações" que contam histórias. É, portanto, nosso objetivo final traçar "linhas" que nos possibilitem uma interpretação sobre como se "inventou", historicamente, a Terapia de Família, e como ela se constitui no Rio de Janeiro. Entre a história geral da Terapia de Família, relacionando seus principais representantes, e a história particular dos terapeutas entrevistados, construímos, então, uma história da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro.

"Que vê? Vê a espécie humana na era dos grandes números estendendo-se numa multidão nivelada mas feita de individualidades distintas como esse mar de grãos de areia que submerge a superfície do mundo... Vê o mundo nada obstante continuar a mostrar os dorsos de granito de sua natureza indiferente ao destino da humanidade, sua dura substância irreduzível à assimilação humana... Vê as formas em que a areia humana se agrega tenderem a dispor-se segundo linhas de movimento, desenhos que combinam regularidade e fluidez como os traços retilíneos ou circulares de um ancinho... E entre humanidade-areia e mundo-escolho intui-se uma harmonia possível como entre duas harmonias não homogêneas: a do não-humano num equilíbrio de forças que parece não corresponder a nenhum desenho; a das estruturas humanas que aspira a uma racionalidade de composição geométrica ou musical, jamais definitiva..."

(Calvino, 1994: 87)

CAPÍTULO I

CONECTANDO HISTÓRIAS: FAMÍLIA E TERAPIA DE FAMÍLIA

1 - A escolha de uma relação necessária

Construir uma história da Terapia de Família, para nós, começa ao relacionarmos duas questões: 1ª - Como se forma a família conjugal na modernidade? 2ª - Como surge a intervenção terapêutica (a do especialista) na família? Para responder à primeira recorreremos à história da família. Essa questão ao ser respondida nos permite observar uma relação entre a família moderna e a noção de especialista. Responderemos, então, à segunda questão ao construir um relato histórico que liga o saber especializado à família.

Iniciaremos, portanto, o nosso levantamento da história da Terapia de Família, enfatizando a sua relação com a história da família no Ocidente. Entendemos que a história da Terapia de Família, em termos gerais, ganha sentido ao se fazer a reboque da história da família. A escolha pela família é determinada por considerarmos que há um contexto sócio-histórico, o da modernidade, que forma um modelo de família (o conjugal ou nuclear) e é também o ponto de partida para a formação da idéia de especialista e da idéia de intervenção (terapêutica) que o acompanha. Dessa forma, estaremos contextualizando a idéia de família conjugal moderna, compreendendo-a como campo inicial

privilegiado e necessário para a intervenção de especialistas ("psi")¹.

Houve um tempo em que as relações familiares (incluindo pai, mãe, filhos, parentes, agregados, vizinhos, amigos, entre outros) perdiam-se em meio a uma ampla comunidade, sendo a relação do casal e dos pais com seus filhos completamente permeada por outras relações, na maioria das vezes, consideradas mais importantes. Hoje é difícil imaginar como seria viver em meio a esse vasto mundo das extensas relações. Vivemos em famílias que privilegiam as relações entre pais e filhos e as entre marido e mulher, querendo excluir, enquanto ideal, qualquer interferência externa. Tanto hoje quanto ontem vantagens e desvantagens se apresentam na experiência desses dois tipos de relações familiares. Não se trata, portanto, de sofrermos nostalgicamente por um tempo melhor que o atual. Trata-se sim de trazermos a perspectiva histórica para, identificando-nos e afastando-nos de um tempo passado, visualizarmos as transformações ocorridas que nos tornaram o que somos hoje enquanto família. O futuro se fará ao tomarmos a família como um fruto do contexto histórico e social no qual estamos imersos e que continua a ser construído.

¹ É importante ressaltar que não pretendemos ligar fatos concretos que seriam causas de tantos outros fatos concretos. Nossa perspectiva é a de uma construção e, por conseguinte, é uma escolha que fizemos embasada em vários autores que nos permitem fazer essa relação enquanto uma interpretação.

Da mesma forma, ontem quando a família era composta por relações extensas, para além do núcleo (biológico e conjugal), não existiam poderes especializados (seculares) externos a ela que ditassem as normas do comportamento. Em uma sociedade em que os papéis estão definidos "desde sempre", não há espaço para dúvidas quanto ao caminho a seguir. Por mais desagradável ou causadora de sofrimento que possa ser para alguns indivíduos, a comunidade prevalece. Hoje, quem de nós poderia imaginar uma família que não fosse de algum modo permeada pelos saberes especializados (ditos científicos), visando a ajudá-la a se manter em suas funções biológicas, psicológicas e sociais.

Entre ontem e hoje podemos pensar que tudo é muito natural no tempo presente. O passado distante é folclórico, o que equivaleria a dizer que nossa forma de viver é inquestionável porque está baseada no saber científico comprovado e não em superstição, mito e ignorância. Todavia, ao relacionar a história da família moderna ocidental com a história da Terapia de Família questionaremos a pretensa "naturalidade" da intervenção do saber especializado, baseada na necessidade da família. Invertemos, assim, a lógica: para o nascimento de uma intervenção terapêutica, especificamente a Terapia de Família, é necessário o nascimento anterior da família moderna.

2 - Constituição histórica da família moderna

A família nuclear, voltada para os filhos, tem o seu nascimento historicamente datado. Na Europa, no fim do século XVII e início do XVIII, há uma mudança marcante no lugar da criança e da família, segundo Ariès(1986). A organização da família consolida-se em torno da criança, tendo a afeição como necessária entre os cônjuges e entre os pais e os filhos. Com o objetivo de melhor cuidar de suas crianças, a família está recolhida da rua, da praça, da vida coletiva em que antes se encontrava para a intimidade, fazendo desaparecer a antiga sociabilidade.

Um novo sentimento surgido entre os membros da família, principalmente entre a mãe e a criança, caracteriza o que Ariès denominou como "sentimento de família", nascendo simultaneamente com o "sentimento de infância" e inseparável dele.

O que havia antes, porém, era uma indiferença. Os fenômenos biológicos, por exemplo, não eram considerados, levando a não se separar a infância de outras idades da vida; não separando, portanto, crianças de adultos. Era em um contínuo que a vida se dava sem a percepção de rupturas e/ou transformações. Uma preocupação quanto à separação das idades só é reconhecida no processo de ampliação progressiva da escolarização, consolidando-se no final do século XVIII.

O "sentimento de família", segundo Ariès, não foi conhecido durante a Idade Média porque nesse período havia uma concepção particular da família, isto é, a linhagem. Entendida como solidariedade estendida a todos os descendentes de um mesmo ancestral, a linhagem constituía proteção na ausência do Estado, não levando em conta os valores da coabitação e da intimidade.

Para Ariès é preciso voltar ao século XIV para que se assista ao desenvolvimento da família moderna, passando-se a atribuir, paulatinamente através dos séculos, o valor social da linhagem para a família. Quando essa passagem se dá, a família é a "célula social", a "base dos Estados". O "sentimento de família" liga-se à "casa, ao governo da casa e à vida na casa".

No período do *Ancien Règime* as festas eram coletivas e as crianças participavam misturadas aos adultos. Posteriormente, após o surgimento do "sentimento de família", os adultos passam a organizar as festas, a exemplo da festa de São Nicolau (ancestral do Papai Noel) para distrair as crianças.

"Não se trata mais de uma grande festa coletiva, e sim de uma festa de família em sua intimidade; e, conseqüentemente, essa concentração da família é prolongada por uma contração da família em torno das crianças. As festas da família tornam-se as festas da infância."

(Ariès, 1986: 217)

A família afasta-se, assim, cada vez mais da linhagem, da integridade do patrimônio, prevalecendo a "reunião incomparável dos pais e dos filhos". Passa-se a privilegiar

e marcar as semelhanças físicas entre pais e filhos (até nas situações de adoção). A criança é a "imagem viva de seus pais".

Através de uma nova idéia de educação, a sociedade irá preencher o vazio deixado pelo afastamento da criança do convívio com o adulto (lugar tradicional da aprendizagem). A família assume uma função moral e espiritual. A criança, gerada física e espiritualmente pelos pais em sua imagem e semelhança, constitui uma nova função, tornando os pais responsáveis pela criação de seus filhos.

A família moderna é um modelo a ser seguido. Afastar-se dele leva à punição até à excomunhão. Ariès afirma que o "sentimento de família" é uma das manifestações modernas da intolerância à diversidade, surgida com a classe burguesa. Espalhada, progressivamente, no decorrer de nossa história ocidental é erigida como modelo (a melhor forma de viver).

Até o século XVII, no entanto, vivia-se no público: a sociedade prevalecia sobre a intimidade, não havendo lugar para a família enquanto sentimento ou valor. A família "estendeu-se à medida que a sociabilidade se retraiu", "sentimento de família" e sociabilidade eram incompatíveis.

Em Flandrin(1995), encontra-se também um relato histórico, postulando o conceito de família, tal como hoje o entendemos: pais e filhos (família nuclear). Um modelo ideal surgido em data recente na nossa cultura ocidental. Somente no século XVIII, a favor da intimidade familiar,

apresenta-se a família como uma "sociedade natural", considerada lugar privilegiado para a felicidade. Para Flandrin, porém, é possível abordar uma idéia de família antes do século XVIII, separando-a da linhagem, desde que a entendamos para além do "trio pai-mãe-filhos" e teçamos ligações, concomitantemente, com a linhagem (parentesco/afins) e com a "domesticidade" (refeições, divisões do espaço interno, governo da família, regras morais, rituais, etc.).²

Os laços de parentesco, no plano jurídico da sociedade antiga, eram mais fortes do que hoje. Entre os nobres sua força era evidente, porquanto eram

"obcecados pelos seus antepassados, a sua descendência, os seus parentes e os seus afins, porque estes laços de sangue ou de afinidade estavam na base da sua honra, dos seus privilégios, do seu poder, em suma, do seu lugar no topo da sociedade"

(Flandrin, 1995: 55)

Ariès (1986) fixa-se, mais demoradamente nas casas nobres e burguesas pelo papel decisivo que elas possuem na determinação da gênese do sentido de família conjugal da época moderna. Flandrin (1995), por outro lado, fixa-se na história da vida familiar, da camada mais baixa da sociedade, afirmando que esta história praticamente se confunde com o quadro material (com o nível de vida). Já nas elites, a história da vida familiar, alia-se à história da cultura.

² Para Ariès (1986) também havia uma idéia de família que podia ser comparada à nossa família conjugal moderna, estando separada da linhagem. Mas a presença dessa família, de qualquer modo, não era constituída enquanto valor.

É para a camada mais baixa, portanto, que Flandrin pretende dirigir a sua análise histórica, relacionando vida familiar e condições materiais. Analisa, por exemplo, a idéia nascida, por um lado, com o Iluminismo e defendida por moralistas católicos e puritanos, de que os casamentos deviam unir pessoas da mesma condição social, com o consentimento dos pais e sem a necessidade do amor. No século XVIII, por outro lado, as "elites esclarecidas" quiseram instituir o casamento por amor, mas falharam em seu intento porquanto a posição social era sustentada pelo patrimônio material, pela herança familiar. O casamento por amor só virá a acontecer no século XIX, quando o essencial do capital herdado passa a ser o capital cultural e as transformações econômicas da Revolução Industrial permitem as condições materiais necessárias, ou seja:

"(...)a revolução do sistema conjugal só acontecerá depois da revolução do sistema econômico: pois só então o casamento por amor poderá realizar-se sem pôr em causa o que resta das estruturas hierárquicas da sociedade."

(Flandrin, 1995: 181)

No meio popular durante o século XVII, segundo Flandrin, o parentesco "criava deveres, um laço moral e jurídico" vivido como "natural", enquanto sentimentos de afetos brotavam mais das relações de vizinhança e de "ofício". As relações familiares, os laços de parentescos eram menos notados, o que

"Mostra sobretudo a abundância de solidariedade na antiga sociedade em comparação com a nossa, onde a maioria dos serviços se compra e se vende, ou são gratuitamente assumidos pelo Estado. No colapso geral das velhas solidariedades, as solidariedades familiares resistiram melhor, e parecem por isso em certos aspectos mais fundamentais do que antes."

(Flandrin, 1995: 56)³

No século XVIII havia uma ênfase nas relações familiares, caracterizadas pela obediência e respeito de todos os membros ao chefe da família (o pai) que deveria proteger, vigiar e corrigir. Era, entretanto, uma característica da sociedade da época mais do que um sentimento próprio da família baseado no amor. Nos séculos XVI e XVII, eram os "sentimentos dolorosos" e "maus" os predominantes nas relações familiares e não o amor. De acordo com Antoine de Blanchard (apud Flandrin, 1995), eram vários os sentimentos "maus", tais como: inveja, ciúme, aversão, ódio, desejo de morte, etc. Eram também os

"(...)mais partilhados, uma vez que poderiam ser experimentados pelo marido em relação à mulher e pela mulher em relação ao marido, pelos filhos em relação aos pais e pelos pais em relação aos filhos e pelos filhos em relação uns aos outros. Somente os criados seriam incapazes de experimentar ou de suscitar tais sentimentos."

(Flandrin, 1995: 159)⁴

Antoine Blanchard, moralista e confessor, não se inquietava com a ausência dos "bons sentimentos", sua atenção voltava-se para os "maus sentimentos", dando testemunho da "moral de outrora": "uma moral do pecado mais do que uma moral do amor". Observa-se, então, a diferença que nos separa da antiga sociedade, na relação pais e

³ É possível pensar a solidariedade "comunitária", presente no Antigo Regime, em comparação com a família, enquanto grupo solidário primordial, presente na sociedade moderna, a partir da análise histórica e sociológica de Castel(1993; 1998), complementando Flandrin(1995) e confirmando a exclusão historicamente estabelecida, de uma pela outra.

⁴ A argumentação de Flandrin prossegue, justificando estes sentimentos serem encontrados entre os familiares, e não entre os criados, por ser a família uma relação de forte dependência para com a autoridade paterna e devido ao patrimônio em comum. Será feito, posteriormente, uma comparação entre estas relações baseadas em sentimentos "maus" e as que vieram a se estabelecer a partir do amor, conforme Giddens(1993).

filhos, por exemplo, nos sentimentos surgidos e expressos na convivência doméstica⁵. De um lado, os "maus sentimentos" gerados pelo poder total, direito de vida e de morte, que era concedido ao pai. De outro, o dever paterno de proteção baseado no sentimento de amor.

"Na antiga mentalidade, o pai tinha todo poder sobre os filhos, como o senhor sobre os seus escravos; eles pertenciam-lhe em propriedade plena, porque os fizera; ele nada lhes devia. Na nossa mentalidade contemporânea, pelo contrário, o fato de os ter feito confere-lhe mais deveres do que direitos para com eles. Eis uma viragem fundamental dos princípios da moral familiar(...)"

(Flandrin, 1995: 147)⁶

Em *O nascimento da família moderna* Shorter estuda o que chamou de um "surto de sentimento", ocorrido desde o século XVIII, fazendo desaparecer a família tradicional⁷. Esse surto se desenvolve em três áreas: namoro (caracterizado pela busca de felicidade e desenvolvimento individual), a relação mãe-bebê (que passa a se caracterizar pelo bem-estar do bebê acima de tudo) e a relação família comunidade circundante (os laços entre os

⁵ Em Macfarlane (1989; 1990) encontramos uma interpretação alternativa aos autores por nós utilizados. Macfarlane rejeita a idéia de que o sentimento de amor na família seja recente, afirmando a história da Inglaterra como caso exclusivo e prova contrária à posição de autores como Ariès, Flandrin e Shorter.

⁶ A "viragem" nos "princípios da moral familiar" ocorrem paralelamente, e como consequência, às mudanças das relações entre o espaço público e o privado, separando-os na sociedade moderna. Embora separados são espaços complementares e interdependentes. À medida que o público se configura de uma determinada maneira, o privado vai adquirindo suas características, ocorrendo também a influência contrária.

⁷ O autor define o termo tradicional como sendo a disposição de "colocar as exigências da comunidade de que (as pessoas) fazem parte acima das suas ambições e desejos pessoais". O moderno ocorre quando "o desejo de ser livre triunfa sobre as exigências de obediência e conformação por parte da comunidade" (Shorter, 1995).

membros da família reforçaram-se, caracterizando a "domesticidade")⁸.

Na sociedade tradicional, segundo Shorter, o poder da comunidade manifestava-se em sua intromissão no "direito natural e sagrado do matrimônio", na "admoestação dos sexualmente indiscretos", na avaliação e "correção moral geral de pais de família", etc. Hoje esse poder é inimaginável entre os modernos e se o encontrassem seria imediatamente derrubado pelos "cidadãos indignados". A comunidade ainda tem seu papel de influência, mas deixou de ser a legisladora pública da vida em família. No século XX a divisão entre público e privado é nítida. A família tradicional encontrava-se em um espaço físico que desencorajava a intimidade, porque os "elementos heterogêneos" circulavam pelo lar, sugerindo que

"A evolução do casal moderno viria a exigir uma dissolução desta vida colectiva intensa. As camadas de gerações dentro do lar teriam de ser separadas, os membros não familiares afastados à distância de um braço e a própria unidade sentimental reestruturada, tornada mais pequena e menos díspar em termos de idades. E o casal teria que adquirir autonomia suficiente para controlar o seu próprio destino, para calar essa babel de vozes que repisava que os apelos do coração não eram para ser ouvidos."

(Shorter, 1995: 61)

O casamento popular⁹, nos séculos passados, era mantido por razões ligadas à propriedade e à linhagem e desprovido de afeto. Uma "rigorosa demarcação de atribuição de tarefas e papéis desempenhados pelos sexos" realizava o

⁸ Shorter afirma que as mudanças não ocorreram ao mesmo tempo em toda parte, citando a Inglaterra Meridional como precursora. A "Grande Transformação", porém, "instalar-se-ia em toda parte" mais cedo ou mais tarde.

⁹ Como Flandrin, e diferentemente de Ariès, Shorter privilegia a história das classes populares e menos a história da burguesia e da nobreza.

isolamento emocional. O casal moderno pauta-se pelo comportamento expressivo, enquanto o casal tradicional achava-se limitado aos seus papéis, sem "procurar saber se eram felizes".

A partir, porém, do século XVIII os jovens começaram a considerar mais os "sentimentos interiores" para a escolha do cônjuge, desvalorizando aspectos exteriores como propriedade e desejo dos pais. Esta, para Shorter, foi a primeira revolução sexual. A segunda ocorreu nas décadas de 1950 e 1960 quando o objetivo de uma relação estava pautado nos sentimentos e na "experiência romântica para atingir o seu cerne sexual"¹⁰.

O namoro viria a se transformar de um "modo de comportamento instrumental para um expressivo", incorporando duas características: 01 - substituição de um sistema de valores baseado na fidelidade, na cadeia de gerações e na responsabilidade perante a comunidade por um sistema de valores baseado na felicidade pessoal e no auto-desenvolvimento; 02 - cessam os controles da comunidade para com os encontros dos dois sexos (ligado ao desejo de ser livre, de desenvolver a própria personalidade e de realizar ambições pessoais). Pôde o sentimento, assim, tomar o poder em forma de amor romântico.

¹⁰ Shorter trabalha com dados demográficos relativos à ilegitimidade dos filhos nascidos, nesses dois períodos históricos, a fim de caracterizar um comportamento sexual em modificação.

Quando, anteriormente, a comunidade exercia o seu controle, formar um casal era um acontecimento público, sendo o bem-estar individual e a felicidade do casal subordinados às considerações familiares mais vastas. Mesmo que fosse possível uma livre escolha do parceiro, não era imprescindível a presença do afeto. O comportamento era completamente determinado e ritualizado, excluindo, portanto, "qualquer possibilidade de uma transação emocional direta".

Na relação entre o amor romântico e o controle da comunidade, segundo Shorter, está o centro da mudança do "surto de sentimento" que afetou a formação dos casais. Com o romantismo surgem as noções de espontaneidade e empatia, significando, respectivamente: "a capacidade do casal criar suas próprias formas de ternura e afeto e de cada um se colocar no lugar do outro". Essas duas noções implicam em "desvios radicais da tradição". A espontaneidade substitui os roteiros tradicionais pelo diálogo e a empatia quebra a divisão sexual do trabalho, vencendo os papéis desempenhados pelos sexos. O casal afasta-se, assim da comunidade, buscando isolar-se dos "olhares curiosos" e investe na "experimentação e inovação" dos "jogos do amor".

Para Shorter, só é possível entender a formação do que denomina "domesticidade" ("malha de privacidade e intimidade que cerca a totalidade da família"), ao entendermos a nova relação surgida entre mãe e bebê.

O estudo de Ariès sobre os grupos da burguesia e dos nobres quanto à indiferença das mães com seus bebês e suas observações de que essa indiferença começa a ceder nos séculos XVI e XVII é retomado por Shorter com o objetivo de diferenciar-se dele. Primeiro, porque Shorter se ocupa de "gente vulgar"; segundo, porque afirma que essa indiferença permaneceu até o final do século XVIII, sendo que, em algumas regiões da Europa e em diferentes classes, permaneceu até mais tarde¹¹.

A família nuclear toma forma em torno da relação mãe-bebê quando passa a ser predominante o amor maternal. No modelo tradicional a comunidade estava presente nos nascimentos, nos casamentos e nas mortes, atraindo a família para "um mundo mais amplo de interação social". Para não sofrer essa interferência, a "família nuclear teria que erigir paredes de privacidade e isolamento". Quando as relações igualitárias começaram a se difundir, tornou-se intolerável a autoridade patriarcal reforçada pela comunidade. O conceito de "domesticidade" (unidade emocional, privacidade e isolamento da família)

"foi a terceira ponta de lança do grande surto de sentimento nos tempos modernos. O amor romântico desligou o casal do controle sexual comunitário e virou-o para o afecto. O amor materno criou um ninho sentimental dentro do qual a família moderna se aninhava e afastou muitas mulheres do envolvimento com a vida comunitária. A domesticidade isolou, além disso, a família no seu todo de sua interação tradicional com o mundo circundante.

¹¹ Shorter chega a essa conclusão a partir de dados, de várias partes da Europa, relacionados ao aleitamento materno, ao costume de se deixar os bebês com amas-de-leite, ao abandono e morte infantil. O próprio autor levanta questões quanto à utilização de dados que nem sempre podem ser considerados fidedignos de uma época, mas faz essa opção como uma via possível de interpretação da história e não cessa de propor tantas questões que ficam por serem respondidas.

Os membros da família passaram a sentir muito mais solidariedade uns com outros...”

(Shorter, 1995: 244)

A família conjugal perdeu em ocasiões em que se reunia com vizinhos e amigos e passou a privilegiar os encontros com os pais e familiares chegados. Anteriormente o grupo de parentes pouco contava em termos de apoio emocional e mais no apoio material. Agora são os parentes (pais do casal, tios, tias, primos) “que fendem as paredes da família nuclear”. Tais relações tornam ainda mais afastados o privado e o público. Passemos a relacionar como esses dois domínios se constituíram historicamente.

Em Sennett(1993), encontramos uma referência à história das palavras “público” e “privado”. Na língua inglesa, com exemplos no século XV, as primeiras ocorrências da palavra “público” a identificam com o “bem comum na sociedade”. Após setenta anos, acrescenta-se ao sentido da palavra “público”: “aquilo que é manifesto e está aberto à observação geral”. Enquanto “privado” significava “privilegiados, um alto escalão do governo”. Próximo ao século XVII, “público” tinha o sentido de “aberto à observação de qualquer pessoa” e “privado” era “uma região protegida da vida”, abarcando os mais próximos(família e amigos). No século XVIII, a expressão “sair em público” está baseada em uma concepção geográfica, estabelecendo “os padrões modernos de referência”.

Na França, durante o Renascimento, a palavra "público" tinha o sentido do "bem comum e do corpo político", lentamente, tornando-se "uma região especial da sociabilidade". No século XVII, liga-se ao "público-platéia das peças teatrais", composto por um grupo de pessoas de elite. Depois ampliou-se o sentido de "público", no início do século XVIII, porque a cidade tornou-se "um mundo" formado pelos mais diversos grupos.

O homem tornou-se "cosmopolita", isto é, aquele "que se movimenta despreocupadamente em meio à diversidade, que está à vontade em situações sem nenhum vínculo nem paralelo com aquilo que lhe é familiar". O "público" passou a ter um significado de "uma vida que se passa fora da vida da família e dos amigos íntimos".

A estas mudanças de linguagem correspondiam mudanças de comportamento, criando discursos e modos de vestir, por exemplo, que identificavam a separação entre o "público" e o "privado". Criava-se, assim, uma tensão entre as "exigências da civilidade" ("público"/"cosmopolita") e as "exigências da natureza" (família), sendo procurado, inicialmente, mantê-las em estado de equilíbrio.

Paralelamente ocorriam transformações com o advento do capitalismo industrial, no século XIX, pressionando a sociedade burguesa para a privatização dos modos de produção e "mistificando" a vida material em público (principalmente pelo aspecto do vestuário - produção

e distribuição em massa). Ocorrem o desgaste da "ordem pública" e a necessidade de se proteger contra ela. Por consequência,

"a família vai se revelando cada vez menos o centro de um região particular, não-pública, e cada vez mais como um refúgio idealizado, um mundo exclusivo, com um valor moral mais elevado do que o domínio público."

(Sennett, 1993: 35)

Sennett começa estudando o mundo público do Antigo Regime, passa pelo século XIX até chegar aos dias atuais em que a sociedade se torna "intimista". O autor procura, a partir da história do surgimento e declínio da cultura pública, questionar a presente sociedade.

"A crença hoje predominante é que a aproximação entre as pessoas é um bem moral. (...) (acompanhando o surgimento de) uma ideologia da intimidade: relacionamentos sociais de qualquer tipo são reais, críveis e autênticos, quanto mais próximos estiverem das preocupações interiores psicológicas de cada pessoa. Esta ideologia transmuta categorias políticas em categorias psicológicas. Essa ideologia da intimidade define o espírito humanitário de uma sociedade sem deuses: o calor humano é nosso deus."

(Sennett, 1988: 317)

Concentrar-se na intimidade tem como efeito, no domínio público, a geração de uma oportunidade em que pessoas se revelam umas às outras. Constitui, assim, a impossibilidade para o uso da fraternidade, sem apelo ao pessoal, como condição de transformação das condições sociais. A idéia de comunidade passa a ser aquela que é definida pelo conjunto dos íntimos. Quem não pertence à comunidade é excluído com a justificativa de querer "apagar a impessoalidade nas relações sociais". Relembremos Ariès com essa afirmação de Sennett: "quanto mais intimidade,

menor é a sociabilidade". Para ambos a supervalorização da intimidade e da privacidade é o negativo da convivência com a diferença no domínio público, chamando-nos a atenção para o que se perde nesse jogo entre intimidade e sociabilidade, quando a primeira sai ganhando.

"Aquilo que precisamente se perde com essa celebração (a do gueto) é a idéia de que as pessoas só podem crescer através de processos de encontro com o desconhecido. Coisas e pessoas que são estranhas podem perturbar idéias familiares e verdades estabelecidas; (...) (oferecendo) a mais valiosa de todas as lições humanas: a habilidade para colocar em questão as condições já estabelecidas de sua vida."

(Sennett, 1988: 359)

O declínio do mundo público, no século XIX competia com o "crescimento contraditório" da esfera psicológica: "as tentativas para criar comunidade em cidades são tentativas para se transformar valores psicológicos em relações sociais". A expectativa é que as pessoas possam nessa comunidade (do território em comum) criar relações próximas (face a face). As cenas íntimas e afetivas, assim, passam-se mais comumente no interior da família. Vizinhos e amigos quase não aparecem, os parentes às vezes. A intimidade, então, é uma "tirania" na vida diária.

A família, por conseqüência, na modernidade, além de ser o lugar privilegiado para o domínio da intimidade é também o agente ao qual a sociedade confia a tarefa da transmissão da cultura, consolidando-a na personalidade.

"A união de amor e disciplina nas mesmas pessoas, mãe e pai, cria um ambiente fortemente carregado, no qual a criança aprende lições que nunca esquecerá - não necessariamente as lições explícitas que seus pais desejam que conheça. (...) os pais encarnam o amor e o poder, e cada um dos seus atos transmite à criança, de forma totalmente independente de suas intenções manifestas, os preceitos e as obrigações mediante os quais a sociedade trata de organizar a experiência. Se a reprodução da

cultura fosse apenas uma questão de disciplina e instrução formais poderia ser deixado a cargo das escolas. Mas também é necessário que a cultura esteja incrustada na personalidade."

(Lasch, 1991: 25)

Foi no final do século XVIII que o "sistema familiar burguês" já estava estabelecido na Europa Ocidental e nos Estados Unidos (Lasch, 1991). Suas características principais eram: um arranjo entre as duas partes envolvidas, um período de noivado com um mínimo de interferência (vivido com moderação sexual na ausência da supervisão adulta). Esse sistema provocou muita "tensão sexual e inadaptação", já que o futuro casamento estaria baseado na intimidade e no amor, mas não havia uma prática anterior ao casamento que pudesse preparar o casal. Ao longo do tempo, com a chegada dos filhos, surgiria outra fonte de sobrecarga emocional: a relação entre pais e filhos. Lembremos que as crianças ocupam papel central nessa família e são da responsabilidade dos pais. Uma outra fonte de tensão encontra-se no papel da mulher, ao mesmo tempo "degradada e exaltada" nesse novo sistema familiar¹². As mulheres precisavam ser "educadas" para criarem seus filhos, precisavam ser companheiras de seus maridos e executar as tarefas domésticas. "Desta maneira, a domesticidade burguesa deu lugar à sua antítese: o feminismo." Ao domesticar a mulher, provocou-se uma "desordem geral". Surgiram aspirações ao crescimento

¹² Outro estudo histórico é o realizado por Donzelot (1986) sobre a penetração de agentes externos ao ambiente da família, visando a sua moralização. Para com a mãe possuem uma dupla avaliação: aliada e necessitada.

peçoal, às quais o casamento e a família não podiam satisfazer, provocando uma crise do casamento desenvolvida no final do século XIX. Tantas tensões no interior da família levaram-na à busca dos especialistas que consideravam os pais inaptos e necessitados de suas informações.

Em nosso século, nos anos vinte, surgem novos fatos que, segundo Lasch, foram vistos como um "colapso na ordem pública", tais como: jovens desajustados e revoltados e uma "revolução no comportamento e na moral". Era a "influência combinada da publicidade e das 'profissões assistenciais'" o acontecimento que estava por trás desses novos comportamentos, liberando "as pessoas de antigas coações" e expondo-as às "formas mais sutis de controle". Os atos mais íntimos passaram a ter uma publicidade sem precedentes. A insistência na privacidade do sexo e do casamento era uma tentativa de manter a "família como a última fortaleza da espontaneidade". O saber especializado do médico visava a "eliminar do matrimônio, do amor e do sexo precisamente o irregular, o imprevisível, o incontrolável" ("suposta técnica científica" que geralmente julgava a "performance" sexual como deficiente).

"O legislador e o sacerdote se retiraram da supervisão sexual apenas para abrir caminho para o médico, cuja supervisão era muito mais cuidadosa. As velhas autoridades haviam proscrito os atos que ameaçavam a estabilidade da comunidade; deixaram o resto ao critério de cada um. Os médicos, por outro lado, visavam assegurar a estabilidade psíquica do indivíduo e por isso nada escapava do seu olhar. O desencantamento da vida erótica dissipou muitas superstições, mas reduziu-a a uma rotina. O estabelecimento de uma jurisdição médica e industrial

sobre o casamento frustrou assim o seu próprio objetivo - reforçar o último reduto de privacidade."

(Lasch, 1991: 44)

A idéia da família conjugal, portanto, na sociedade ocidental moderna, passou a ter como principal característica o "conceito de vida doméstica como refúgio emocional em uma sociedade fria e competitiva" (Lasch, 1991), separando vida pública da vida privada. Estabeleceu-se, porém, uma contradição, porquanto na insistência do discurso especializado, centrado na intimidade, o público invadia o privado. Encontramos, assim, uma exemplificação da tensa relação entre estes domínios, pela invasão do público na família através da intervenção de especialistas, visando à preservação do domínio privado, mas às expensas deste:

"A socialização da produção - sob o controle da indústria privada - proletarizou a força de trabalho da mesma maneira que a socialização da reprodução proletarizou a paternidade, tornando as pessoas incapazes de prover suas próprias necessidades sem a supervisão de especialistas profissionais."

(Lasch, 1991:42)

Levantamos algumas indicações desta ligação entre público e privado que formam a idéia de família conjugal moderna e que nos possibilitam encaminhar a nossa reflexão quanto ao papel da Terapia de Família, vinculando-o a um contexto social específico, isto é, o da modernidade. Seguindo nossa argumentação indicaremos uma possível

relação entre a vida familiar baseada na intimidade e a noção de democracia, nos dias atuais¹³.

A família nuclear, guardadas as diferenças entre as diversas culturas, é norteadada pela intimidade. Para Giddens(1993), a transformação da intimidade vem ocorrendo desde o século XIX, quando se levou em consideração outros valores, além do econômico, para a formação dos laços matrimoniais. Foram difundidas idéias de amor romântico, principalmente entre a burguesia, libertando o matrimônio de laços de parentescos mais amplos.

Hoje, a "intimidade" se define pela via do "relacionamento puro", isto é, nada externo ao relacionamento pode determinar seu início ou continuidade (Giddens, 1993). Foi a noção de amor que veio decidir, historicamente, o destino do casamento e dos relacionamentos familiares, trazendo, na radicalidade dos dias atuais, o direito à escolha. Dessa forma, a idéia de democracia infiltra-se na idéia de família, significando que tudo pode ser dito, todos têm direito a participar das decisões, escolhas diferentes podem ser feitas, etc. Giddens ressalta que este tipo de família deve ser baseado no respeito mútuo. Assim, ele a define enquanto modelo presente e futuro.

¹³ Macfarlane (1989; 1990) poderia ser mais uma referência para pensar as relações entre público e privado constituindo a família: um estudo histórico e antropológico, da sociedade inglesa(de 1300 a 1840), em que se verifica como o espaço público determina o casamento e este, por sua vez, tem um papel a cumprir na sociedade. O casamento estudado é o chamado Malthusiano em sua forma de adaptação ao capitalismo, relacionando aspectos demográficos, mercado de trabalho e condições de subsistência da população.

A idéia da "sexualidade plástica" é central no "relacionamento puro" e na emancipação da mulher no seu direito ao prazer. A "sexualidade plástica", sendo um traço da personalidade, intrinsecamente "vinculado ao eu", é libertária, não se regulando por nenhum modelo exterior ao da intimidade. Ao contrário do que vimos em Sennett, a intimidade é vista como um acontecimento histórico positivo e

"...implica uma total democratização do domínio interpessoal, de uma maneira plenamente compatível com a democracia na esfera pública. (...) A transformação da intimidade poderia ser uma influência subversiva sobre as instituições modernas como um todo. Um mundo social em que a realização emocional substituísse a maximização do crescimento econômico seria muito diferente daquele que conhecemos hoje. As mudanças que atualmente afetam a sexualidade são, na verdade, revolucionárias e muito profundas."
(Giddens, 1993: 11)

Giddens é um árduo defensor da intimidade ao afirmar que pela via da democracia, crucial ao domínio público, a vida privada também se beneficia e estende a vivência da diversidade ao casal, aos pais e filhos, aos parentes e amigos. Em uma interpretação contrária, há uma perda a ser considerada, conforme nos acenam Sennett e Ariès, no que tange a uma experiência coletiva e social, abrangendo todos, não somente os íntimos. Mas Giddens insiste quanto ao ganho do rompimento com a tradição, permitindo a criação de novas formas de viver. A respeito disso, ganhando e/ou perdendo, Shorter nos traz suas lembranças familiares: "Era o que a minha mãe dizia: nada é de graça neste mundo" (Shorter 1995: 286).

Esta é, portanto, a concepção moderna que funda as relações familiares, baseando-as na comunicação livre e aberta (diálogo) e na democracia.

Tendo chegado a este ponto, voltemo-nos para a Terapia de Família. Não queremos reduzi-la ao diálogo pautado na democracia (direito iguais para todos), mas essa visão das relações familiares é fundamental para que seja possível reunir uma família em sessão terapêutica com um especialista e com o objetivo que todos tenham voz e decidam quanto ao rumo de seus problemas. Em uma visão tradicional isso não seria possível.

Note-se a diferença marcante com a família permeada pelos "maus sentimentos" (século XVI e XVII), segundo Flandrin (1995), já que, ao contrário do que o amor veio significar para as relações familiares atuais, os "maus sentimentos" estavam vinculados a uma rígida relação com a autoridade paterna e uma dependência, praticamente inalterável, entre os membros da família. É interessante observar como sentimentos e relações familiares são estabelecidos a partir de contextos sociais específicos e como podem ser transformados historicamente. Sem entender, é claro, que haja uma relação causal linear, mas, outrossim, uma "invenção" dos sentimentos que é historicamente condicionada e, por isso mesmo, despojada de um caráter absoluto.

Abordamos, resumidamente, como obtém-se, historicamente, uma nova organização da família, o que nos permite observar o nascimento do "sentimento de família" aliado ao "sentimento de infância", levando à nuclearização da família (casal saudável com seus filhos, também saudáveis, em torno). O relato histórico é interessante à medida que contrapõe-se à idéia da família conjugal moderna como natural. As formas variam de acordo com o contexto histórico e cultural¹⁴.

3 - Modelo de família e intervenção terapêutica

Entendemos que o modelo de família está relacionado com e determina a intervenção terapêutica. Originalmente, a Terapia de Família, orientada pela Teoria dos Sistemas (anos 50 e 60), é, quase exclusivamente, influenciada pelo modelo de família conjugal constituído na modernidade. No decurso de suas formulações posteriores, entretanto, esse modelo começa a ser questionado principalmente em sua característica nuclear, preservando noções como as da intimidade, privacidade e posicionando-se de diferentes maneiras frente à composição familiar que irá ser parte do contexto da intervenção. Uma das principais fontes iniciais

¹⁴ Optamos fazer uma abordagem histórica da construção do modelo ocidental de família, excluindo, nesse momento, uma abordagem comparativa entre diferentes culturas, inclusive a brasileira, e as variadas formas de adaptação a esse modelo. Já realizamos, em parte, um trabalho com esse objetivo (Ponciano, 1998). Quanto ao Brasil, lembramos de Costa (1989) e Figueira (1987). Uma história da família, comparando-se diversas culturas, é desenvolvida em uma coleção organizada por Burguière (1996). Em Nicola (1998), encontramos uma referência da relação entre a proposta de terapia e as diferenças culturais quanto às famílias.

de questionamento e transformação para a Terapia de Família encontra-se no movimento feminista (a partir da década de 80).

A seguir, ao exemplificarmos com o relato dos entrevistados¹⁵, poderemos contar a história da Terapia de Família, na cidade do Rio de Janeiro, em comparação com alguns autores e movimentos históricos da Terapia de Família, relacionando dois aspectos: os modelos de família e as noções de especialista.

A cada exemplo, então, poderemos contar um pouco dessa história. Começaremos com duas das falas dos entrevistados que nos darão ensejo para vinculá-los a uma tradição na Terapia de Família que privilegia a família nuclear, fundada no biológico, na união heterossexual e na procriação. Pode-se entender o que se convencionou chamar família com um sentido único, talvez compreendendo que "novas formas" devam receber novas denominações, diferenciando-as da família conjugal.

"Só acontece família com filho. A estruturação da família pra mim necessita ter duas gerações. (...) Então, pra mim a formação básica da família é três pessoas, necessariamente duas gerações diferentes..."
(2)

"Junção de um homem e uma mulher. Não vou entrar nas novas organizações familiares. É junção de um homem e de uma mulher e o nascimento de um primeiro filho. União de um homem e uma mulher e o nascimento do primeiro filho. É isso. Nascimento ou adoção do primeiro filho."
(8)

¹⁵ Uma especificação mais pormenorizada quanto aos entrevistados será desenvolvida no capítulo quatro. A numeração que aparece aqui corresponde a identificação que estabelecemos.

Encontramos em Salvador Minuchin um modelo de família predominantemente nuclear, fundamentado no biológico. Psiquiatra Argentino, radicado nos Estados Unidos é um dos pioneiros da Terapia de Família e defensor de uma proposta terapêutica que se mantenha estreitamente ligada à uma idéia de família¹⁶. Podemos observar, em suas definições de família, várias dimensões tais como: social, biológica, psicológica e informacional (no sentido de troca com o meio externo - Cibernética). Nas duas citações a seguir essas várias dimensões aparecem, fornecendo um modelo específico de família.

"A família é (...) um grupo social natural, que governa as respostas de seus membros aos *inputs* de dentro e de fora. Sua organização e estrutura peneiram e qualificam as experiências dos membros da família. Em muitos casos, pode ser considerada como a parte extracerebral da mente."

(Minuchin, 1990a: 16)

"A família é uma unidade social que enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento. Estas diferem junto com parâmetros de diferenças culturais, mas possuem raízes universais."

(Minuchin, 1990a: 25)

Analisemos, juntando partes das citações acima: 1º - "grupo social natural" e "unidade social que enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento". Com essas afirmações Minuchin reúne a função social da família às suas funções

¹⁶ A formação de Salvador Minuchin se dá em vários países, incluindo Israel e terminando nos Estados Unidos. Inicialmente como psiquiatra infantil teve como professor Nathan Ackerman (outro terapeuta de família pioneiro). Em sua formação como terapeuta de família, porém, Minuchin elaborou uma teoria própria juntamente com seus colegas da *Wiltwyck School* (escola para garotos delinquentes), onde começaram a atender famílias em meados dos anos cinquenta. Minuchin deixa essa escola para se tornar diretor da *Philadelphia Child Guidance Clinic*, uma clínica de orientação infantil, na qual realiza importantes pesquisas. Paralelamente, Minuchin conhece pessoalmente os pesquisadores de Palo Alto, outro grupo de pioneiros da Terapia de Família, travando uma intensa troca com Jay Haley, especialmente. Seu "mapa estrutural" de uma família saudável é o mais influente no campo (Nichols, 1998; Minuchin, 1990a; 1990b; 1995a; Elkaïm, 1998a).

biológica e psicológica (quanto ao desenvolvimento - Ciclo de Vida). Assim, a família possui dois objetivos: "Um é interno - a proteção psicossocial de seus membros; o outro é externo - a acomodação a uma cultura e a transmissão dessa cultura." (Minuchin, 1990a: 52). 2º - A família (grupo social) "governa as respostas de seus membros aos *inputs* de dentro e de fora" e "pode ser considerada como a parte extracerebral da mente". São duas afirmações vinculadas à Cibernética, à Teoria Geral dos Sistemas e à Teoria da Informação que, basicamente, são teorias surgidas no contexto da física e da biologia e utilizadas pelos pioneiros da Terapia de Família. A influência dessas teorias será abordada no próximo capítulo. No momento, porém, importa ressaltar uma marca encontrada nas formulações de Salvador Minuchin: dizer que a família é a "parte extracerebral da mente", respondendo "aos *inputs* de dentro e de fora" significa que a família é entendida como um sistema aberto em transformação, semelhante a um ser vivo, como também a ênfase desloca-se do indivíduo isolado para a relevância da relação¹⁷.

Minuchin é insistente quanto à importância do terapeuta de família possuir uma definição teórica de família que permita ser vinculada à idéia de intervenção terapêutica. Sendo assim, é considerado um dos teóricos

¹⁷ Nosso desenvolvimento, em capítulo subsequente, abordará mais detidamente essas noções, especialmente, quanto à idéia de mente como Caixa Escura em que só se pode observar a entrada e a saída de informações, excluindo a noção de intrapsíquico em prol da relação.

mais influentes na Teoria dos Sistemas, porquanto sistematiza uma teoria e uma técnica específica para o atendimento à família. Sua abordagem, conhecida como a Escola Estrutural, fundamenta-se em uma intervenção voltada para os aspectos do Ciclo Vital (biológico, psicológico e social) em que a família se encontra, buscando determinar fronteiras que possam construir a identidade da família e de seus membros. Para tanto, é necessário que o casal, ao se constituir, consiga separar-se de suas relações anteriores, principalmente com os respectivos pais, isto é, "o investimento no casamento é feito a expensas de outras relações". Portanto, o casamento é um primeiro momento em que os participantes irão confirmar ou não suas novas identidades ("um contexto poderoso para confirmação e desqualificação"; "refúgio para as tensões de fora" - Minuchin, 1990b: 27).

A Terapia de Família visa a separar as fronteiras com o exterior nos casos em que o casal tenha essa dificuldade específica. Com a chegada dos filhos o casal adquire uma nova função: a parental. ("... a família é uma instituição para educar as crianças (...) a vida da família depende de um sólido vínculo de casal" - Minuchin, 1995a: 202). É nesse momento que surgem, mais especificamente, as tarefas ligadas à socialização e a família exerce o seu lugar de "matriz da identidade", possibilitando aos seus membros a experiência de pertinência a um grupo assim como a

experiência de sua separação (autonomia). Entre pais e filhos, como entre o casal e o mundo exterior, é preciso existir fronteiras bem definidas e reguladas por regras que determinam quem participa e como das relações familiares. É, sem dúvida, uma definição da família conjugal constituída na modernidade.

Um dos entrevistados faz eco a essas formulações, concordando que família é necessária como grupo social com a função de cuidar de um ser dependente biológica e psicologicamente. Com as mudanças impostas pela tecnologia, a família pode mudar, mas a sua necessidade, enquanto grupo social que cuida de um ser dependente, permanecerá. Outras formas de cuidado, então, poderão surgir, mesmo que os papéis familiares não permaneçam os mesmos, permanece a idéia de proteção do grupo que formará as identidades.

"... a gente necessita do relacional pra saber até quem eu sou. No meu referencial a família é necessária, importante para as organizações sociais. Não acho que é uma coisa falida, eu acho que ela tá mudando as suas formas de constituição. Necessária e importante porque nós nascemos e a gente vem de um pareamento, se a gente pensar também em termos biológicos, um pareamento que nos faz ser um serzinho humano que é totalmente dependente e ele precisa de um grupo pra dar consistência a esse ser dependente, pra ele vir a se desenvolver e poder ser um indivíduo. Então a existência do grupo constituído pra dar continente pra que esse ser venha a se desenvolver nunca vai deixar de existir, sempre existiu e sempre vai existir. (...)Então quando a gente pensa agora nessa reprodução assistida, bebê de proveta, clone, vai existir talvez novas estruturas de grupo.(...) o ser humano é o animal que maior número de anos precisa do outro pra existir, pra sobrevivência... (...)O organismo só sobrevive se tiver alguém cuidando. (...)E isso também ocorre na parte psicológica. Ele precisa de um grupo pra provar a existência dele,

comprovar a existência dele e dá identidade àquela existência. (...) Então, o núcleo que eu chamo de familiar é um grupo de pessoas que vão receber esse elemento e na hora que recebe esse elemento cada um define um papel, um que vai cuidar dessa forma, um que vai cuidar daquela forma (...) Talvez no futuro não seja pai, mãe e filho, possa ser outras coisas. O ser humano precisa dessa estrutura... ela vai mudar mas nunca vai sair de foco." (6)

Com essa breve caracterização da Abordagem Estrutural é possível visualizar a ênfase na família nuclear e em uma concepção claramente moderna, na qual a família é considerada a melhor maneira que se tem para criar indivíduos autônomos com estabilidade em um mundo em constante mutação. Ela é tanto proteção contra o mundo exterior, como o meio mais eficaz de manutenção da sociedade. A família nuclear, contudo, é vista como ameaçada diante da sobrecarga de suas funções, mas essa ameaça coloca em risco, para Minuchin, todo o mundo Ocidental (Minuchin, 1990b). Essa visão da família corresponde ao que já pudemos observar quando abordamos autores como Sennett e Lasch, caracterizando a família como refúgio do mundo público. Um dos entrevistados apresenta como entende a família, ressaltando esse aspecto nuclear e de proteção:

"...as pessoas estão dentro dessa cultura... que eu não sei se vai acabar...elas se agregam é que precisam de um pacto de solidariedade, cumplicidade, um oásis, do anonimato do mundo digamos fora. Então eu acho que as pessoas vão se vinculando e escolhendo os seus parceiros por essa jornada, né? Por essa caminhada ao longo da vida. Eu acho que aí é importante quer dizer ter esse núcleo pra ir gerando uma outra geração e acompanhar essa outra geração..." (4)

A "família ampla", por sua vez, é uma forma bem adaptada a situações de estresse e carência", na qual as funções são compartilhadas envolvendo membros da família extensa. Essa forma de funcionar é entendida por Minuchin como uma resposta às situações de pobreza, podendo caracterizar estruturas familiares patogênicas (fronteiras não definidas) ou não. Minuchin é conhecido pelo seu trabalho com famílias carentes que se pauta pela Abordagem Estrutural, conforme o já explanado. Portanto, mesmo considerando esse tipo diferente de família sua intervenção sempre privilegia uma constituição familiar que defina suas fronteiras ao constituir-se em separado, como nuclear. Relações com o exterior devem ser condicionadas pelo estabelecimento de fronteiras. Afirma o autor:

"Prefiro trabalhar com a família nuclear, algumas vezes modificando a composição do grupo (diferentes subsistemas: casal, pai e filho, irmãos, etc.). (...) Em algumas famílias (porém), o trabalho com membros significativos da família ampla é importante."

(Minuchin, 1990a : 139)

Em outro texto (Minuchin, 1990b), ao abordar o trabalho com famílias amplas relativiza a afirmação anterior, sugerindo ao terapeuta uma maior flexibilidade para não separar, completamente, uma avó e seu neto, por exemplo, quando a avó cumpre funções parentais. É necessário observar a diferenciação das funções sem, necessariamente, transformar essa família em nuclear. O que talvez implicasse em uma separação mais prejudicial do que terapêutica. "A influência da família extensa nas funções

da família nuclear nunca deverá ser subestimada" (Minuchin, 1990b: 61)¹⁸.

Em outra situação, a das famílias que se constituem através de um segundo casamento, encontramos a mesma ênfase quanto à delimitação das fronteiras. Dessa vez, porém, referidas às relações entre pais e filhos.

"Os estudos sobre famílias por recasamento mostram a importância crítica de se reforçar os vínculos entre os parceiros recasados e não deixar que as clamorosas necessidades dos filhos destruam a intimidade do novo casamento. Cada novo casal precisa ter um tempo para namorar sozinho (tempo para as crianças serem crianças e para os casais ficarem sozinhos)."

(Minuchin, 1995a:203)

Outro de nossos entrevistados também vê a família como uma união heterossexual visando à procriação, mas levanta a questão trazida pelas "novas formas" que não se enquadram nessa visão.

"A família sempre se forma com a união de duas pessoas, sendo essa união oficializada ou não. (...) Tradicionalmente essa união se deu entre diferentes sexos, mas atualmente existem certas uniões que estão se dando até entre homossexuais que adotam filhos e que dessa forma estariam concebendo núcleos familiares é... chamados atualmente de novas famílias. Mas, tradicionalmente a família forma, né? Se institui a partir da união de duas pessoas, tradicionalmente, de sexos diferentes com a intenção de compartilhar um projeto de vida em comum e muitas vezes com a intenção de terem filhos em comum." (7)

¹⁸ Nossos entrevistados não mencionam diretamente um trabalho que seja feito com a família ampliada. Não temos certeza que não o façam porque não pedimos exemplificações de casos clínicos. Uma entrevistada, porém, menciona, como seu mais novo campo de pesquisa e intervenção, o trabalho com rede social que está para além da família ampliada e inclui amigos, vizinhos entre outros. Não abordaremos a história do conceito Rede Social, ficando adiado para um futuro próximo. Ressaltamos, porém, sua importância quanto à relativização da família nuclear enquanto formadora de indivíduos (central para a socialização), assim como, é uma forma de relativização do papel do especialista. A rede social, no campo da Terapia de Família, ao ser considerada como determinante para a saúde individual e familiar torna o saber do especialista a ela subordinado (Bott, 1976; Speck, 1973; Sluzki, 1997a).

Pensar as situações de recasamento e de casais homossexuais, porém, já é fruto de um outro momento histórico da Terapia de Família, quando várias escolas haviam-se consolidado e uma nova revolução sexual se realizava na sociedade (anos 60/70), levando aos questionamentos vindos, principalmente, do movimento feminista (Nichols, 1998). A Terapia de Família considerada feminista oferece uma interpretação renovada quanto à ligação das interações dos membros da família e o sistema social mais amplo. Busca relativizar, assim, a família nuclear, apontando para outras formas como, por exemplo, famílias monoparentais, famílias compostas por homossexuais e seus filhos, etc. (Perelberg, 1994; Goodrich, 1990).

“Os arquitetos da terapia familiar norte-americana das décadas de 1950 e 1960 (com exceção de Virginia Satir) eram todos homens, brancos e oriundos da classe média. As teorias que esses homens desenvolveram concernentes à estrutura familiar, sua função e patologia são um reflexo das limitações que lhes foram impostas e as perspectivas por eles assumidas por sua identidade sexual. Para eles, a família era definida segundo a presença de um casal heterossexual e sua prole. A maior parte das outras formas de composição familiar ou era encarada como patológica ou era simplesmente invisível para eles.”

(Rampage, 1998: 190)

Comparemos a citação acima com as afirmações de um dos “arquitetos da terapia familiar”, Nathan Ackerman:

“Em algumas famílias, há uma inversão dos papéis sexuais. A mulher domina e toma as decisões: ela “veste as calças”. O pai é passivo e submete-se para evitar discussões. A mãe impulsiona o pai para muitos deveres maternos... Tendências como essas têm tido um efeito incomensurável na distorção das funções da maternidade e na perturbação do desenvolvimento sexual e emocional da criança. (pp.172-173)... Ele (o pai) foi despojado de toda a imagem de autoridade arbitrária na família. Seu poder de disciplinar e punir os ofensores da família, sejam eles a esposa ou a criança, foi extremamente reduzido. (P.79)”

(apud Nichols, 1998: 82)

Recordemos a ênfase que os especialistas colocaram, historicamente, sobre a relação mãe - filhos, considerando-a fundamental para a saúde, principalmente dos últimos, e extremamente necessário a educação da primeira para cumprir suas funções. As afirmações de Ackerman interessa-nos por representar uma defesa da família, mais do que de seus membros, que deve ser liderada pelo autoridade do pai. Essa família, no entanto, enfrenta dificuldades por estar atravessada pelo "vírus" da democracia em que principalmente a mulher se acha contaminada, vestindo calças, querendo trocar de papéis. Ficamos a imaginar que tipo de intervenções podem se dar a partir de afirmações como as acima citadas.

As feministas conservam e ressaltam características nascidas com a família nuclear, apesar dela, como a idéia de liberdade e intimidade, visando a assegurar a experiência da diversidade. Dizem não ao modelo fixo e desejam democratizar ainda mais a família, admitindo que os pais devem ter autoridade sobre seus filhos, mas sempre respeitando a igualdade entre os sexos. As relações familiares são vistas como fundamentalmente baseadas na igualdade e no respeito; no mais, vale tudo (Giddens, 1993). Conservando valores para a família moderna, as feministas na Terapia de Família mudam sem mudar.

Está dado o questionamento da família nuclear, permitindo o surgimento de novas formas. Mas permanece a

necessidade de se definir o que seria a família saudável, visando a orientar o trabalho terapêutico.

"A partir de uma perspectiva feminista, a família saudável é aquela em que seus membros se encontram comprometidos com o estímulo do potencial de todos, com a evitação de todo tipo de exploração interpessoal e com o recíproco oferecimento de apoio, cuidados, assistência e afeição."

(Rampage, 1998: 203)

O exemplo seguinte demonstra como variadas posições podem estar presentes em um mesmo terapeuta, demonstrando a dificuldade atual no campo em que é preciso uma definição da família. Enquanto há tantas possibilidades de formas relacionais permanece uma visão da família como só ocorrendo quando surge um filho.

"Família é o sistema que está na minha frente(...). É o sistema de relações que está acontecendo diante do terapeuta (...), mas acho que existem outras maneiras de ver, diferentes formas de relação ocorrem (...) família só existe quando tem filho (...) Não necessariamente são os genitores que estão com a criança pode ser pais adotivos, pode ser outras formas, recasamento ... há uma enormidade de relações familiares. (1)

A fim de continuarmos exemplificando com as afirmações de nossos entrevistados, apresentaremos outro autor da Terapia de Família que se relaciona com os próximos exemplos. Maurizio Andolfi é italiano, neuropsiquiatra infantil, formando-se como terapeuta de família no início da década de 1970 nos Estados Unidos com professores como Ackerman, Minuchin e Bowen. Andolfi, professor universitário e formador de terapeutas de família em Roma, ganha em originalidade ao juntar referências como, por exemplo, a Teoria Estrutural (com sua ênfase no presente) e

a Teoria sobre os Sistemas Familiares de Bowen (voltada para o passado e a família de origem - campo emocional que abarca três gerações) (Andolfi, 1998; 1996). O resultado, ou o que seria essa junção, pode ser observado na fala seguinte, e em uma citação do autor, na qual a família é um fator determinante (biológico e simbólico) na formação do indivíduo (pertinência e autonomia), mesmo quando, por ele, não foi conhecida.

Temos, assim, uma visão sutilmente diferenciada da formação da família moderna, já que propõe uma saída da família nuclear, e acentua enfaticamente a importância da família de origem, porquanto sua influência se faz até na ausência. As relações nucleares relativizam-se diante das histórias das gerações anteriores, não se diluindo completamente.

"É... o indivíduo entra pra uma família quando nasce e só sai dela quando morre. (...) Não existe distância geográfica, não existe distância afetiva e não existe nada que deixe, que faça que uma pessoa deixe de ser membro de uma família. (...) Então, você faz o genograma da família você vai encontrar traços de sua família de origem com certeza, mesmo que essa família renegue. (...) Mesmo com famílias adotivas é... aonde eu também quando eu faço o genograma eu incluo o adotado, a família adotiva e família biológica. (...) Mesmo o adotado que teve um contato com a família biológica de repente por dez minutos, aquela família tem uma influência ali. A família biológica tem uma influência na vida dessa criança adotada. Não tô dizendo que uma influência negativa nem de problema não. Mas uma influência que você faz um estudo você encontra traços." (3)

Relacionemos com uma citação de Andolfi:

"Quando falamos de família não podemos nos limitar a pensarmos em termos de genitores e filhos, devemos sempre ter uma visão mais ampla que leve em consideração às gerações anteriores e as

regras sociais próprias de cada época. De fato, a história das gerações que precederam o indivíduo é cheia de significados, mesmo quando não se atinge diretamente: é possível obter informações a partir das narrações dos próprios genitores, de seus hábitos de vida e de objetos que clarificam suas relações passadas, além disso, reexaminar a imagem de uma figura parental, mesmo que física ou emotivamente distante do núcleo familiar e torná-la viva dentro da dinâmica familiar, pode permitir uma releitura dos eventos.”

(Andolfi, 1996: 56)

Para outro entrevistado a família é vista como sendo formada por um padrão (biológico e simbólico), também construído em gerações anteriores, mas que vem sendo questionado com as novas tecnologias que permitem a geração de seres com histórias não convencionais e que, dificilmente, poderão ser compreendidos através das visões anteriores.

“...Eu acho que nós somos herdeiros da história dos nossos antepassados. É... então a gente carrega essa bagagem, né? Acho que a família se forma a partir das histórias que as famílias vão contando não importa por onde. Seja pelo silêncio, seja pelas narrativas, né? Porque nem todas as famílias contam. Aliás a maioria das famílias não contam, né? Mas isso vem. Vem pelo corpo, vem pelo inconsciente... não importa qual inconsciente a gente nomeie. Mas eu acho que teoricamente eu diria que as famílias... ahn... as famílias são montadas a partir de um padrão geracional, da herança. (...)eu acredito na coisa da herança trigeracional. (...)Enfim, as histórias da memória. (...)de repente dá um clic e de onde eu vim, de onde eu nasci. Eu acho que agora a gente já tá num momento importante de bebê de proveta, de bebê de barriga de aluguel, onde a família tá questionada em termos dessas premissas que eu tô trazendo. Então a gente tem agora desafios importantes para lidar com seres humanos.” (5)

Outras características já mencionadas quando nos referimos a Minuchin se encontram nas formulações de Andolfi. Citaremos, então, alguns aspectos que consideramos importante para evidenciar o quanto certos temas repetem-se

em tantos outros autores da Terapia de Família. Em Andolfi, encontramos o tema recorrente da possibilidade da terapia ser propícia ao questionamento do "status quo" familiar, ou seja, nos termos que viemos desenvolvendo, a Terapia de Família constitui um espaço democrático, no qual os papéis são intercambiáveis (Andolfi, 1980; 1989a; 1989b).

"O fato de se experimentar em posições relacionais diferentes permite aos membros do sistema sair do *script* familiar, no qual cada um possui um papel definido com base no significado atribuído a este *script* da rede de relações."

(Andolfi, 1996)

Andolfi chama o momento da terapia de encontro e recorda a "imagem metafórica do 'terceiro planeta'" para indicar esse contexto como "lugar de mediação", "encontro de outros dois planetas": o da família e do terapeuta ("relacional"). Considera ser "um terreno neutro e sem história própria", no qual se construirá uma história "que nasce do encontro" e de "algo comum e compartilhado" (Andolfi, 1996). É uma posição que já demonstra sinais de relativização do saber especializado.

Atualmente, na Terapia de Família, existem movimentos na vaga do pós-modernismo e do pós-estruturalismo que negam qualquer noção de "estrutura interna à entidade em questão", seja ela família, texto ou peça (Hoffman, 1998). Dessa forma, alguns terapeutas de família, formados na Teoria dos Sistemas, como Harlene Anderson, Harry Goolishian e Lynn Hoffman, passam a ter como referência a Hermenêutica e entender a terapia como uma conversação (diálogo intersubjetivo).

"O desenvolvimento de nossas teorias da terapia tem caminhado rapidamente em direção de uma posição mais hermenêutica e interpretativa. Esta posição enfatiza os "sentidos" à medida em que eles são criados e vivenciados pelos indivíduos nas conversações."

(Anderson, 1998: 34)

Questionam, ainda, a idéia de estágios de desenvolvimento supondo que é mais prejudicial do que benéfico ter "um padrão universal pelo qual os humanos podem medir seu funcionamento". Construtivismo e Construcionismo Social são os dois termos utilizados para se referir a essa nova orientação terapêutica que difere, só pelo resumidamente apresentado, de autores como Minuchin e Andolfi¹⁹. Esta é uma mudança marcante no campo que não será aprofundada aqui, justamente porque nosso interesse está centrado no modelo de família característico da modernidade e, estreitamente ligado a esse modelo, nosso interesse se volta para a origem da Terapia de Família, nos anos 50.

Mas, por outro lado, pode ser que estejamos, atualmente, vivendo um momento de tão radical transformação que a história por nós contada esteja tornando-se uma mitologia, "lembrando um tempo em que havia família". Enquanto isso, terapeutas de família, como Salvador Minuchin, ao observarem outros terapeutas de família construtivistas e/ou construcionistas sociais em ação, se perguntam onde estão as famílias. Recordemos que, no início, a importância de uma teoria sobre a família vinha

¹⁹ Existem diferenças entre o Construtivismo e o Construcionismo Social que pretendemos abordar no capítulo III (Mcnamee, 1998).

acompanhada de uma proposta de intervenção. Hoje pouco se escreve sobre a noção de família (sobre uma proposta universal) e muito sobre as variedades das formas encontradas (relativismo) (Minuchin, 1991). Do mesmo modo, pouco se relaciona a técnica a uma idéia de família e muito sobre variadas técnicas aplicadas às variadas situações familiares, especificando situações e tipos de problemas (Nichols, 1998). A crítica, referendada por Minuchin (1991), é ao abandono da possibilidade de se sistematizar teorias, baseando-se na constatação de que não há realidade "em si". Abre-se mão da idéia de verdade, já que não pode haver sistemas teóricos explicativos. O que resta é a experiência, "no capricho dos discursos, da linguagem e da conversação", entre o terapeuta e seus "clientes"²⁰.

Voltemo-nos, então, à noção de especialista que intervém na família. Na história da Terapia de Família, considerando diversos desenvolvimentos em vários países, a intervenção do terapeuta pode ser vista em diferentes graus. No início, a ênfase cai no poder do terapeuta para ocasionar a mudança. Aos poucos esse poder é questionado até chegar a ser posto de lado, enfatizando o poder da família para dirigir as mudanças que deseja, conforme veremos no capítulo III.

²⁰ Mencionamos brevemente esse movimento atual da Terapia de Família porque consideramos importante ressaltar o confronto direto que há com as abordagens teóricas iniciais, que são nossa ênfase aqui. Futuramente, pretendemos nos aprofundar e observar quais são as conseqüências dessa transformação: do saber especializado para a experiência compartilhada.

Novamente recorremos a Salvador Minuchin a fim de exemplificar. O autor faz constantes relações entre a autoridade dos pais e a tarefa do terapeuta. Afirma que o modelo de autoridade patriarcal (tradicional) desvaneceu-se e foi substituído por um modelo flexível e racional, aumentando as dificuldades parentais no enfrentamento da "complexidade da educação infantil". Reconhecer essa mudança, para Minuchin, ajuda a julgar imparcialmente os pais que têm que, ao mesmo tempo, "proteger e guiar" enquanto "controla e reprime". Os filhos, por sua vez, crescem e se tornam indivíduos autônomos, rejeitando e atacando os pais. O processo de socialização, portanto, é conflitante. A tarefa do terapeuta é apoiar todos os membros da família (1995b).

"Um apoio ao subsistema parental, pelo terapeuta, pode colidir com um objetivo terapêutico de fortalecer a autonomia de um filho. Em tais situações, o terapeuta deveria lembrar que somente um subsistema parental fraco estabelece controle restritivo, e que o controle excessivo ocorre principalmente quando o controle é ineficiente. O apoio à responsabilidade e obrigação dos pais de determinar regras familiares assegura o direito e a obrigação do filho de crescer e de desenvolver autonomia. A tarefa do terapeuta é de ajudar os subsistemas a negociarem e a se acomodarem entre si."

(Minuchin, 1990a: 63)

Acompanhemos os relatos dos entrevistados. No primeiro exemplo, o terapeuta intervém a partir de um modelo de família. Para que a terapia seja efetiva é preciso que a família se adapte a um modelo. No segundo, o terapeuta (especialista) também cumpre sua função, dando lugar social à família, tornando a terapia um espaço privado de proteção e de elaboração de conflitos.

"Eu não posso mexer com uma terapia familiar é... sem ajudá-los a criar situações, a fazer modificações às vezes práticas reais dentro das casas pra poder ter essa estruturação de família." (2)

"As famílias estão precisando de espaços onde elas estejam confortáveis e a Terapia de Família é um desses espaços. A família perdeu um pouco de espaço na sociedade." (1)

O terapeuta, então, é o responsável pelo sistema terapêutico, assumindo sua liderança e sendo "fonte de apoio e cuidados" (Minuchin, 1990a). A família, nesse ponto de vista, está precisando de ajuda e convida o terapeuta (especialista) "a introduzir-se em seu sistema e ajudá-los a mudar a situação que está produzindo e mantendo tensão, desconforto ou sofrimento". É possível que terapeuta e família difiram quanto aos objetivos da terapia. Por consequência, o terapeuta, ao atender um pedido de ajuda ("mude-nos sem nos mudar"), procurará ampliar as alternativas do sistema, desafiando as regras estabelecidas ao mesmo tempo que ataca o equilíbrio (a homeostase) familiar, "criando crises que levam a um desenvolvimento de uma organização melhor para o seu funcionamento" (Minuchin, 1990b). Ao estabelecer um desequilíbrio, o terapeuta muda as relações hierárquicas familiares. Para tanto, Minuchin vai fazendo alianças com membros específicos da família, alternadamente. Assim, desafia a família em seu modo de experimentar a realidade.

As tarefas do terapeuta são, portanto, avaliar a família e desenvolver objetivos terapêuticos, sendo o alvo

de suas intervenções a família como um todo. Os indivíduos não são ignorados, mas é a família a "matriz da cura e do crescimento de seus membros". Porém, se o terapeuta observa que a autonomia dos filhos está sendo tolhida deve

"ajudar a família a salientar as diferenças entre eles, a enfatizar seu direito a diferença e ajudar os pais a fazerem exigências e recompensas específicas, de acordo com o estágio de desenvolvimento de cada um."

(Minuchin, 1990a: 138)

A tarefa do terapeuta não é simples e está condicionada a muitas direções. Minuchin reconhece os perigos das imposições vindas do terapeuta. Citá-lo-emos por resumir, em parte, a auto-crítica no campo da Terapia de Família, quanto aos seus modelos, após sua consolidação em décadas de história, concluindo que o terapeuta de família é "um agente de mudança limitado".

"Terapeutas de família, produtos de sua própria cultura, devem guardar-se por isso mesmo contra impor modelos que lhes são familiares, assim como as regras de funcionamento que lhes são familiares. Têm que evitar a tendência à pontuação em torno da família nuclear, descuidando da significação da família extensa - sua comunicação com a nuclear e seu influxo sobre ela. Terapeutas jovens podem simpatizar com os direitos da criança, não tendo ainda experienciado a complexidade da condição de progenitor. Podem encontrar-se julgando pais culpados, sem entender os seus esforços. Os terapeutas homens tendem a desequilibrar o subsistema conjugal, compreendendo e apoiando a posição do marido. Terapeutas mulheres fazendo considerações sobre as restrições impostas à mulher pela família patriarcal, vão apoiar a diferenciação da esposa além das possibilidades existentes em uma família..."

(Minuchin, 1990b: 29)

Reconhecer, portanto, suas imposições e limitações faz parte do trabalho do terapeuta que se vê como especialista, conservando seu saber e procurando ajudar às famílias que o procuram. O saber do especialista deve, por consequência, conformar-se aos "dramas familiares" e sua avaliação deve ser vinculada aos objetivos terapêuticos, visando à

autonomia, e não à confirmação do saber do especialista. Vejamos uma reflexão de Minuchin quanto à sua luta de não se impor enquanto trata.

"Ao trabalhar com crianças difíceis e pais ineficientes, sempre tenho de refrear meu impulso de assumir o controle. Parece tão fácil dizer: "Johnny, não faça isso" e ele irá parar. Mas eu sei que a *minha* capacidade de fazer os filhos de outras pessoas responder não me dirá nada sobre o seu drama cotidiano de impotência e desespero. Isso somente me dirá alguma coisa sobre a minha capacidade com os filhos dos outros."

(Minuchin, 1995a: 140)

Prossigamos exemplificando com um relato dos entrevistados que nos permitirá tecer algumas considerações a mais quanto ao papel do terapeuta (especialista). No início, as primeiras escolas marcam sua diferença a partir de uma intervenção ativa do terapeuta de família em contraste com a intervenção passiva do psicanalista. No exemplo seguinte encontramos as duas posições na mesma pessoa. Expressão (do cliente) e ação (do terapeuta) ganham prioridades diferentes, dependendo da intervenção a ser realizada. Na primeira posição, a passividade é, por vezes, confundida com a idéia de neutralidade. Supõe, de qualquer forma, um afastamento do terapeuta. Já na segunda posição, a atividade do terapeuta corresponde a sua presença e poder para levar a família à mudança desejada.

"Eu faço o seguinte, na psicanálise, a situação é a pessoa percebe os seus sentimentos, pensa e modifica. Na minha terapia familiar é exatamente o contrário. Eu introduzo uma modificação, aí depois é que vai gerar um pensamento sobre essa modificação (na família)."

(2)

Nossos entrevistados nos levam da noção de especialista a idéia de uma pessoa real, consolidada com os anos de experiência. O especialista com seus recursos pessoais, para além de suas técnicas, ajuda a família a encontrar os seus próprios recursos, rumo à autonomia na resolução de seus problemas.

"...eu diria que tem muito pouco diferença hoje em dia do que eu sou fora daqui, do que eu sou aqui dentro, né? Eu acho que quando eu comecei eu era talvez uma terapeuta mais engomadinha. Hoje em dia eu acho que tô muito confortável nesse lugar. Isso é uma conquista com a idade, tá?" (4)

"O tempo todo houve uma dialética entre uma coisa e outra e mais uma dialética entre a minha vida, eu não posso ser um terapeuta, analista, terapeuta de família ou terapeuta de grupo sem que haja uma honestidade, uma continuidade entre o meu ser e o terapeuta. A possibilidade de você se permitir andar por caminhos novos na sua criatividade que é muito próximo da loucura... eu tenho hoje uma liberdade como terapeuta e como pessoa como um contínuo(uma linguagem comum, natural), a coisa tá dentro de mim eu sou fusionado com a minha profissão." (2)

"Os recursos que eu posso usar, meus como pessoa para ajudar aquela família. E de que maneiras eu posso, principalmente, ajudar uma família a descobrir os recursos que ela tem, não os meus técnicos. Os meus técnicos são muito limitados. Terapeuta de família que usa sua técnica, ele tem... os seus instrumentos muito limitados. Ele tem que ajudar a família a desenvolver a sua técnica ou os seus recursos pra seguir... porque você não pode fazer milagre. Numa hora de sessão não consegue transformar as pessoas." (3)

A junção da pessoa com o especialista é mais um dos temas recorrentes no campo da Terapia de Família. Podemos encontrá-la em Minuchin (1990b; 1995a), Andolfi (1996), Elkaïm (1990; 1998a), entre outros. Para acompanhar a fala dos entrevistados, trazemos uma citação de Andolfi que

resume o que é ser uma pessoa no encontro terapêutico, utilizando conceitos de Elkaïm.

"Cada encontro terapêutico (...) cria inevitavelmente momentos de participação conjunta mental e emotiva: argumentos que "vibram" no cliente adquirem significado no terapeuta e, conseqüentemente, no próprio cliente. (...) ressonâncias são constituídas por elementos similares comuns a diversos sistemas que se interseccionam, encontram-se. (...) O conceito de ressonância, mais ligado a um efeito emotivo de eco, confunde-se e funde-se com aquele de auto-referência. (...) (*autòs* = a si mesmo, *refero* = leva) refere-se àquilo que o terapeuta leva de si mesmo no contexto do encontro terapêutico em relação a elementos pessoais, familiares e sociais. (...) São as diferenças que caracterizam estes dois sistemas que provocam a mudança e cabe ao terapeuta 'colocar em jogo a si mesmo'..."
(Andolfi, 1996: 69, 70)

A trajetória da noção de especialista é exemplificada na formação de um dos entrevistados: de interventor (especialista) que traz a melhor saída para o problema (saber teórico), transforma-se naquele que busca com a família uma narrativa mais útil. O ápice da relativização do especialista é exemplificado com um segundo relato em que a terapia é vista como uma "conversa".

"Depois da psicanálise a descoberta da terapia sistêmica, depois a leitura contextual, aí ficar namorando um pouco aquele fascínio daquela coisa estratégica que podia rolar tantas coisas, e que tinha um observador tão objetivo em relação ao objeto observado. E depois em algum momento as reflexões que foram surgindo e o encaminhamento assim pra essa cultura total com qualquer coisa que se possa ter um observador objetivo, ou que possa ter alguma narrativa que seja certa. Hoje em dia eu sou muito mais cada um tem sua narrativa, constrói... Então o que vai ajudar o paciente é entrar na narrativa que não é útil pra ele e começar talvez a mexer com ela e poder criar outra que seja mais útil pra necessidade dele naquele momento." (4)

"Mas, quando você consegue transformar a situação grave numa conversa chata, a Terapia de Família tá acontecendo. Mais pra linha do construtivismo mesmo." (5)

Esses dois últimos relatos nos permitem finalizar referindo-nos novamente ao movimento mais atual da Terapia de Família. Se antes poderia se pensar em uma imagem do terapeuta como conhecedor e especialista, agora a viabilidade do conhecimento e, portanto, a possibilidade de vinculá-lo à oferta terapêutica também encontra-se questionada. A experiência de Lynn Hoffman nos ajudará a compreender o que vem ocorrendo no campo.

"... a evolução de minha posição superou minha capacidade de traduzi-la para a prática. Eu continuava a "pensar Zen", mas nem sempre sabia como "agir Zen". Foi então que um colega da Noruega, Tom Andersen, surgiu com uma idéia fascinante, embora simples: a Equipe Reflexiva (Andersen, 1987). O recurso de pedir que a família assista à discussão da equipe sobre ela e que depois comente o que ouviu mudou tudo subitamente. O profissional não era mais uma espécie protegida, observando famílias patológicas por trás de uma tela ou falando sobre elas na privacidade de um escritório. A premissa da Ciência Social normal de que o especialista tinha uma posição superior a partir da qual poderia ser feita uma avaliação correta desmoronou. Para mim, pelo menos, o mundo da terapia foi alterado da noite para o dia."

(Hoffman, 1998: 24)

O terapeuta, assim, ocupa uma posição de não-saber ao enfatizar o papel da linguagem, da conversação, da história e do *self*, baseando o trabalho clínico.

"O conceito de não saber contrasta com o entendimento baseado em narrativas teóricas preexistentes. (...) A ênfase não está em produzir mudanças, mas em abrir espaços para a conversação. Nesta visão hermenêutica, a mudança em terapia é representada pela criação dialógica de novas narrativas. (...) A mudança da história e da autonarrativa é uma consequência inerente do diálogo."

(Anderson, 1998: 38, 39)

As perguntas do terapeuta, tradicionalmente, segundo esta visão, refletem um conhecimento e um entendimento teórico do ser humano ("postura paradigmática") que vai sendo comprovado, gerando maior entendimento do terapeuta sobre a situação. Na "postura narrativa", ao contrário, as

perguntas são geradas pelo não saber e o terapeuta não domina seu cliente com o seu saber especializado, deixando-se conduzir pelo conhecimento e experiência dos seus clientes (Anderson, 1993). O sentido deve ser gerado localmente e fundamentado no diálogo. O poder do terapeuta está em assumir sua responsabilidade na "construção dentro dos limites do domínio relacional/social".

"A psicoterapia emerge aqui como um processo de comunicação no qual diferentes parceiros constroem os papéis recíprocos, e, juntos, constroem um contexto interpessoal dentro de um domínio consensual, nesta perspectiva, a definição do conhecimento como uma operação de descoberta é abandonada e desaparece a visão da prática terapêutica como manipulação. Com isto, apaga-se a distinção entre saber e agir. Saber passa a ser um ato cujo sentido emerge pela coordenação das crenças do cliente e do terapeuta."

(Fruggeri, 1998: 57)

Segundo Lax (1998), terapeuta de família inglês adepto do Construcionismo Social, a visão moderna na Terapia de Família define a família como organizada em termos de estrutura e hierarquia, independentemente do observador, isto é, considerando-a universal, e vê o terapeuta como um especialista que possui um conhecimento sobre o "funcionamento e o crescimento familiar saudáveis". Em sua argumentação cita Haley, Bowen e Minuchin, terapeutas de família pioneiros, como representantes dessa corrente moderna. Prossegue o autor relacionando tantos outros autores que compõem o quadro atual, em que a Terapia de Família se reveste de uma roupagem pós-moderna, em que as "verdades ou estruturas universais dão lugar a um multiverso ou a uma pluralidade de idéias sobre o mundo".

Lax corrobora a nossa argumentação quanto à estreita ligação entre a família moderna e a noção de especialista. Pensamos, porém, ainda não ser possível prosseguir com uma avaliação do que se está chamando de pós-moderno²¹.

Será que significa o desaparecimento da família como a entendida por Minuchin? Será que estamos também diante do desaparecimento do especialista? Em que estão se tornando os terapeutas de família sem família? Se não há mais uma necessidade de um saber especializado, haverá a necessidade de um espaço para o especialista como a terapia? O saber do especialista está questionado enquanto natural desde uma perspectiva histórica. Mas será possível uma sociedade sem especialistas? Ainda há muitas questões a serem feitas para se compreender o que está se passando no campo hoje e qual será o seu futuro.

Os exemplos dados das diferentes posições dos terapeutas entrevistados faz surgir a história da Terapia de Família, tanto no Rio de Janeiro como em termos internacionais, a reboque da história da família. Com o relato dos entrevistados passamos da idéia de especialista para a do "não-especialista", exemplificando com autores pioneiros e os mais recentes, desde os estruturais aos contrutivistas, contrucionistas sociais. Essas posições, porém, permanecem convivendo nos dias atuais e não podem

²¹ Shorter (1995) tenta apontar em uma direção que seria a da família pós-moderna, caracterizando-a em três aspectos: a indiferença dos adolescentes para com a identidade da família, nova instabilidade da vida do casal (aumento dos divórcios) e a demolição da família nuclear ("noção de ninho").

ser consideradas tão somente em termos de juízo de valor. São diferentes posições que podem dar diferentes resultados, considerando-os bons ou não. Dependem de uma escolha pessoal, uma coerência teórica, têm implicações diferentes e considerações éticas a serem feitas.

Voltamos no tempo para a história da família. A organização da família em torno da criança é uma construção histórica do mundo Ocidental. O casal, na modernidade, é constituído para cuidar de seus filhos. É a idéia da família nuclear. A família torna-se um refúgio contra o mundo público. A separação da família posiciona-a em um isolamento, dificultando o cumprimento de suas funções: criar indivíduos saudáveis, torná-los cidadãos. Diante dessas dificuldades, constituíram-se em torno da família os mais variados especialistas para ajudá-la, dentre eles, na década de 50 nos Estados Unidos, surgem os terapeutas de família.

Uma história da Terapia de Família foi visualizada na perspectiva da história sociocultural da família ocidental. Começamos, então, a construir uma história da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro. Continuaremos a fazer essa história a partir de dois pontos principais com constantes comparações entre eles:

1. A história da Terapia de Família e das disciplinas que a fundamentam, enfatizando o seu início nos

Estados Unidos (anos 50) e tendo como marco a Escola de Palo Alto (capítulo II e III);

2. A história da formação dos terapeutas de família entrevistados, a partir do final da década de 1970, na cidade do Rio de Janeiro (capítulo IV).

"Depois de ter ouvido com atenção o assovio do melro, tenta repeti-lo, tão fielmente quanto possível. Segue-se um silêncio perplexo, como se sua mensagem requeresse um exame atento; depois, um assovio igual ecoa, e o senhor Palomar não sabe se é uma resposta a ele ou a prova de que seu assovio é de tal forma diferente que os melros nem se perturbaram com ele e retomaram o diálogo entre si como se nada tivesse acontecido. Continuam a assoviar e a interrogar-se perplexos, ele e os melros."

(Calvino, 1994: 28)

CAPÍTULO II

TEORIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA INTERVENÇÃO TERAPÊUTICA

1. Contextualizando: antecedentes históricos da Terapia de Família

Os anos 50 refletiram os acontecimentos anteriores da História do mundo ocidental. Foram os anos da prosperidade, principalmente para os países "capitalistas desenvolvidos", que se seguiram às "Décadas de Crise". Para os Estados Unidos a década de 50 representou a consolidação de sua expansão que já vinha ocorrendo durante e após a Segunda Guerra Mundial. Ocorriam, porém, transformações por toda parte: aumento crescente da industrialização, a participação das mulheres no mercado do trabalho, novas tecnologias, relações sociais modificadas, aumento do acesso à educação escolar, entre outras. Não é à toa, portanto, que se costuma evocar essa década como a dos "anos dourados", pressagiando muitas transformações que ainda estavam por vir (Hobsbawm, 1995).

Um estudo demográfico, a propósito, revela que houve um aumento da população nesse período ("baby-boom"), substituindo a prudência dos anos anteriores. Havia uma "adesão unânime e entusiasta a uma nova fé: a fé no progresso técnico e científico, no aumento indefinido do bem estar". Dissipou-se a prudência porque havia um "clima de confiança num futuro de felicidade. Já não havia então

qualquer obstáculo a aumentar um pouco uma família que se tornara lugar da felicidade - 'a família feliz'" (Ariès, 1992: 141).

O campo da Terapia de Família foi fortemente influenciado por esse clima de progresso e confiança no futuro. Vamos observar como os desenvolvimentos tecnológicos e científicos que serviram aos propósitos da Segunda Guerra tornaram-se, nos Estados Unidos, fonte de inspiração para a idéia de intervenção na família, baseada no controle e no poder do terapeuta para a mudança. Não sendo, porém, uma característica de todas as escolas foi um traço marcante surgido em uma escola específica, a de Palo Alto, e disseminado no campo da Terapia de Família.

A Segunda Guerra Mundial também determinou um meio intelectual diversificado nos Estados Unidos, porquanto vieram da Europa muitos profissionais de várias áreas. Os imigrantes foram recebidos em um clima favorável para o desenvolvimento e continuidade de suas pesquisas. Muitas das histórias da Terapia de Família são contadas a partir do encontro de estrangeiros com uma nova pátria acolhedora.

No campo da psiquiatria, durante os anos 50 nos Estados Unidos, houve um fortalecimento das pretensões quanto à mudança para um mundo melhor, ampliando o campo de atuação psiquiátrica ("medicalização da sociedade") (Lasch, 1991). Preocupados em "pôr fim à guerra" e em controlar os conflitos, os psiquiatras mobilizaram educadores, políticos

e advogados para a implementação de uma "cruzada pela saúde e pela paz mundiais", concentrando seu programa preventivo na paternidade. Harry Stack Sullivan estava entre esses psiquiatras e foi um dos mais influentes nas primeiras formulações do campo da Terapia de Família. Mesmo que ainda não tivesse uma proposta terapêutica para a família, estava entre aqueles que consideravam a necessidade de se estudar a participação da família na doença mental de um de seus membros. Por consequência, a idéia da proteção, da privacidade e da felicidade, encontradas na família é acompanhada de um ataque a ela, por ser também o lugar do surgimento de patologias. Uma nova interpretação quanto à função da família surge no campo psiquiátrico²².

A família nuclear é o alvo das novas investigações no campo da saúde mental e tornar-se-á, concretamente, o lugar privilegiado para as intervenções que visam à mudança nas relações entre seus membros. Progressivamente, aumenta o reconhecimento de que: a família influencia o curso do tratamento, especialmente quanto aos pacientes internados em hospitais psiquiátricos; a mudança em apenas um de seus membros acarreta transformações, para melhor ou para pior, em toda a família.

Esse é um período fértil na criação de novas teorias e de propostas terapêuticas que influenciaram o campo da

²² Lasch (1991) faz considerações interessantes quanto à relação da psiquiatria com o campo da sociologia, a exemplo de Talcott Parsons. Essas considerações o levam ao campo inicial da Terapia de Família. Em trabalhos futuros pretendemos aprofundar esses aspectos.

Terapia de Família, mas que muitas vezes são esquecidas. Vamos nomear, brevemente, algumas dessas mais importantes elaborações, anteriores a uma proposta de intervenção terapêutica na família²³.

1. Teorias e Terapias de grupo - Uma das fontes iniciais encontra-se na dinâmica do pequeno grupo. Destacamos os seguintes acontecimentos: Kurt Lewin que durante a década de 40 desenvolveu a Teoria do Campo, descrevendo as interações entre os indivíduos e seu ambiente; Wilfred Bion é outra figura destaque no estudo da dinâmica de grupo, enfatizando o grupo como um todo, sua dinâmica própria e estrutura oculta. Quanto à conceituação teórica da dinâmica de grupo, destacamos a distinção processo/conteúdo (Lewin) que teve uma forte influência na Terapia de Família, já que os terapeutas de família costumam prestar mais atenção em "como as famílias conversam do que no conteúdo de suas discussões" (Nichols, 1998). Outras influências à Terapia de Família encontramos: na Teoria dos Papéis, no movimento de Grupos de Encontro, na Terapia Analítica de Grupo, no Psicodrama, na Gestalt-terapia e no "aconselhamento do grupo familiar".

2. O movimento de orientação à criança - Presentes desde o início do século, as clínicas de orientação infantil dos Estados Unidos constituíam um local para o

²³ Baseamos a construção dessa lista de influências à Terapia de Família em muitos autores, sendo a principal referência Nichols (1998).

desenvolvimento de estudos do tratamento psicológico na infância e a relação do adoecer psíquico com as "forças sociais e familiares complexas". A atenção, pouco a pouco, foi se concentrando no ambiente familiar, observado por psiquiatras, psicólogos e assistentes sociais. Um tratamento que atendesse à toda família, entretanto, era desconsiderado por ser visto como prejudicial à privacidade do tratamento da criança ou dos pais, em separado. Nas décadas de 40 e 50 os pesquisadores concentraram-se na "psicopatologia dos pais". Destaca-se aqui o conceito da mãe esquizofrenizante de Frieda Fromm-Reichmann. Posteriormente, a ênfase desloca-se da compreensão do papel nocivo dos pais para uma compreensão da patologia como inerente aos relacionamentos entre os membros da família. Em vez de culpabilizar os pais, passa-se a querer ajudá-los. Na Inglaterra destaca-se o trabalho de John Bowlby da *Tavistock Clinic* que, embora ainda não propusesse um atendimento à família, é um dos primeiros a utilizar entrevistas familiares conjuntas. Nos Estados Unidos, desde 1938, Nathan Ackerman começa a encarar a família como unidade, visando à elaboração de diagnósticos que a considerassem. Logo a seguir, Ackerman postulará a Terapia de Família como primordial para o tratamento às crianças.

3.A influência do Serviço Social - É muito comum o esquecimento da influência do Serviço Social. Mas esse campo tem uma tradição que o vincula a um olhar direcionado para a família, no seu serviço comunitário. Mary Richmond em 1917 já advertia quanto ao isolamento dos membros da família de seu contexto, considerando o vínculo emocional e social como fundamental para o crescimento. Muitos dos terapeutas de família pioneiros nos Estados Unidos eram assistentes sociais.

4.Aconselhamento conjugal - Esse é um movimento que tem sua origem fora do âmbito tradicional da Psiquiatria e da Saúde Mental. Os problemas conjugais eram discutidos com os médicos de família, sacerdotes, advogados e professores. Em 1930, no entanto, surgem os primeiros centros profissionais voltados para o aconselhamento conjugal. Nos Estados Unidos tornou-se uma profissão regulamentada com código de ética, pesquisa e vários centros de treinamento. Esse movimento possui uma forte influência da Psicanálise que, posteriormente, torna-se a teoria mais utilizada na terapia de casal. O primeiro relatório publicado de uma terapia de casal surge em 1948 nos Estados Unidos. Atribui-se, porém, a Moreno, na Europa, a iniciativa pioneira de atendimentos a casais. Na Inglaterra, psicanalistas da *Tavistock Clinic*, durante os anos 60, criam uma Unidade Psiquiátrica Familiar, para a qual casais eram encaminhados pelos tribunais de

divórcio. O campo da terapia de casal atualmente está inserido no movimento mais amplo da Terapia de Família.

5. **Antropologia** - A Terapia de Família foi fortemente influenciada pelo movimento funcionalista na Antropologia, a exemplo de Bronislaw Malinowski (ElKaïm, 1998), que desconsiderava os estudos históricos e evolucionistas, assim como a visão da cultura como um todo significativo. Bateson, antropólogo influente no campo da Terapia de Família, na década de 30, dedicava-se a estudar uma cerimônia - *Naven* - interrogando-se sobre sua função na solução de conflitos da sociedade *Iatmul*, na Nova Guiné. Por trás dessa investigação estava a idéia de que um comportamento particular tem uma função no grupo social como um todo (Winkin, 1981). Os terapeutas de família também estavam mais interessados no presente do que no passado. Queriam compreender qual era a função do comportamento dos membros da família para o sistema familiar como um todo.

6. **Sociologia** - A sociologia da família, anos 50 nos Estados Unidos, também marca a Terapia de Família, em sua versão funcionalista, a exemplo de Talcott Parsons e sua ênfase na família nuclear. A família era vista como constituída por papéis especializados em seu interior, conforme uma divisão sexual (instrumental / masculino - expressivo / feminino). Esse modelo familiar vinculava-se às características econômicas da sociedade capitalista

contemporânea (Segalen, 1999). A família era vista como mais eficiente, em seu papel social, se obedecesse a um modelo de especialização de funções. A "profissionalização da paternidade", lembremos, ajudou a invasão dos especialistas no seio familiar, visando a ajudar à família em suas tarefas de socialização e cuidado das crianças. A valorização da família é acompanhada da suspeita a respeito de sua eficiência, já que as funções atribuídas à ela podem tanto levar seus membros ao crescimento quanto à doença. "O elogio parsoniano da família nuclear já contém implícita uma crítica laingiana desta" (Lasch, 1991: 161).

7.A pesquisa em dinâmica familiar e etiologia da esquizofrenia - É consensual a afirmação de que a Terapia de Família tem o seu início estritamente ligado às famílias com membros esquizofrênicos. Antes, porém, já se encontra em Freud o reconhecimento das influências familiares sobre a esquizofrenia, conforme o relato do caso Schereber (Nichols, 1998). Harry Stack Sullivan e Frieda Fromm-Reichmann são pioneiros no estudo das relações interpessoais no trabalho com esquizofrênicos. Nenhum dos três acima citados, entretanto, recomendou tratamento familiar. Nas décadas de 40 e 50, nos Estados Unidos, a pesquisa do "vínculo entre a vida familiar e a esquizofrenia" conduziu ao pioneirismo na Terapia de Família. Destacam-se: o grupo de pesquisa de Bateson

(Palo Alto), o qual desenvolveremos posteriormente; as investigações de Theodore Lidz (Yale), pioneiro nos achados quanto ao papel do pai na esquizofrenia, com a referência da teoria psicanalítica (relações de objeto); Lyman Wynne (NIMH) que iniciou seus estudos em 1954, atendendo pais de pacientes hospitalizados, tendo como referência conceitos psicanalíticos, teoria dos papéis e teoria dos sistemas; os teóricos do papel, desde 1934, que descreveram os relacionamentos familiares dos esquizofrênicos, considerando-os um fator importante na etiologia da esquizofrenia; e a análise da dinâmica familiar de R. D. Laing que foi causadora de muitas polêmicas, entendendo que era melhor isolar o esquizofrênico de sua família, mas ajudou a sedimentar a relação do papel da família na psicopatologia da esquizofrenia, embora não aponte à possibilidade de tratamento para a família.

Nomeamos, de forma introdutória, um amplo contexto de teorias e práticas anteriores à Terapia de Família que vieram a constituir seu campo de várias maneiras. É possível fazer pesquisa a partir de cada ponto acima mencionado, o que nos levaria para muitas considerações importantes que, hoje, ainda determinam o campo. É uma tarefa hercúlea querer abarcar a todos esses aspectos. Fizemos, portanto, uma escolha de construir as determinações para a Terapia de Família, relacionando-a a

uma origem "mítica", como se fosse único o seu ponto de partida. Supondo, então, o seu início na área da pesquisa em dinâmica familiar e etiologia da esquizofrenia, privilegiamos o grupo de pesquisa de Bateson em Palo Alto. Veremos como nesse início, encontramos tanto as possibilidades que se abrem nessa nova modalidade de intervenção quanto os seus limites.

Começaremos contextualizando a miríade de disciplinas não psicológicas que compõem e influenciam uma nova visão da patologia, encontrada no grupo de Bateson: de uma compreensão individual para a relacional/interacional. Em seguida (Capítulo III), teceremos, a partir da história de Palo Alto, considerações conceituais presentes no campo até os dias de hoje. E, por último, ilustraremos com outras histórias (escolas e pessoas) no campo da Terapia de Família.

2.Contextualizando: a elaboração teórica multidisciplinar da Terapia de Família

Começemos nossa contextualização, inserindo a Terapia de Família na tradição da filosofia contemporânea que, em seu projeto moderno, se define

"(...), em linhas gerais, pela busca da fundamentação da possibilidade do conhecimento e das teorias científicas na análise da subjetividade, do indivíduo considerado como sujeito pensante, como dotado de uma mente ou consciência caracterizada por uma determinada estrutura cognitiva, bem como uma capacidade de ter experiências empíricas sobre o real..."

(Marcondes, 1997: 251)

O projeto moderno vem sendo questionado desde os românticos (século XVIII). Esse questionamento se acirra no século XIX com o surgimento de pensadores que dirigem seus esforços para considerar o processo histórico de formação da consciência (Hegel e Marx). O projeto moderno sofre, então, um ataque à centralidade atribuída à noção de subjetividade, passando a ser vista como resultado de um processo de formação histórico e cultural, não podendo ser concebida como originária e essencial (Marcondes, 1997).

No início da modernidade, séculos XVII e XVIII, o sujeito pensante, a consciência individual parece de fato a alternativa necessária para o confronto com a tradição, com a hegemonia das instituições políticas e religiosas medievais do saber constituído. O caminho para a interiorização foi necessário para confrontar a força social do instituído na época. As tentativas modernas de fundamentação do conhecimento na subjetividade, porém, são vistas como insatisfatórias devido aos argumentos que remontam à questão do solipsismo: uma análise do processo de conhecimento que parta da consciência individual encontra dificuldades insuperáveis para explicar a relação entre a consciência e o real, a mente e o mundo. É como se a realidade se reduzisse à nossa experiência subjetiva e psicológica da realidade (Marcondes, 1997; 1996).

Problematizando o *antropocentrismo*, Marcondes propõe que ocorreram na História três rupturas com a centralidade atribuída ao homem²⁴. Vejamos quais foram.

1. **Teoria heliocêntrica de Copérnico (1543):** o deslocamento da terra como centro do universo e sua colocação em movimento em torno do sol. A terra passa a ser vista como instável e imperfeita, já que ao movimento (busca de um lugar não natural) se atribuía a imperfeição. Há um profundo abalo nas crenças da época;

2. **Charles Darwin (1859) - Teoria da Evolução:** na transformação das espécies pela seleção natural, o homem é apenas mais uma espécie natural dentre outras, tendo ancestrais comuns com o macaco. Abala-se, assim, a crença na superioridade humana;

3. **Freud (1856-1939) - inconsciente:** na teoria psicanalítica, com a descoberta do inconsciente, o homem não se define mais pela racionalidade e sua mente não se caracteriza apenas pela consciência. Não temos consciência de nossos desejos e impulsos. Não temos pleno controle de nossas ações. Há causas determinantes de nossas ações que nos são desconhecidas. O racionalismo moderno (acesso do ser pensante a sua consciência) torna-se problemático.

²⁴ Desde Freud já encontramos o que Marcondes está chamando de "problematização do antropocentrismo", apresentando-se, porém, em uma reflexão diferenciada. Ver Freud (1969a; 1969b).

Marcondes sugere que é a linguagem que aparece como alternativa para a explicação de nossa relação com a realidade. Uma nova via encontra-se na análise do significado e dos processos de simbolização. Encontram-se, aqui, duas direções. A primeira supõe uma relação entre os processos mentais e a linguagem: significado e sistema simbólico são fundamentais. A segunda direção postula a linguagem do ponto de vista lógico, isto é, supõe "estruturas formais cuja relação com a realidade podemos examinar independentemente da consideração da subjetividade, da consciência individual" (Marcondes, 1997: 253). No capítulo três, quando abordarmos as conceituações surgidas no campo inicial da Terapia de Família, veremos que ela se situa na segunda direção, a da lógica. E, com as elaborações mais recentes, retoma a primeira, a do significado.

Com as novas descobertas científicas, o século XX traz profundas transformações em nossa maneira de conceber o homem e o conhecimento. Marcondes destaca duas que também vêm influenciando o campo da Terapia de Família, mais recentemente²⁵.

1. Revolução da informática: a questão da inteligência artificial. Computadores pensam? O pensamento é exclusivo do homem? Não há ainda uma resposta clara.

²⁵ Focamos apenas alguns aspectos dessas transformações, nesse capítulo. Elas são, porém, determinantes no campo atual da Terapia de Família, aproximando-a da Psicologia Cognitiva, com influências tanto da Informática quanto da Biologia.

2.Revolução biológica: a engenharia genética trouxe a "possibilidade de criar novas espécies ou de manipular as características de uma espécie". As questões sobre a natureza da vida, sobre a maternidade, sobre ética, e os limites do conhecimento tornam-se fundamentais para a nossa reflexão.

Desenvolvemos, resumidamente, a tradição filosófica do pensamento moderno. O percurso histórico realizado ressalta as discussões que vem ocorrendo quanto à relação do homem com o conhecimento e a realidade. Colocar a Terapia de Família nessa tradição nos permite entender como chegamos a noção de relação: da intervenção terapêutica individual para a intervenção terapêutica na família; da consciência individual para a noção de linguagem. Passaremos, então, a abordar o amplo contexto da elaboração teórica da Terapia de Família. Faremos uma análise desta história inicial, levantando os pressupostos com ênfase na Abordagem Sistêmica. Seu início, baseado em múltiplas teorias, acompanhava a tendência da época, nos Estados Unidos, de se pensar o homem e seu modo de relacionar-se com o mundo, através de uma interpretação não psicológica.

2.1 - O caminho do encontro com as disciplinas não psicológicas

O contexto teórico para os fundamentos da Abordagem Sistêmica são os do desenvolvimento da Teoria Geral do

Sistema e da Cibernética, Teoria da Comunicação e Teoria da Informação, entre os anos quarenta e cinquenta, nos Estados Unidos da América.

Um acontecimento histórico aglutina pesquisadores de diversas disciplinas: são as Conferências Macy, organizadas por uma fundação filantrópica norte-americana, durante os anos de 1946 a 1953. Dentre os participantes encontravam-se matemáticos, engenheiros, psiquiatras, fisiologistas, neurofisiologistas, psicólogos e antropólogos, reunidos com a ambição de edificar uma ciência que compreendesse o funcionamento da mente humana pela via interdisciplinar. Citemos alguns participantes que influenciaram o campo da Terapia de Família: Gregory Bateson, Nobert Wiener, Kurt Lewin, Heinz von Foerster, entre outros (Wittezaele, 1994)²⁶.

A seguir desenvolveremos o que consideramos o mais importante para o campo da Terapia de Família, fruto dessa visão de múltiplas disciplinas não psicológicas. Não intentamos esgotar o tema, mas, tão somente, revelar sua importante contribuição ao campo. Muitos aspectos, portanto, serão deixados de lado e muitos outros aparecerão como indicação para maiores aprofundamentos. Esclarecemos, então, a nossa intenção: produzir um levantamento relevante para a compreensão de como surgiu a idéia, fundamentada

²⁶ Havia muitos outros participantes influentes quanto ao futuro da Psicologia Cognitiva, como MacCulloch (neuropsiquiatra). Seria interessante uma abordagem histórica que fizesse um paralelo entre a Teoria Cognitiva e a Terapia de Família Sistêmica. Penso que encontraríamos tanto semelhanças como diferenças (Dupuy, 1996; Heims, 1991).

inicialmente em disciplinas não psicológicas, de uma intervenção terapêutica na família.

2.1.1 - Teoria Geral dos Sistemas

A Terapia de Família percorreu o caminho do encontro com as Ciências Naturais, a fim de formular uma teoria que pudesse conceituar a noção de relação, como contraponto à noção de intrapsíquico. Considerava-se, neste momento inicial, não haver nenhuma teoria psicológica que pudesse fundamentar uma terapia baseada na relação. Assim, um modelo terapêutico, baseado na idéia da relação surgia, principalmente, a partir da Teoria Geral dos Sistemas, iniciada na Física e sistematizada por Bertalanffy(1979).

Uma definição inicial de sistema pode ser enunciada como um complexo de elementos em interação. Em sua origem, encontra-se a passagem da engenharia da produção de energia(libertação de grandes quantidades de energia - máquinas a vapor ou elétricas) para a engenharia do controle(computadores e automação) (Morin , 1997). Trata-se de uma transferência nas categorias básicas de pensamento, sendo a tecnologia apenas uma das manifestações. A Teoria Geral dos Sistemas foi formulada por Bertalanffy, anteriormente à Cibernética²⁷.

²⁷ As idéias, tanto da Teoria Geral dos Sistemas quanto da Cibernética, podem ser remetidas às formulações anteriores de Claude Bernard e Walter Cannon, no princípio do século XX (Wittezaele, 1994).

A necessidade de uma teoria dos sistemas resultou do fato de que o esquema mecanicista das séries causais isoláveis e o tratamento por partes se mostraram insuficientes para entender os problemas teóricos, especialmente nas ciências bio-sociais, e os problemas práticos propostos pela moderna tecnologia (Morin, 1997).

Bertalanffy, junto a um biomatemático e um fisiologista, criou um Centro de Estudos Superiores das Ciências do Comportamento (Palo Alto), posteriormente, chamado de Sociedade de Pesquisa Geral dos Sistemas que tinha como objetivo impulsionar o desenvolvimento dos sistemas teóricos aplicáveis a mais de um dos departamentos tradicionais do conhecimento. Esse grupo tinha como principais funções: investigar a isomorfia dos conceitos, leis e modelos em vários campos e promover a transferência útil de um campo para o outro; encorajar a criação de modelos teóricos adequados em campos onde atualmente não existem; reduzir ao mínimo a duplicação do esforço teórico em diferentes campos; promover a unidade da ciência mediante a melhoria da comunicação entre os especialistas.

Existem modelos, princípios e leis que se aplicam a sistemas generalizados, qualquer que seja seu tipo particular, a natureza dos elementos que os compõem e as relações ou "forças" que atuam entre eles. Exige-se uma teoria de princípios universais aplicáveis aos sistemas em geral: surge a Teoria Geral dos Sistemas como uma

formulação e derivação dos princípios válidos para os "sistemas" em geral, tendo como consequência o aparecimento de semelhanças estruturais ou isomorfismo em diferentes campos. Bertalanffy(1976) insiste em que há diferenças entre as analogias vagas e o isomorfismo. O isomorfismo é uma consequência do fato de, sob certos aspectos, poderem ser aplicadas abstrações correspondentes e modelos conceituais a fenômenos diferentes.

Outro aspecto da Teoria Geral dos Sistemas diz respeito ao problema da complexidade organizada. No passado, a Ciência procurava explicar os fenômenos observáveis reduzindo-os à interação de unidades elementares investigáveis independentes umas das outras. Na ciência contemporânea aparecem concepções que se referem ao que é chamado vagamente de "totalidade", isto é, problemas de organização, fenômenos que não se resolvem em acontecimentos locais. Aparece a noção de "sistemas" de várias ordens, que não são inteligíveis mediante a investigação de suas partes isoladamente, provocando uma modificação geral na atitude e nas concepções científicas, segundo Morin(1990; 1996a; 1997).

A ciência clássica fundou-se sob o signo da objetividade: objetos isolados submetidos a leis objetivas e universais. O objeto deve converter-se em grandezas mensuráveis, sua natureza material deve ser analisada e decomposta em substâncias simples ou elementos. Explicar é

descobrir os elementos simples e as regras simples a partir das quais se operam as combinações variadas e as construções complexas. Todas as referências ao observador ou ao meio são excluídas. É na base da Física, porém, que se opera uma estranha inversão, no início do século XX: o átomo já não é a unidade primeira, irreduzível; é um sistema constituído por partículas(que, por sua vez, são constituídas por outros elementos) em interações mútuas. Assim, foi a própria idéia de unidade elementar que se tornou problemática. Talvez não exista uma última ou primeira realidade individualizável ou isolável, mas sim um "continuum"(Morin, 1997).

A partícula provoca uma dupla crise: a crise da idéia de objeto e a crise da idéia de elemento. Ela converteu-se em "nó górdio" de interações e de trocas. Para defini-la é preciso recorrer às interações das quais participa e, quando faz parte de um átomo, às interações que tecem a organização desse átomo. A explicação reducionista já não convém ao átomo. O átomo surge como objeto novo, o objeto organizado ou sistema cuja explicação já não pode encontrar-se unicamente na natureza de seus constituintes elementares, mas encontra-se também na sua natureza organizacional e sistêmica, que transforma os caracteres dos componentes. O universo dos sistemas, segundo Morin, emerge na física, "mas atinge o fecho da abóbada cósmica". O fenómeno sistema impõe-se aos horizontes físicos,

biológicos e "antropossociológicos". Tudo que era objeto tornou-se sistema.

A Teoria Geral dos Sistemas, por fim, é uma ciência da "totalidade", uma disciplina lógico-matemática, formal, aplicável às várias ciências empíricas. A partir da matemática, é um esforço para unir os enfoques mecanicistas (o conhecimento se dá a partir das leis que governam as unidades - partes) e organicistas (posição antagônica: o todo como ponto de partida da investigação). Bertalanffy não propõe a redução de todos os níveis da realidade ao nível das Ciências Naturais, mas a isomorfia das leis em diferentes campos. Ele busca uniformidades estruturais, traços isomórficos de ordem nos diferentes níveis ou domínios. Chega-se, então, a uma definição mais próxima do que seja sistema: uma inter-relação de elementos que constituem uma entidade ou unidade global. Composta, portanto, de dois traços: o traço relacional e o da globalidade (Morin, 1997).

A linguagem matemática torna-se a qualificada para servir como linguagem da Teoria Geral dos Sistemas porque é vazia de conteúdo e exprime apenas as características estruturais (relacionais) de uma situação²⁸. Desloca-se, assim, a atenção da natureza específica dos sistemas (físicos, biológicos, sociais) para sua estrutura matemática, tornando possível uma definição rigorosa de

²⁸ Exemplo banal: $2 + 2 = 4$ para qualquer coisa, seja objeto, fenômeno ou pessoa.

sistema; vinculando o ponto de vista organicista ao mecanicista, abre oportunidades para o preenchimento das lacunas entre as disciplinas especializadas. Portanto, dois sistemas são idênticos se as estruturas matemáticas de seus modelos respectivos forem idênticas (isomorfia). Alguns sistemas desafiam toda tentativa de descrição matemática, mas ela permanece enquanto um ideal. O limite da analogia é uma questão empírica e não metafísica. O grau de semelhança é estimado pelo grau em que seus modelos matemáticos estiverem relacionados entre si. Deslocamento da ênfase do conteúdo para a estrutura é o que opera a Teoria Geral dos Sistemas.

Resumiremos com as três propriedades de um sistema:

totalidade - "o todo é maior que a soma de suas partes" \Rightarrow o sistema é composto de elementos interdependentes em interação; **relação** - diz respeito às estruturas básicas dos elementos e ao modo como eles se relacionam \Rightarrow estruturas se organizam de uma determinada forma através de interações simultâneas e mutuamente interdependentes entre os diversos elementos; **eqüifinalidade** - o mesmo estado final pode ser alcançado, partindo de diferentes condições iniciais e de diferentes maneiras \Rightarrow a interação atual (presente) predomina sobre a origem do sistema (passado).

Estas idéias fundaram a Abordagem Sistêmica à família e seus desenvolvimentos, até hoje, influenciam a elaboração teórica no campo. Atualmente, ao olharmos esta busca pelas Ciências Naturais e pela Matemática como modelos explicativos para a relação, questionamos a sua validade. Os desdobramentos da Terapia de Família instauram-se a partir deste questionamento, muitas vezes referindo-se à produção do conhecimento (epistemologia)²⁹, mas ainda há influência vinda das Ciências Naturais, nos dias atuais.

2.1.2 - Cibernética

A Cibernética pode ser considerada como uma parte da Teoria Geral dos Sistemas. Elaborada por Norbert Wiener é uma teoria dos sistemas do controle, baseada na comunicação (transferência de informação) entre o sistema e o meio, e no controle (retroação) da função dos sistemas com respeito ao ambiente. O sistema é uma "caixa preta" definida pela entrada (input) e saída (output). Como não importa o conteúdo, ela pode ser aplicada a vários tipos de sistemas (Wiener, 1993).

A partir da noção de sistema, a ciência tende a não mais isolar os fenômenos de seus contextos, examinando unidades cada vez maiores. Destacam-se duas tendências básicas na "ciência dos sistemas": uma mecanicista e outra organicista. A tendência mecanicista encontra-se nas

²⁹ Bateson foi um dos primeiros a utilizar esta noção de epistemologia, mas é um termo identificado por inúmeras definições, ver Vasconcelos, 1995.

técnicas de controle, automatização, inovações tecnológicas, cuja teoria subjacente é a Cibernética (Wiener). A tendência organicista entende o organismo como uma "coisa organizada". Trata, por conseguinte, de especificar os princípios e leis de funcionamento desse tipo de sistema (Bertalanffy).

Wiener fundou a Cibernética, ligando o comando à comunicação da informação. A informação transforma-se em programa porque, doravante, já não é somente uma entidade na qual se organiza uma troca entre parceiros; torna-se organizadora e ordenadora. Daí em diante a informação-programa subjuga, controla, reparte, armazena e desencadeia a energia (Morin, 1997). Bertalanffy considera a Cibernética como a mais destacada ciência moderna dos sistemas, dentro da tendência mecanicista, mas não deve ser confundida com a Teoria Geral dos Sistemas.

Uma definição de Cibernética encontramos em Abbagnano (1982): a palavra significa propriamente arte do piloto (origem grega), mas foi usada por Wiener para designar "o estudo das mensagens e particularmente das mensagens que efetivamente comandam, com vistas à construção das máquinas calculadoras". Wiener trabalhava com sua equipe em investigações médicas, nos EUA, quando começou a II Guerra. Esse novo contexto força-o a se dedicar a investigações relacionadas a armas automáticas. A Cibernética surge como uma reflexão científica sobre a técnica e as máquinas,

podendo ser vista como uma filosofia da ciência e como uma metodologia. Mais recentemente, refere-se a ela como uma epistemologia. Ela é uma teoria das máquinas que trata do seu modo de funcionar e de comportar, independentemente dos seus elementos constituintes. Ela investiga as relações entre os elementos, a forma como se organizam os elementos para fazer o que fazem, os meios que usam para chegar à meta, a despeito das perturbações e dificuldades. É uma teoria funcional e comportamental que trata da organização da ação.

Na década de 50, a tese de Wiener era: "a sociedade só pode ser compreendida através de um estudo das mensagens e das facilidades de comunicação de que disponha". Pretendia, portanto, não só fornecer os princípios para a construção de máquinas com grandes poderes de regulação (equivalentes ao cérebro), como também os princípios para a restauração das funções normais dos sistemas de grande complexidade, como a sociedade. Interessa-se, assim, pelas formas de comportamento e aspectos do sistema que sejam determináveis, que possam obedecer a cursos regulares e reprodutíveis. Tem como tema central a regulação e o controle. A Cibernética é a arte do comando, a arte de maximizar a eficiência (Morin, 1997). Considera-se eficaz a ação racional guiada e controlada em todas as suas etapas. Ao ocupar-se das transformações que de fato ocorrem nos comportamentos do sistema, não se preocupa com as

explicações causais e sim com os resultados das transformações e de como elas ocorrem.

A Cibernética dá especial atenção às regras de conexão dos elementos: o estado de cada parte é função das condições proporcionadas pelas outras partes e cada parte tem poder de veto sobre os estados do todo. As coerções exercidas pelas regras de conexão entre os elementos de um sistema podem variar de fortes a inexistentes. Neste último caso não há sistema, o que há são relações aleatórias. Há desorganização. No outro extremo, com elevado grau de coerção, o sistema é superdeterminado, as partes interagem de modo inteiramente previsível. Os sistemas pelos quais a Cibernética se interessa situam-se numa faixa intermediária, na qual as conexões tem cunho subdeterminado, podendo haver interferências importantes de fatores aleatórios. Aqui a regulação desempenha papel essencial: corrigir os desvios de trajetória, de modo que o sistema possa exibir um comportamento nitidamente dirigido para a meta, para o comportamento previsto (Morin, 1997).

A principal característica das máquinas cibernéticas é a sua capacidade de auto-regulação. A regulação visa à sobrevivência do sistema, à manutenção de suas variáveis essenciais em níveis adequados.³⁰

³⁰ O termostato é um exemplo de máquina que funciona pela auto-regulação. Ele regula a temperatura de acordo com as modificações do ambiente, mantendo-a constante. Exemplos de mecanismo auto-regulador são muitas vezes sugeridos na Terapia de Família para a compreensão do funcionamento familiar.

A comparação entre o homem e a máquina torna-se possível na mudança da primeira revolução industrial para a segunda, conforme Morin (1997). Na primeira, a máquina substitui a força física do homem e do animal (máquina a vapor); na segunda, a máquina vem exercendo decisão e controle, substituindo, às vezes com grande vantagens, o "trabalho intelectual" do homem. A cibernética vai subtraindo ações ao capital humano e entregando-as às atividades determinadas, tornando maquinal todo trabalho, até mesmo o intelectual. Dessa forma, a natureza interdisciplinar é considerada privilegiada no modelo cibernético, já que pode descrever tanto a regulação de uma máquina hidrostática, como os movimentos de um músculo de um animal. O termo máquina tem, assim, seu uso estendido das máquinas artificiais para os sistemas naturais.

A cibernética precisa lidar com um pensamento claro, que seja reproduzível, comunicável, ensinável, porque só as proposições razoáveis se transmitem e se ensinam. Postula que existe uma maneira de fazer mais eficaz e que este saber-fazer é calculável. Ilustraremos graficamente com um esquema do controle e retroação ("servomecanismo"), que tem como objetivo atingir a um alvo, meta (Miermont, 1994; Morin, 1997; Vasconcelos, 1995)³¹. A partir desse esquema, poderemos compreender a analogia entre homem e máquina.

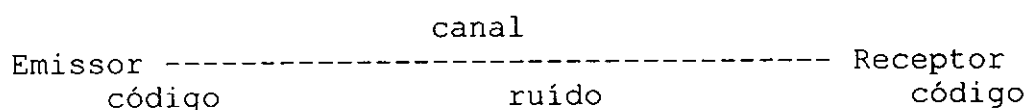
³¹ A teoria da informação, tema do tópico posterior, foi fundamental para a Cibernética que surgiu "agarrando a informação nascente para integrá-la no universo das máquinas" (Morin, 1997).

organização”, mas retira-lhe a vida. Ainda é um modelo mecanicista. A cibernética estuda o caráter de determinação dos sistemas que obedecem a cursos regulares e reprodutíveis, prende-se ainda a um modelo de ciência tradicional. Aproxima-se da complexidade (ordem + desordem; previsível + aleatório), mas quer determiná-la para controlá-la. Morin (1997) resume as críticas à Cibernética:

- 1.A Cibernética permitiu o aparecimento de uma “ciência geral da organização”, desenvolveu uma linguagem comum, com paralelismos em vários ramos da ciência. Assim, trouxe em potencial a complexidade, mas não a desenvolveu;
- 2.Subordinou a comunicação ao comando, tornando-se uma ciência do controle organizacional. A informação comunicada transforma-se em programa - instruções ou ordens que desencadeiam, inibem e coordenam as operações do sistema. A informação passa a reinar sobre a organização comunicacional. Fica oculta a questão do poder.
- 3.A Cibernética conduziu a uma prática tecnocêntrica, aplicando a esfera antropossocial o seu modelo de pretensa racionalidade, da “máquina purgada de todas as desordens”, ocultando o problema do controle, converte-se em instrumento de subjugação. Não aparece o problema de quem comanda e quem é comandado.

2.1.3 - Teoria da Informação

A teoria da informação surge em um campo tecnológico. É a pedra angular do paradigma da comunicação que Shannon elabora com Weaver, dois engenheiros que trabalhavam com telefonia. A informação "shannoniana" é um conceito físico novo. Shannon a determina como grandeza observável e mensurável. Procura um modo mais econômico e mais seguro para transmitir as mensagens (Miermont, 1994; Morin, 1997)³². A teoria da informação baseia-se em um sistema de comunicação, no qual uma mensagem é transmitida de um emissor a um receptor, com um repertório em comum (código), através de um canal. A mensagem é composta por signos ou sinais que podem ser decompostos em unidades de informação - bits. O ruído é entendido como "perturbação aleatória" que surgindo no canal de transmissão pode perturbar a mensagem. Por isso, deve ser eliminado. O esquema representa o acima dito.



O conceito de *bit* é visto "como um acontecimento que desfaz a incerteza dum receptor colocado diante de uma alternativa, na qual as duas saídas são, para ele,

³² Não desenvolveremos as relações que, posteriormente, foram estabelecidas entre a Teoria da Informação e a segunda lei da Termodinâmica, que também vêm influenciando o campo da Terapia de Família (Morin, 1997; Wittezaele, 1994; Prigogine, 1997). Nossa ênfase será na relação entre a Teoria da Informação e a da Comunicação.

equiprováveis" (Morin, 1997: 276). A escolha entre uma ou outra alternativa define a mensagem.

A concepção shannoniana gira em torno do sentido, mas o *bit* não é uma unidade de sentido, é uma unidade de medida (como metro - espaço, segundos - tempo, etc.). É uma unidade insensata e cega para o sentido e para o interesse ou verdade da informação. Mas, isso não perturbou a sua utilização na teoria das comunicações, porque o sentido se decide na prática social. De qualquer modo, a quantidade de informação não está isolada de sua forma de aparecimento, da sua ordenação (contexto)³³.

A ausência de sentido da informação é grave porque a teoria "shannoniana" (teoria da qualidade física da informação) não é capaz de se comunicar teoricamente com a realidade "antropossocial". É cega para o "sentido e para a falta de sentido". Preocupa-se com a integridade da informação e com os ruídos, como se ela fosse transcendente a tudo. Resumimos as críticas à teoria da informação, conforme Morin (1997):

1. A insuficiência digital: é preciso incluir a linguagem analógica e a idéia de gestalt;
2. A carência generativa: o ruído não é só destruição da mensagem, ele é também a possibilidade de surgir algo novo;

³³ Aqui Morin exemplifica com as letras na impressão do jornal. Se apenas jogamos letras no papel, a informação pode ser quantificada (bit), mas não há sentido.

3.A carência teórica: redução ao conceito físico que elimina o biológico e o "antropossocial" (simplificação e/ou ausência de complexidade).

A teoria de Shanon e Weaver, porém, influenciou a teoria da comunicação porque elaborou bem o quadro relacional no qual a informação deve ser procurada e encontrada: é a relação entre o emissor da mensagem e o receptor; relação que pode ser psicológica, afetiva, profissional, entre outras. A questão do sentido é assim remetida ao contexto.

2.1.4 - Teoria da Comunicação

A partir dos anos 50, surge o conceito de "comunicação e seus avatares industriais". Em Sodré, encontramos uma definição de comunicação e de linguagem, sendo a linguagem o que assegura a ação comunicativa.

"Diz-se comunicação quando se quer fazer referência à ação de pôr em comum tudo aquilo que social, política e existencialmente não deve permanecer isolado (...) o afastamento originário criado pela diferença entre os indivíduos, pela alteridade, atenua-se graças a um laço formado por recursos simbólicos de atração, mediação ou vinculação".

"À ordem de acolhimento das diferenças e de promoção da dinâmica mediadora entre os homens, dá-se o nome genérico de linguagem."
(Sodré, 1996: 11)

Ao comparar comunicação e informação, visualizamos a diferença que há quando se inclui no esquema outros elementos como o referente (contexto) e a linguagem, permitindo a presença do ruído, já que é impossível eliminá-lo das relações humanas (Vanoye, 1996).

Referente

Canal de comunicação

Emissor ----- Receptor

⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒⇒

Código

A elaboração da Teoria da Comunicação e o crescente interesse pelos estudos sobre a linguagem, surgidos nesse século (Delacampagne, 1997), evidenciam uma característica marcante: o otimismo. Pensa-se ter encontrado a solução para o isolamento em que a consciência individual estava. A modernidade trancou o indivíduo em "seu palácio de espelhos". Mas, na contemporaneidade, presenciamos uma nova versão do cogito cartesiano: "comunico, logo existo". A consciência, assim, retira-se de sua longa solidão (Portella, s/d).

O sujeito burguês tinha dificuldade em "perceber que toda convivência humana é intersubjetiva". O surgimento da "consciência comunicativa" é uma afirmação da "instância conciliadora do sujeito com o seu contorno existencial". A "consciência comunicativa" empreende uma luta tenaz contra o bloqueio e o confinamento, eliminando a incompatibilidade entre interior e público através da "força da linguagem" e da promoção da sociabilidade.

"A consciência deixará de ser consciência de si, ampliando-se enquanto consciência para. O que corresponde a enfatizar: é consciência, mas a partir de enlaces comunicativos instauradores, do nascer e do renascer no corpo a corpo do convívio cotidiano."

(Portella, s/d: 05)

Diferentemente da informação, a comunicação é um fenômeno essencialmente humano (coparticipação, compreensão), não subsiste entre os autômatos (Morin, 1997). Ela se caracteriza pelo:

- 1.abandono da noção de "Autoconsciência Infinita", "Espírito Absoluto" ou "Super-alma". Noção que tornava inútil o próprio conceito de comunicação;
- 2.reconhecimento de que as relações inter-humanas implicam a alteridade entre os próprios homens e são relações possíveis;
- 3.reconhecimento de que tais relações não se acrescentam em um segundo momento à realidade já constituída pelas pessoas, mas constituem essa realidade.

O conceito de comunicação, para nós, é mais relevante do que o de informação, na Terapia de Família, embora os dois conceitos estejam intrinsecamente ligados. Resumimos os motivos que nos levam a privilegiar a comunicação: por ser restrito ao grupo humano; por permitir o estudo da linguagem; por incluir o ruído, caminhando para a complexidade; por não excluir a noção de sentido.

No capítulo seguinte, apresentaremos uma idéia geral da filiação histórica e conceitual da Terapia de Família com as teorias não psicológicas desenvolvidas. Demonstraremos, assim, como se dá a sistematização da noção

de relação, vinculada às noções de comunicação e linguagem, eliminando a relevância da noção de subjetividade (intrapsíquico) e privilegiando a observação do comportamento/comunicação. Ressaltaremos quais são os problemas e os desdobramentos dessa teorização.

"Todo banhista que a esta hora nade em direção ao poente vê a nesga de luz que se dirige para ele e se extingue pouco além do ponto a que sua braçada o leva: cada um deles tem o seu reflexo, que só para ele tem aquela direção e se desloca com ele. De ambos os lados do reflexo, o azul da água é mais escuro. 'Será esse o único dado não ilusório, comum a todos, a escuridão?', indaga-se o senhor Palomar. Mas a espada se impõe igualmente aos olhos de cada um deles, não há como fugir dela. 'O que temos em comum será justo aquilo que é dado a cada um como exclusivamente seu?'"

(Calvino, 1994: 16)

CAPÍTULO III

TERAPIA DE FAMÍLIA: HISTÓRIAS E CONCEITOS

1 - Palo Alto: a "Meca"³⁴ da Terapia de Família

A Terapia de Família surge, como uma nova prática, a partir da década de 50, com seu crescimento alcançando grandes proporções durante as décadas de 60 e 70. Nesse período, consolida-se uma grande variedade de Escolas com as mais diferentes técnicas terapêuticas. Havia em comum, entre a maior parte dos pioneiros, a rejeição à Psicanálise e a adoção da referência conhecida como Sistêmica (Nichols, 1998). Como principal grupo de pesquisa, nessa área, encontramos o que foi dirigido por Gregory Bateson e que mais tarde será, na Terapia de Família, conhecido como a Escola de Palo Alto³⁵.

A pesquisa sobre a dinâmica familiar e a etiologia da esquizofrenia é um dos temas desenvolvidos pelo grupo de Bateson. Vamos começar contando a história da formação desse grupo e de suas idéias.

Gregory Bateson, nascido na Inglaterra, após o término de sua formação em Zoologia, decidiu estudar Antropologia. Seus estudos em Antropologia lhe possibilitaram uma construção teórica para além das sociedades, nas quais

³⁴ O termo "Meca" é utilizado por Nichols (1998) e corrobora as afirmações, encontradas na literatura da Terapia de Família, quanto a importância dessa Escola. Os nossos entrevistados mencionam a influência dessa Escola para o início da Terapia de Família no Rio de Janeiro, sendo divulgada por alguns brasileiros que lá estiveram.

³⁵ No Anexo II encontra-se a Linha do Tempo em que se pode observar as principais datas da história da Escola de Palo Alto, desde Bateson ao MRI, nos dias atuais.

viveu e observou (Winkin, 1981; Wittezaele, 1994). Citamos um importante conceito, surgido dos seus estudos antropológicos, que será utilizado para interpretar vários tipos de relações: a cismogênese, que é um processo de diferenciação nas normas do comportamento individual, resultante da interação acumulativa entre indivíduos, podendo ser classificada como simétrica (igualdade) ou complementar (hierarquia)³⁶. Entre A e B: as ações de um desencadeiam as respostas do outro, desembocando em reações intensas de um e de outro e, assim, sucessivamente. Não há como determinar um início - causalidade linear (linha reta: causa/passado e efeito/futuro), o que pode ser feito é produto de um corte (do observador) que determina um início e um fim. A causalidade circular, ao contrário, é um ciclo de influência mútua.

O conceito de cismogênese é um "vai e vem" entre o indivíduo e a sociedade, postulando como fundamental, para compreender um comportamento individual, ter em conta os laços de um indivíduo com outras pessoas de sua relação. O comportamento é determinado pela resposta do outro. Passa-se, assim, de uma visão intrapsíquica para uma consideração do sistema relacional de um indivíduo. A unidade de análise não é mais individual, e sim interacional (Wittezaele, 1994). Mais tarde, essa forma de entender o comportamento

³⁶ O conceito de cismogênese aparece na primeira obra importante de Bateson - *Naven* (Winkin, 1981; Wittezaele, 1994).

humano servirá às pesquisas quanto à etiologia da esquizofrenia.

O primeiro trabalho importante de Bateson, na Antropologia foi *Naven*, em 1936. Revela com essa obra uma maneira peculiar de estudar uma sociedade como antropólogo. Escolhe apresentar a sociedade Iatmul somente com uma cerimônia - *Naven*. Traz, assim, para o campo da Antropologia uma forma de pesquisa e interpretação dos dados, comum à Biologia (sua primeira formação), em que um microorganismo pode explicar o funcionamento de todo organismo vivo (Wittezaele, 1994). *Naven* determina o modo de pensar e pesquisar de Bateson. Não se contenta com uma descrição dos dados. Ele procura construir uma teoria da cultura que ultrapasse o quadro da sociedade estudada. Compreendia a cerimônia *Naven*, que observou na sociedade *Iatmul* (Nova Guiné), como um mecanismo cibernético (autocorretivo e circular) (Winkin, 1981).

Bateson, tempos depois, foi morar nos Estados Unidos e iniciou estudos sobre a natureza da comunicação. Como já afirmamos, os estudos sobre comunicação foram fonte de grande entusiasmo desde a metade deste século. A citação abaixo resume a confiança e a esperança depositada na comunicação e que invade esse grupo de pesquisadores: "Sin comunicación, no hay conocimiento, no hay contacto, no hay relación, no hay vida" (Wittezaele, 1994: 95). A comunicação é a base para a explicação de todo fenômeno

desde as partículas subatômicas aos órgãos do corpo humano, até a nossa vida social.

São as investigações sobre a comunicação que unem Bateson a uma das primeiras escolas de Terapia de Família, nos Estados Unidos: o MRI (Mental Research Institut). Bateson, na década de 50, assentou as bases do enfoque interacional. Nas décadas seguintes, o grupo formado no MRI enriquecerá e tornará essa a base da Terapia de Família. Por enquanto, precisamos ainda caminhar com as formulações de Bateson até chegar ao MRI.

Em 1948, Bateson é convidado por Jurgen Ruesch (psiquiatra de origem russa) para se unirem em um estudo sobre a comunicação em psicoterapia, o que será o primeiro contato de Bateson com o campo "psi". Ambos espantam-se que, entre os psicoterapeutas, só se teorize em termos de personalidade, esquecendo-se da noção fundamental de comunicação. Desse esforço conjunto se produzirá um livro, publicado em 1951, versando sobre a comunicação como a "matriz social da psiquiatria" (Ruesch, 1951). Para Bateson, é a tentativa de uma primeira aplicação das idéias Cibernéticas nas Ciências Humanas.

Em 1952, juntaram-se a Bateson dois engenheiros: Jay Haley e John Weakland. E, posteriormente, um psiquiatra: William Fry. Todos estudando a natureza da comunicação em diferentes direções. Em 1954, Bateson recebe financiamento para iniciar um estudo sobre a comunicação esquizofrênica.

Don Jackson junta-se a eles como psiquiatra e consultor clínico. O interesse do grupo desloca-se para elaboração de uma teoria da comunicação, visando a explicar a origem e a natureza do comportamento esquizofrênico, especialmente, no contexto familiar.

Um novo modo de pensar, portanto, trará, ao campo da Terapia de Família, uma compreensão teórica possível para a relação. Não é nada simples, conforme Hoffman (1994), compreender a elaboração dessa teoria, já que ela foi formulada mais por influência de diferentes pesquisadores de várias áreas do que por psicoterapeutas. Bateson, porém, é considerado o "gênio sintetizador" dessas influências³⁷. E, embora não tenha proposto nenhuma forma de intervenção terapêutica na família, foi fundamental para o seu início.

Influenciados pela Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy), pela Teoria da Informação (Shannon), pela Teoria da Comunicação e pela Cibernética (Wiener), começaram a formular conceitos para a compreensão da família. Uma das hipóteses mais importantes formuladas nesse período diz respeito à estabilidade familiar. Supõe-se que através de uma retroalimentação do sistema há um controle do comportamento da família e seus membros, mantendo a estabilidade familiar - homeostase. Nesse caso, o sintoma de um membro de uma família serve à função

³⁷ Poderíamos nos estender, mas não o faremos, em mais duas disciplinas que influenciaram o grupo de pesquisa de Bateson e o MRI e que exigiria um percurso filosófico maior: Teoria dos Tipos Lógicos (Russel e Whitehead), Teoria dos Jogos (Wittgenstein) (Wittezaele, 1994; Bateson, 1977).

cibernética de manutenção do equilíbrio do sistema. A explicação para o comportamento sintomático, portanto, desloca-se do indivíduo para as relações familiares.

Outra hipótese importante é a de que a esquizofrenia é o resultado da interação familiar. Deixando de lado qualquer explicação causal que pudesse ser encontrada na infância do paciente, o grupo de Bateson passou a observar as famílias de esquizofrênicos a fim de identificar seqüências de experiências presentes e padrões de comunicação (comportamento) familiar. Em vez de pensar a esquizofrenia como o "colapso (*breakdown*) da capacidade de uma pessoa lidar com a realidade", passaram a vê-la como uma aprendizagem de como lidar com a realidade, ocorrendo através de uma comunicação "perturbada" entre os membros de uma família (Nichols, 1998).

O conceito de duplo vínculo é o ápice dessa nova formulação teórica que visa a compreender a esquizofrenia por meio de conceitos que privilegiam a interação³⁸. A situação de duplo vínculo, que pretende compreender a esquizofrenia através da comunicação/relação, caracteriza-se: por um relacionamento importante entre duas pessoas; por não ser possível o escape; por se receber duas mensagens relacionadas e contraditórias em níveis diferentes; por ser impossível detectar a presença das duas mensagens e escapar; pela resposta ser muito importante; e

³⁸ Pesquisa de Bateson com Margaret Mead, em Bali, anuncia o duplo-vínculo. Queriam entender como uma criança torna-se parte da cultura (Winkin, 1981).

pela repetição deste padrão. Encontramos em Nichols (1998), um exemplo de duplo vínculo, citado em um artigo do grupo de Bateson, com as suas principais características: um rapaz esquizofrênico hospitalizado, recuperando-se de um surto é visitado por sua mãe; ele coloca seu braço em torno dela e ela se enrijece; ele retira o braço e ela pergunta se ele não a ama mais; ele cora e ela afirma que ele não deve ter medo de revelar seus sentimentos. Após essa visita, o paciente ficou transtornado. Nichols (1998) chama atenção para a impossibilidade de uma saída nessa relação.

Muitos estudos e trabalhos publicados problematizaram ou tentaram confirmar a hipótese de duplo vínculo como uma explicação para a esquizofrenia (Sojit, 1971; Sluzki, 1971; Weakland, 1974a). O conceito foi estendido a vários outros tipos de situação, como: o humor, a criatividade, a poesia, a delinqüência, a hipnose, a religião, etc. (Nichols, 1998). Não iremos desenvolver a história do conceito. Importa ressaltar sua importância histórica nesse momento inicial, já que fundamentou uma nova maneira de compreender a esquizofrenia a partir da idéia da relação e da comunicação (linguagem verbal e não verbal) (Winkin, 1981).

Em 1956, o grupo de Bateson já consolidava suas pesquisas em muitas direções. Continuava a observar as famílias, pesquisar sobre duplo-vínculo, procurando incluir o pai. Jay Haley começa a estudar a abordagem psiquiátrica de Milton Erickson que trabalhava com hipnose. Fascinado

pelas questões de poder e controle, Haley considerava que o principal motivo para o duplo-vínculo era "a luta pelo controle entre as pessoas" no contexto do relacionamento. Essa será uma das fontes de desacordo, levando à separação do grupo, porque Bateson recusava, veementemente, a hipótese do poder como explicativa, assim como, recusava qualquer idéia de intervenção (terapêutica) baseada no controle, conforme a abordagem de Milton Erickson que tanto influenciou Jay Haley e o MRI (Wittezaele, 1994).

O tratamento nunca foi um objetivo da pesquisa do grupo de Bateson. Mas, em um certo momento, eles se dividiram entre teoria e tratamento. Em 1959, Don Jackson funda o MRI (Mental Research Institute) e convida Virginia Satir, assistente social que vinha se destacando com seu trabalho terapêutico com famílias, para se juntar a ele, assim como Jules Riskin. Jay Haley, John Weakland e William Fry também já começavam a realizar psicoterapia com famílias, compondo, posteriormente, a equipe do MRI. Na década de 60, outro personagem importante juntar-se-á a eles: Paul Watzlawick. Bateson não acompanhou essa nova faceta do trabalho, isto é, o tratamento às famílias. Os dois grupos conviveram durante três anos, consolidando-se a separação entre eles em 1962, com a conseqüente dissolução do grupo de pesquisa inicial.

Bateson continuou suas pesquisas, construindo teorias relacionadas à busca de um "padrão que conecta". Interessa-

se em pesquisar sobre "epistemologia", isto é, "como nós podemos conhecer qualquer coisa", desde a sociedade humana aos seres vivos (Bateson, 1986). Suas pesquisas culminam com a publicação do livro *Mind and Nature: a necessary unity*, em 1979.

Caracterizaremos a separação dos dois grupos, em um quadro, comparando o terapeuta de família, representado por Jackson e Haley, e o antropólogo, representado pelas características de Bateson. Estaremos, assim, polarizando com uma separação entre intervir e não intervir, mudar e não mudar a família.

ANTROPÓLOGO	TERAPEUTA DE FAMÍLIA
<p style="text-align: center;"> COMPREENDER ↓↓ NÃO MUDAR ↓↓ TEORIZAR/FORMULAR CONCEITOS ↓↓ Gregory Bateson </p>	<p style="text-align: center;"> INTERVIR ↓↓ MUDAR ↓↓ TRATAR/TÉCNICAS/SOLUCIONAR ↓↓ Don Jackson e Jay Haley </p>

A partir dessa divisão de idéias, Don Jackson funda o MRI com o objetivo de tratar famílias e formar terapeutas. Assim, nasce e se desenvolve a Abordagem Sistêmica. Don Jackson, Jay Haley, William Fry, Virginia Satir e John Weakland tornam-se pioneiros na Terapia de Família, consolidando a passagem de um modelo intrapsíquico para o modelo relacional/interacional, dando relevância ao

contexto para o desenvolvimento dos sintomas. De qualquer modo, apesar da discordância de Bateson, ele se tornou o grande mentor do que se convencionou chamar a Abordagem Sistêmica na Terapia de Família. Suas idéias ajudam a sistematizar o referencial teórico dos pioneiros acima citados, aparecendo em importantes publicações que tornam o MRI, durante a década de 60 e 70, a "Meca" da Terapia de Família.

Em seguida, como referência para nossa análise dessa nova intervenção terapêutica, utilizaremos, principalmente, os livros *Pragmática da Comunicação Humana e Mudança*, nos quais encontramos sistematizado o arcabouço teórico advindo de diversas disciplinas que consolidam a Abordagem Sistêmica.

2 - O percurso da noção de mudança: um paralelo com a noção de intervenção

A Terapia de Família surge com uma forte ênfase no contexto familiar e no seu poder de influência, rejeitando considerações intrapsíquicas e históricas. É, dessa forma, otimista quanto às possibilidades de mudança e intervenção nos estados patológicos, não os considerando mais como específicos da estrutura da personalidade. Essa, provavelmente, foi a mais importante contribuição de Milton Erickson à Terapia de Família, pois possuía uma visão otimista da terapia, orientando-a para a mudança (presente

e futuro) e para a ação (pragmática). Para o MRI foi um contraponto às psicoterapias da época, principalmente à Psicanálise. Nesse tópico, abordaremos o que há de mais fundamental na formulação teórica do MRI, começando pelo livro que foi dedicado a Gregory Bateson.

Logo na introdução da *Pragmática da Comunicação Humana*, os autores, Paul Watzlawick, Don D. Jackson e Janet H. Beavin, esclarecem sobre o que vão abordar: "Este livro ocupa-se dos efeitos pragmáticos (comportamentais) da comunicação humana, dedicando especial atenção aos distúrbios de comportamento" (Watzlawick, 1993: 13).

Em seguida, explicitam a ousadia do empreendimento: encontram-se em oposição a "um ceticismo crescente", pretendendo sistematizar a pragmática da comunicação humana. Afirmam que, no conhecimento atual, não há uma "explicação adequada para a aquisição da linguagem natural", dificultando, assim, "a esperança de aduzir as relações formais entre comunicação e comportamento".

Fica evidente, então, a posição tomada pelos autores, mesmo sabendo do risco de serem julgados negativamente como "presunçosos" e "ignorantes", como chegam a prever. Evidencia-se, ainda, a insistência em uma investigação da linguagem (especificamente ligada ao comportamento), contrariando o ceticismo de alguns. Queriam alcançar um conhecimento "eficiente" sobre o comportamento humano com o objetivo de intervir e provocar mudança. Buscaram pautar

esse conhecimento na lógica formal, escapando às considerações metafísicas e entendendo o comportamento humano como linguagem e comunicação. Neste sentido, situam-se na tradição do pensamento moderno que tem como uma de suas questões a viabilidade do conhecimento e do papel da linguagem. Esses autores, pioneiros da Terapia de Família, podem ser, no nosso entender, compreendidos a partir da análise do surgimento e desenvolvimento do interesse pela linguagem na filosofia moderna (Marcondes, 1996; 1997). Uma reflexão, portanto, sobre a filiação desta nova concepção de terapia pode ser buscada em seus pressupostos filosóficos, visando a problematizar este novo modelo, ainda que o reconheçamos como um importante marco nas transformações da assistência à Saúde Mental.

Os autores, na *Pragmática da Comunicação Humana*, pautando-se nas idéias da relação e da comunicação, situam-se ao lado do "pensamento discursivo" (linguagem), como uma saída para o solipsismo e para o "pensamento intuitivo" (razão), buscando, assim, escapar ao "mentalismo" (Marcondes, 1996). Fundamentam-se em Russel e Carnapp, por exemplo, que se encontram na tradição dos que queriam colocar a filosofia no "caminho seguro da ciência": o da lógica formal, baseada na matemática (Delacampagne, 1997). Há diferenças entre Russel e Carnapp que não iremos desenvolver. O importante é ressaltar que têm em comum o "projeto básico de desenvolvimento de uma análise lógica da

linguagem". A lógica passa a ser o caminho para a fundamentação das teorias científicas e para o afastamento do "subjetivismo" (Marcondes, 1997). São referências, portanto, propícias à elaboração teórica inicial da Terapia de Família, já que é neste campo que os autores da *Pragmática da Comunicação Humana* encontram a alternativa ao modelo intrapsíquico.

Procuraremos evidenciar, a partir de trechos do *Pragmática da Comunicação Humana*, considerado, por muitos, a "Bíblia" da Terapia de Família, quais são as principais formulações estabelecidas como corpo teórico para uma intervenção na família. Lembramos que esse livro marca o início de uma formulação teórica sistematizada da Terapia de Família. É, portanto, uma afirmação radical de conceitos não abordados, de forma geral, pelo campo das disciplinas psicológicas. Tais conceitos, entre eles o da comunicação e o da relação, pretendem fundamentar um modelo que se opõe ao, até então predominante, modelo intrapsíquico. O problema encontra-se no fato de que esta afirmação radical, muitas vezes parece ser naturalizada. Onde havia o intrapsíquico, tido como um modelo essencialista que postula uma mente que não pode ser observada e comprovada, substitui-se pelo modelo da relação, baseada na comunicação e tendo a linguagem como conceito (lógico-matemático) privilegiado. Os autores encontram-se, assim, inseridos na busca de universais, postulando a observação do

comportamento/comunicação como essencial para a compreensão do sistema familiar. Ao universalizarem o seu próprio modelo o vêem como a-histórico e ainda mais fundamentado na clareza científica, típica da cultura ocidental. Fazem, portanto, a crítica ao modelo intrapsíquico, mas contrapõem a ele o mesmo essencialismo.

De qualquer forma, ao buscarem na noção da relação a compreensão, a partir da Teoria Geral dos Sistemas, da Cibernética e da Matemática para o fundamento do atendimento à família, representaram uma corajosa e obstinada tentativa de construção teórica, principalmente pelo caráter inovador e de transformação que a intervenção terapêutica na família apresentava.

Introduzem o conceito de Caixa Escura, vindo do campo da telecomunicação, a fim de obter uma compreensão renovadora do comportamento humano. Questionam as pesquisas realizadas em Psicologia e Psiquiatria porque são disciplinas "auto-reflexivas", isto é, sujeito e objeto se confundem, levando a "uma tendência inevitável para a autovalidação". Os autores afirmam que é impossível "ver a mente em funcionamento". O conceito da Caixa Escura, na Terapia de Família, veio substituir a noção de intrapsíquico, e permitiu, a partir também da Teoria da Informação e da Comunicação, a abordagem terapêutica da família, baseando-se no comportamento que comunica (comportamento relacional e não psicológico). A

idéia básica consistia em não ser possível saber o que se passa no interior da Caixa Escura (mente). Pode-se, entretanto, observar a entrada(*input*) e a saída(*output*), ligando informação a comportamento. Queriam, assim, eliminar as preocupações com a mente, com as emoções do indivíduo e com a história da família. Acreditavam, com isso, facilitar a avaliação dos resultados da terapia, pautando-a na observação da entrada (intervenção do terapeuta) e da saída (resposta da família) (Nichols, 1998).

Admitem que as relações entre entrada e saída permitem inferências sobre o que se passa no interior da "caixa", mas

"o seu conhecimento não é essencial para o estudo da *função do dispositivo no sistema maior de que ele faz parte*. Este conceito (Caixa Escura), se aplicado aos problemas psicológicos e psiquiátricos, tem a vantagem heurística de que não é preciso recorrer a hipóteses intrapsíquicas inteiramente inverificáveis, e de que podemos limitar-nos às relações observáveis de admissão-saída, isto é, à *comunicação*. Tal abordagem caracteriza, acreditamos, uma importante tendência recente na Psiquiatria, no sentido de considerar os sintomas como uma espécie de admissão no sistema familiar, em vez de serem uma expressão de conflito intrapsíquico."

(Watzlawick, 1993: 39)

Confirmando o acima dito, há uma ênfase, na formulação teórica da Terapia de Família, em se introduzir o contexto, na percepção do observador do comportamento humano. Fenômenos isolados do seu contexto são tidos como inexplicáveis, ou são atribuídos a eles propriedades que não possuem. Criticam os estudos feitos, quanto ao comportamento "perturbado" (psicopatologia), que isolam o

indivíduo e se interessam pela natureza da mente humana.

Propõem, então:

"Se os limites da investigação forem ampliados de modo a incluir os efeitos desse comportamento sobre os outros, as reações destes àquele e o contexto em que tudo isso ocorre, o foco transfere-se da mônade artificialmente isolada para as relações entre as partes de um sistema muito mais vasto. Assim, o observador do comportamento humano passa de um estudo inferencial da mente para o estudo das manifestações observáveis da relação".

(Watzlawick, 1993:18)

Neste último trecho, fica evidente a negação da importância de um estudo sobre a mente individual, privilegiando, ao contrário, estudos sobre a relação. Consideram a linguagem como ponto de partida para a compreensão do comportamento humano, em comunicação³⁹.

O veículo das manifestações da relação, por consequência, é a comunicação. Os autores da *Pragmática da Comunicação Humana* baseiam-se na divisão da comunicação humana em três áreas: sintaxe, semântica e pragmática. Consideram que a sintaxe abrange os problemas de transmissão da informação (o problema do código). A semântica tem seu principal interesse no significado. E a pragmática interessa-se pela comunicação em estreita ligação com o comportamento. São áreas interdependentes, mas os autores concentram-se, principalmente, na pragmática. Essas três áreas, conforme os autores, foram

³⁹ Assim, insere-se a Terapia de Família na tradição moderna da filosofia que busca respostas para a relação entre o conhecimento e a linguagem, situando-se na corrente contrária ao "mentalismo" (Marcondes, 1996). Nosso objetivo principal, porém, é ressaltar um aspecto que aparece com insistência: o contraponto que, inicialmente, a Terapia de Família estabelece para com o campo "psi", criticando sua ênfase na mente individual. Poder-se-ia prosseguir na busca de uma filiação para a Terapia de Família, relacionando-a com a história da filosofia, mas um aprofundamento maior fica, por enquanto, adiado. Morin (1996b) também aqui é uma referência.

estabelecidas por Morris e adotadas por Carnapp(Círculo de Viena)⁴⁰.

Essa abordagem comunicacional, na *Pragmática da Comunicação Humana*, está mais próxima da Matemática, que é mais interessada nas relações entre as entidades e não na natureza dessas, do que da Psicologia tradicional, que possui uma concepção restrita à natureza individual, reificando, segundo os autores, os padrões de relação e interação. Propõe-se, então, uma "excursão pela teoria do número", a fim de compreender a noção de função na Matemática. Os autores atribuem a Vieta - 1591 - a formulação do conceito de variável, sendo caracterizada como não possuidora de significado próprio e só sendo significativa em uma relação mútua. O conceito de função é definido pela relação entre as variáveis, isto é, pelos sinais destituídos de grandeza, formato e significado singular. Fazem, assim, um paralelismo entre o surgimento do conceito matemático de função e o despertar do campo "psi" para a relação. Com isso, adquire-se uma nova percepção: das relações e padrões de relações como constituintes essenciais da experiência humana.

Exemplificando com a aprendizagem escolar, afirmam que toda criança sabe que o movimento é relativo, porque só pode "ser percebido em relação a um ponto de referência".

⁴⁰ Mencionamos esses autores porque são citados na *Pragmática da Comunicação Humana* como referência. Novamente visualizamos uma possibilidade de se relacionar o corpo teórico da Terapia de Família com a história da Filosofia (Marcondes, 1996; 1997 ; Delacampagne, 1997).

Afirmam que isso se aplica a toda e qualquer percepção, citando outros exemplos que se dão sempre pela relação: um som constante, torna difícil sua percepção, porém, qualquer alteração na constância facilitaria a percepção a partir da diferenciação entre os sons; a textura de uma superfície só é notada se deslizarmos um dedo sobre ela (relação entre a pele e a superfície), o que não acontecerá se apenas a tocamos, sem movimento. Concluem que

"um processo de mudança, movimento e exploração está envolvido em toda percepção" (...) uma relação é estabelecida, testada num âmbito tão vasto quanto uma dada contingência permita e, finalmente, obtém-se uma abstração que, sustentamos nós, é idêntica ao conceito matemático de função. Assim não são as 'coisas' mas as funções que constituem a essência de nossas percepções; e as funções (...) não são grandezas isoladas mas 'sinais representando uma ligação (...) uma infinidade de posições possíveis de caráter semelhante' (Ruesch, 1951) (...) não deveria causar mais surpresa que até a consciência de si mesmo do homem seja, essencialmente uma consciência de funções, de relações em que ele está envolvido, por muito que ele, subseqüentemente, coisifique essa consciência".

(Watzlawick, 1993: 24)

Sem a intenção de dar ênfase a Freud, os autores da *Pragmática da Comunicação Humana* afirmam que ele rompeu com a Psicologia tradicional ao supor uma "psicodinâmica do comportamento humano". Mas, ao mesmo tempo, consideram que, por permanecer uma teoria primordialmente de processos intrapsíquicos, a Psicanálise "menosprezou a interdependência entre o indivíduo e o seu meio". É aqui que, segundo os autores, o conceito de troca de informação/comunicação é indispensável. As citações abaixo sintetizam a junção que se dá entre a Teoria da Informação/Comunicação, a Cibernética e as noções de estabilidade e mudança.

"A compreensão de que a informação a respeito de um efeito, se for adequadamente retroalimentada ao órgão motor, garantirá a estabilidade deste e sua adaptação à mudança ambiental, não só abriu as portas para a construção de máquinas de ordem superior (isto é, de erro controlado e orientadas para uma meta específica) e levou à postulação da Cibernética como uma nova epistemologia mas também proporcionou vislumbres completamente novos na biologia, psicologia, economia e outros domínios."

(Watzlawick, 1993: 26)

A Ciência, ao se propor a estudar relações lineares de causa e efeito, manteve excluído um grupo de fenômenos que têm em comum os conceitos "aparentados de *crescimento e mudança*". Foi a Cibernética, segundo os autores, que conseguiu provar que era possível estudar esses dois fenômenos através da descoberta da retroalimentação (*feedback*), vendo o sistema como circular.

"Uma cadeia em que o evento *a* gera o evento *b*, e *b* gera então *c*, e *c*, por sua vez, provoca *d* etc., teria as propriedades de um sistema linear determinístico. Se, porém, *d* conduzir de volta a *a*, o sistema é circular e funciona de um modo totalmente diferente."

(Watzlawick, 1993: 27)

A retroalimentação pode ser positiva ou negativa (homeostase). A primeira conduz à mudança, com a perda da estabilidade (ou equilíbrio) e amplificação do desvio a partir da informação. Na segunda, a informação é usada para diminuir o desvio, mantendo a estabilidade. Essa é a característica dos sistemas auto-reguladores (retroalimentação negativa), sobre a qual os autores fazem menções com mais freqüências.

Dado que o comportamento de uma pessoa é afetado pelo de uma outra, qualquer sistema interpessoal pode ser encarado como um mecanismo de retroalimentação. A entrada de uma informação pode "ser ampliada e redundar em mudança

ou pode ser neutralizada para manter a estabilidade". Os autores citam os estudos feitos com famílias com um membro esquizofrênico, exemplificando a existência da doença (entrada de informação no sistema) como "essencial para a estabilidade do sistema familiar", concluindo que "o sistema reagirá rápida e eficazmente a quaisquer tentativas internas ou externas para mudar a sua organização" (Watzlawick, 1993: 28).

Não iremos prosseguir em uma análise dos conceitos encontrados em *Pragmática da Comunicação Humana*, já que nos levariam a um percurso importante, mas irrelevante para a nossa argumentação. Importa ressaltar a conceituação abstrata da família que observamos nesses autores, isto é, a família é vista como um sistema aberto em interação com seu meio, trocando informações, e procurando sempre manter a estabilidade para permanecer a mesma⁴¹.

Foram muitas as influências da Teoria da Comunicação desenvolvida no *Pragmática da Comunicação Humana*, determinando a prática da maioria das Escolas de Terapia de Família. O comportamento vem sendo compreendido como sinônimo de comunicação até por aqueles que ignoram o MRI. Conceitos como duplo-vínculo e homeostase familiar geraram muitas controvérsias e foram temas de muitas pesquisas e publicações no campo (Nichols, 1998).

⁴¹ Nichols (1998) critica o MRI por postular a família como um sistema aberto, mas em sua prática clínica a trata como um sistema fechado, nuclear, sem contato com a família mais ampla ou com a comunidade.

Era fundamental, em termos teóricos e práticos, para o grupo de terapeutas do MRI, a compreensão de como um terapeuta deveria intervir na família a fim de produzir mudança. Pensavam ser necessário uma intervenção vinda de fora para produzir mudanças no relacionamento considerado problemático. O terapeuta, por se localizar fora do sistema familiar, pode apontar seqüências de interação (entre os membros) em que o problema aparece, ou manipular essas seqüências com o objetivo de efetuar a mudança terapêutica. Foi essa característica intervencionista que levou esses terapeutas a desenvolverem uma série de técnicas orientadas para a mudança, sempre tendo em conta a persistência do sistema familiar em permanecer o mesmo (homeostase).

No livro *Mudança*, podemos conhecer como o MRI construiu uma intervenção terapêutica de curta duração e que, para produzir mudança, utilizava técnicas diretamente influenciadas pela hipnose praticada por Milton Erickson. *Mudança* tem como assunto principal a "velha questão de persistência e mudança nos assuntos humanos (...) diz respeito ao modo como os problemas surgem e como, em certos casos, eles se perpetuam e em outros, se resolvem" (Watzlawick, 1986: 12). Seus autores almejam sistematizar um método para suas premissas, visando à intervenção e à compreensão da influência e da manipulação (em favor de seus pacientes). Querem construir uma teoria que leve em consideração tanto a persistência quanto a mudança

(resolução) dos problemas, lançando as seguintes perguntas: "De que modo persiste essa situação indesejável?"; "Que é preciso para mudá-la?".

Utilizam duas teorias "abstratas e universais" originárias da Lógica Matemática: a Teoria dos Grupos (Galois) e a Teoria dos Tipos Lógicos (Russel e Whitehead). Após a explicitação teórica desses referenciais pretendem demonstrar suas técnicas, através de exemplos, para provocar a mudança, superando a resistência a mudar, encontrada em todo e qualquer sistema, segundo os autores. A intervenção do terapeuta, então, visa a desequilibrar o sistema (quebra da homeostase), preparando-o para a mudança (retroalimentação positiva).

A análise interacional (sistêmica) não oferece uma resposta automática para o processo de mudança. É a eficácia da intervenção que é relevante, sendo este o objetivo das reflexões teóricas e não uma teoria da família. Deseja-se alcançar um olhar interacional sobre o método de mudança para formular uma "teoria da intervenção" fundada sobre a eficácia da relação terapeuta/paciente. O objetivo é a mudança de comportamento desejada pelo

paciente (Weakland, 1974b; Watzlawick, 1986) ⁴². São três os postulados da terapia breve do MRI:

- 1.As mudanças contínuas nos confrontam com dificuldades que às vezes não são superadas (repetição de soluções que não resolvem o problema) (premissa etiológica);
- 2.Um problema persiste quando mantido pelo comportamento do paciente ou pelas interações que se estabelecem entre o paciente e os que o cercam (premissa Cibernética);
- 3.Se o comportamento que alimenta o problema é eliminado ou modificado apropriadamente, o problema ou desaparece ou se transforma em uma simples dificuldade (paradigma da ação terapêutica).

As críticas feitas à abordagem do MRI trouxeram uma nova compreensão quanto ao objetivo do terapeuta, na Terapia de Família. Ser o interventor que provoca a mudança é o alvo dos questionamentos. Esse é o tema de nosso próximo tópico.

⁴² A compreensão encontrada, nesses autores, quanto ao sistema pode ser estendida a indivíduos, famílias ou sistemas mais amplos. Mais importante era a noção de que o sintoma/problema se apresentava em um contexto. A intervenção terapêutica, portanto, podia dar-se em qualquer um desses sistemas. Esse é um ponto debatido no campo, já que para alguns, como Minuchin, é preciso intervir nas relações presentes na sessão, por mais que se compreenda que os efeitos da intervenção terapêutica possam se estender até a quem não comparece (outros elementos do sistema). Para o MRI, no entanto, a mudança se torna mais viável ao trabalhar-se com a pessoa ou com as pessoas mais motivadas para a mudança, podendo até ser quem não apresenta o sintoma.

3 - Mudança e intervenção: uma proposta em questão

A Terapia de Família concentrou-se no desenvolvimento de técnicas pragmáticas que visavam à mudança até o final da década de 70. A partir desse mesmo período ocorre uma parada para a auto-crítica, tomando, basicamente, duas direções: a já mencionada (capítulo I) crítica feminista e o surgimento de novos referenciais epistemológicos. A abordagem inicial do MRI, principalmente, torna-se alvo de um intenso questionamento devido a sua ênfase no pragmatismo, na técnica e nos resultados⁴³. Esse questionamento faz parte de um movimento de reação contra os pressupostos até então estabelecidos, como a Cibernética e o funcionalismo. Critica-se, ainda, a não consideração do efeito do observador (terapeuta) sobre o observado (família), ignorando os "preconceitos" do primeiro. O alvo atingido, por trás dessas críticas, é a abstração dos conceitos que leva a se menosprezar os valores culturais e a relatividade de todo e qualquer conhecimento.

Existem, segundo Hoffman (1994), dois tipos diferentes de terapeuta de família, originados de gerações distintas. O primeiro tipo edifica-se sobre o modelo Cibernético (anos 50 e 60), como o grupo do MRI e a Abordagem Estrutural

⁴³ A história atual do MRI o vincula com o movimento construtivista. Paul Watzlawick é o seu principal representante. Para muitos (principalmente os construcionistas sociais), porém, pouco mudaram as suas principais características. Em entrevistas, Watzlawick, mesmo já estando inserido no movimento construtivista, reafirma que a terapia do MRI não visa a um aumento da compreensão psicológica, ou do crescimento pessoal. Afirma ser um "mecanicista" no sentido de buscar efeitos controlados de mudança, ainda que agora passe a ressaltar o aspecto construtivista desses efeitos (Watzlawick, 1997a; 1997b).

(Salvador Minuchin), por exemplo, vendo o comportamento sintomático como análogo à concepção de elementos homeostáticos, mantendo o equilíbrio do sistema. O segundo tipo surge ao basear-se em um modelo mais recente (anos 70) que vê a família como um sistema evolutivo, capaz de transformações súbitas. Esse grupo de terapeutas deriva sua referência teórica do trabalho de outro grupo de cientistas, a exemplo do químico Prigogine e do biólogo Maturana⁴⁴. Buscam constituir, assim, uma nova referência epistemológica para a Terapia de Família (Sluzki, 1997b). O início para essa nova referência é marcado, segundo Hoffman, pelo trabalho de Paul Dell, contrapondo o sistema homeostático ao sistema evolutivo (Speer, 1970; Dell, 1982). Esses dois tipos de terapeutas, entretanto, não são tão facilmente separados ao visualizarmos o campo da Terapia de Família. Muitos propõem integrações, apesar das diferenças conceituais.

Keeney (1997) lamenta que o emprego do termo homeostase na Terapia de Família tenha servido para entender o sistema como "estacionário", confundindo a compreensão da proposta Cibernética. A afirmação, portanto, de que a Cibernética proporciona uma visão que engloba estabilidade e mudança não foi confirmada na prática clínica dos pioneiros da Terapia de Família, já que suas

⁴⁴ Todas as conseqüências da busca dessa nova referência teórica não serão desenvolvidas aqui. Citamos os seguintes autores que têm desenvolvido esse tema: Elkaim (1998a), Chubb (1990), Schnitman (1996) e Brun (mimeo).

técnicas vinham sempre a reboque de uma interpretação que via a família como resistente à mudança.

Uma crítica à Cibernética, nesse sentido, também havia sido feita por Bertalanffy quanto ao uso da idéia de estabilidade e resistência à mudança, fornecendo uma compreensão dos organismos vivos. Ao contrário, para Bertalanffy, os organismos vivos buscam, para além da resistência, a mudança. A visão Cibernética levava, inevitavelmente, a encarar a família como uma máquina que necessita de reajuste (Nichols, 1998). Essa crítica, entretanto, não é endossada por Keeney que considera ser impossível, na Cibernética, separar a estabilidade da mudança. A interpretação pragmática inicial é que se tornou equivocada, já que

"(estabilidade e mudança) - ambas são os dois lados complementares da mesma moeda sistêmica. A Cibernética postula que é impossível cimentar uma mudança se não se contar com um teto de estabilidade sobre ele, e que, por sua vez, a estabilidade repousa nos processos de mudança que estão sob ela."

(Keeney, 1997: 93)

Keeney é um dos terapeutas de família do primeiro tipo, conforme Hoffman, que mesmo continuando com a metáfora da Cibernética para a compreensão do comportamento humano faz críticas a ela. O estudo da Caixa Escura, por exemplo, realizado por engenheiros no começo da Cibernética, estava limitado à relação entre o que entra no sistema (*input*) e o que sai (*output*), concebendo-se uma relação como cibernética quando "a saída atuava de tal modo sobre a entrada que modificava as saídas futuras". A

crítica a essa concepção, que nos sugere Keeney, é feita por não se dar lugar ao observador (engenheiro/terapeuta).

"A concepção de caixa preta (...) costuma dar origem à suposição de que aquele (observador) é capaz de manipular ou controlar unilateralmente o sistema que está observando. (...) o terapeuta faz parte de um sistema total e está sujeito às restrições de sua retroalimentação; nesse nível, é incapaz de exercer um controle unilateral, e pode ora facilitar, ora bloquear, a autocorreção indispensável."

(Keeney, 1997: 97)

A inclusão do observador no sistema marca o movimento conhecido como "cibernética da cibernética" ou cibernética de segunda ordem. A diferença encontra-se na passagem do "enfoque simplista da caixa preta" para a complexidade dos "sistemas orientados pela linguagem". A primeira perspectiva compreendia a família como uma Caixa Escura, ignorava considerações subjetivas (motivações, emoções), recusava a noção intrapsíquica e via os sintomas e as intervenções terapêuticas como entradas na Caixa. O tratamento consistia em uma série de estratégias planejadas e orientadas para uma finalidade especificamente determinada. Na segunda perspectiva, o terapeuta é incorporado ao sistema que é visto como um circuito integrado, incluindo terapeuta e seu cliente, assim como o sistema histórico e sociocultural. A linguagem não é mais a procura de uma lógica formal, e sim a via para a construção de novos significados⁴⁵.

⁴⁵ Essa transformação no modo de pensar a linguagem não é consensual no campo da Terapia de Família. Encontramo-nos em "plena ebulição" de muitos debates. Não há uniformidade mesmo entre aqueles que reivindicam para sua compreensão teórica os mesmos conceitos. Como exemplo, temos o debate entre Atkinson (1990) e Anderson (1990), sendo o último insistente em diferenciar o Construtivismo do Construcionismo Social e o primeiro não.

A primeira perspectiva, Cibernética de primeira ordem, insere-se no pensamento moderno, pautado nas idéias de conhecimento verdadeiro, universalidade, busca da essência, etc., ignorando qualquer referência à história e ao contexto. A segunda perspectiva, "Cibernética da Cibernética", acompanha o que se convencionou chamar de movimento pós-moderno, questionando a validade das verdades ditas científicas, engrossando o coro do ceticismo quanto à possibilidade do conhecimento⁴⁶. Com esse movimento, portanto, a Terapia de Família voltou seu interesse para como as pessoas constroem sua realidade e dão significados às suas vidas (Construtivismo), tendo a linguagem como principal recurso para a compreensão do mundo humano (Construcionismo Social). O enfoque da Terapia de Família se transforma da observação das seqüências relacionais (padrão de comportamento/comunicação) para as histórias que as famílias contam na conversação com o terapeuta. A citação seguinte resume a transformação.

"Os terapeutas pós-modernos não acreditam em uma essência. O conhecimento, sendo alcançado socialmente, muda e se renova a cada momento de interação. Não há significados *a priori* escondidos em histórias ou textos. Um terapeuta com essa visão vai esperar que uma narrativa nova e preferencialmente mais útil emergja durante a conversação, mas vai conceber essa narrativa como espontânea, ao invés de planejada."

(Hoffman, 1998: 26)

⁴⁶ Há uma tradição na filosofia que se empenha em abordar o problema quanto à fundamentação e à possibilidade do conhecimento científico, propondo respostas quanto ao problema do erro (como explicá-lo e evitá-lo), na tentativa de superar o ceticismo. Descartes situa-se na tradição moderna de estabelecimento de uma ciência universal. Os céticos, ao contrário questionam a possibilidade do conhecimento universal e recorrem à linguagem, em vez de recorrer à razão (pensamento intuitivo) (Marcondes, 1996; 1997; Delacampagne, 1997). Encontramos, aqui, uma interessante via de pesquisa.

Associa-se, assim, a Cibernética de 2ª ordem ao Construtivismo, consistindo no que há de mais recente no paradigma Cibernético que vem influenciando a Terapia de Família. Anderson e Goolishian (1993) pensam, porém, que essa inovação, cognitivista e construtivista⁴⁷, ainda é limitada, afirmando que não possibilita uma compreensão do indivíduo e da família "como geradores de sentido", já que o vêem como "máquinas de processamento de informações". Uma posição "hermenêutica e interpretativa" é a adotada por Anderson e Goolishian, abandonando completamente o paradigma Cibernético. Chamam essa posição de "Narrativa", associada ao movimento conhecido como Construcionismo Social, resumindo-a em algumas premissas que pautam o sistema terapêutico (Anderson e Goolishian, 1988; 1998):

1 - os sistemas humanos são geradores de linguagem e de sentido. "Todos os sistemas humanos são sistemas lingüísticos melhor descrito por aqueles que participam deles";

2 - "o sentido e o entendimento são construídos socialmente". Não podemos alcançá-los "até realizarmos uma ação comunicativa, ou seja, envolvermo-nos em algum diálogo ou discurso gerador de sentido dentro do sistema para o qual esta comunicação é relevante;

⁴⁷ Indicamos aqui algumas referências consideradas cognitivistas e construtivistas: Maturana (1980; 1998) e Varela (1996).

3 - um sistema em terapia "é formado dialogicamente em torno de algum 'problema'"; a terapia é "um sistema de organização e dissolução de problemas";

4 - a terapia é um evento lingüístico chamado de conversação terapêutica, constituindo uma "busca e exploração mútua pelo diálogo (...), no qual novos sentidos estão continuamente evoluindo em direção à dissolução de problemas (...) e, por conseqüência, à "dissolução do sistema terapêutico".

5 - o terapeuta é um "artista da conversação". Sua especialidade encontra-se em "facilitar e criar o espaço para uma conversação dialógica". É um "observador - participante" e "facilitador - participante".

6 - a arte do terapeuta é exercitada pelo uso de "perguntas terapêuticas ou conversacionais". Faz perguntas a partir de uma posição de não-saber. Não faz questões baseadas em um método ou em teorias.

7 - problemas são "ações que expressam nossa narrativa humana de uma tal forma que diminuem nossa sensação de liberdade pessoal e capacidade de ação". Os problemas existem, portanto, na linguagem e pertencem ao "contexto narrativo do qual extraem seu significado".

8 - mudança é a "criação dialógica de uma nova narrativa". É a "abertura de oportunidades para novos meios de ação". A narrativa é uma habilidade para

formular "novos e diferentes sentidos". A identidade individual é constituída nas narrativas desenvolvidas em conversações de uns com os outros e, por isso, está sempre mudando.

Não são mais centrais, por conseqüência, a idéia de intervenção e mudança, assim como o papel do terapeuta na terapia. Lembremos que, no início da criação da intervenção terapêutica na família, para que a mudança ocorresse era necessário que o terapeuta (observador e especialista) interviesse com sua técnica (estratégias para a mudança). Com essa formulação mais recente o terapeuta assume uma posição de não especialista e passa a "participar" ao invés de intervir. A terapia é um

"mecanismo pelo qual o terapeuta e o cliente participam do co-desenvolvimento de novos sentidos, novas realidades e novas narrativas. O papel, a especialidade e a ênfase do terapeuta são desenvolver um espaço conversacional livre e facilitar um processo dialógico emergente no qual esta 'novidade' possa ocorrer. A ênfase não está em produzir mudanças, mas em abrir espaços para a conversação. Nesta visão hermenêutica, a mudança em terapia é representada pela criação dialógica de novas narrativas. À medida que o diálogo evolui, a nova narrativa, as 'histórias ainda não-contadas', são criadas mutuamente (Anderson & Goolishian, 1988). A mudança da história e da autonarrativa é uma conseqüência inerente do diálogo."

(Anderson, 1998: 39)

O Construcionismo Social não retoma a noção intrapsíquica, mas libera o caminho para o abandono da noção de "Caixa-Escura". Essa noção era a via contrária ao intrapsíquico para a compreensão da "mente humana", privilegiando a observação do comportamento, conforme já desenvolvemos. Gergen (1999c) afirma que o Construcionismo Social não se propõe a discutir o funcionamento da mente

humana, já que seu foco não está na mente, e sim nas relações sociais. Não se propõe, por outro lado, a opor o mental ao comportamento observado, assim como não se propõe a buscar o "real" ou o "verdadeiro". O Construcionismo Social, por conseguinte, não está preocupado em afirmar a existência ou não de entidades, estruturas e processos. Preocupa-se em conhecer quais são as formas representativas que as pessoas utilizam para construir seu mundo, envolvendo a comunidade social a qual pertencem e em estreita relação com os modos de discurso de sua cultura. Inserida nessa forma de compreender o universo humano, qualquer teoria é válida desde que seja representativa para a comunidade em questão, seja ela a do profissional ou a dos clientes que procuram terapia. Intrapsíquico, mente, Caixa Escura ou qualquer outro conceito é, assim, dotado de sentido para uma determinada comunidade, representando a sua visão de mundo, a forma de construir a realidade entre pares determinados. O importante é saber que nossas definições impõem limites às nossas ações. Elas são sempre produto de uma história e de uma cultura determinada e, por consequência, podem ser modificadas. (Gergen, 1992).

Da mudança, a partir da intervenção do terapeuta, passamos para a construção de narrativas no diálogo entre o terapeuta e o seu cliente. Ao privilegiar os conceitos de mudança e intervenção, acompanhamos a história da Terapia de Família até os dias de hoje. O Construcionismo Social,

representado por Gergen, pode ser entendido como continuidade se observarmos que a comunicação permanece sendo um conceito norteador. Faz, porém, uma crítica à Teoria da Comunicação que encontramos no *Pragmática da Comunicação Humana*, porque vêem que nessa formulação a comunicação ainda corre o risco de ser entendida como individualizada, já que está ligada ao comportamento e ao conceito de Caixa Escura. O Construcionismo Social preserva, entretanto, a idéia de comunicação, caracterizada como o que acontece **entre** as pessoas: comunicação é uma coordenação relacional e não um mecanismo de entrada e saída em um dado sistema (Caixa Escura - família) (Gergen, 1999a).

Gergen (1998) dirige ainda suas críticas aos "narrativistas puros" ou construtivistas, porque considera que uma ênfase demasiada na narrativa corre o risco de cair, novamente, no solipsismo (realidade construída como individual/subjetiva). Para ele, a ênfase deve ser posta na "matriz relacional" ("relacionismo"), da qual emerge a compreensão das narrativas no contexto social (Gergen, 1999b).

A situação atual da Terapia de Família, enfim, ainda é bastante confusa. Suas referências e práticas circulam do psicológico ao relacional, com pontos de vista construtivistas/cognitivistas e sócio-culturais. As diferentes posições que surgiram no decorrer de sua

história permanecem convivendo, se integrando e em embates. Diante dessa realidade, é fundamental que mais e mais pesquisas sejam realizadas. Nossa perspectiva de pesquisa está imbuída da intenção de trazer as escolhas que têm sido feitas no campo, através de sua história. Pensamos, assim, contribuir para a busca de uma compreensão do que foi, é, e poderá ser a Terapia de Família.

4 - Múltiplas possibilidades para contar a história da Terapia de Família

A abrangência do campo da Terapia de Família é maior do que a apresentada por nós. Quisemos, prioritariamente, marcar o seu início na década de 50, a partir de duas noções: mudança e intervenção. Pretendemos, assim, assinalar a "invenção" de uma nova modalidade terapêutica que se contrapunha, teoricamente, ao campo "psi". Apresentamos o desenvolvimento da Terapia de Família, a partir de uma importante Escola, a de Palo Alto (MRI), problematizando sua posição tanto teórica, quanto histórica, a partir de desenvolvimentos mais recentes. Entretanto, uma história pode ser contada de muitas maneiras. O nascimento da Terapia de Família, portanto, pode ser datado na década de 50, tendo crescido e se desenvolvido na década de 60 e alcançando maturidade na década de 70 (Nichols, 1998). Só nos períodos mencionados poderíamos relatar diversas histórias de diversos

terapeutas e Escolas nos Estados Unidos e no mundo ocidental⁴⁸.

Mais recentemente tem havido um movimento de recuperação da história, a fim de compreender o que é a Terapia de Família. Citamos os trabalhos que tem uma linha em que as escolas são revistas e problematizadas e/ou são revistos os conceitos utilizados na história da Terapia de Família, encontrando-se em alguns propostas de integração entre as diferentes Escolas. Os autores consultados por nós, são: Motta (1993), Hoffman (1994), Wittezaele (1994), Miermont (1994), Vasconcelos (1995), Féres-Carneiro (1996), Rapizo (1996), Keeney (1997), Nichols (1998) e Elkaïm (1998b). Lynn Hoffman é a pioneira em estudos históricos, relacionando as principais Escolas da Terapia de Família. Seu livro sobre os fundamentos da Terapia de Família teve a primeira publicação, em inglês, no ano de 1981. Relata o desenvolvimento das Escolas até o final da década de 70 nos Estados Unidos e na Itália (grupo de Milão). É na década de 90, porém, que vemos surgir um grande número de trabalhos históricos, porque, sem dúvida, é o momento em que a própria Terapia de Família se põe em questão quanto ao seu referencial teórico e à sua prática.

Lembremos de Minuchin (capítulo I) que traz a questão da identidade do terapeuta de família vinculada à família.

⁴⁸ Poderíamos lembrar do que abordamos no capítulo I, por exemplo, e desenvolver uma história a partir de Salvador Minuchin, levando-nos a outras considerações, voltadas ao movimento de orientação à criança. Ou poderíamos, com Maurizio Andolfi, visualizarmos a influência que um terapeuta de família recebe da Psicanálise a partir de um trabalho com família de origem.

As questões de quem são e o que fazem os terapeutas de família estão expostas. Hoje, no nosso entender, os terapeutas de família vem se tornando muito mais "terapeutas da relação", seja ela qual for, do que terapeutas de família. Observamos transformações desde o referencial teórico até às práticas terapêuticas, que não se limitam mais a um grupo familiar, podendo ir desde atendimentos individuais a atendimentos que incluem a rede social que, pretensamente, participa do problema. Transformações que necessitam maiores investigações a fim de serem compreendidas.

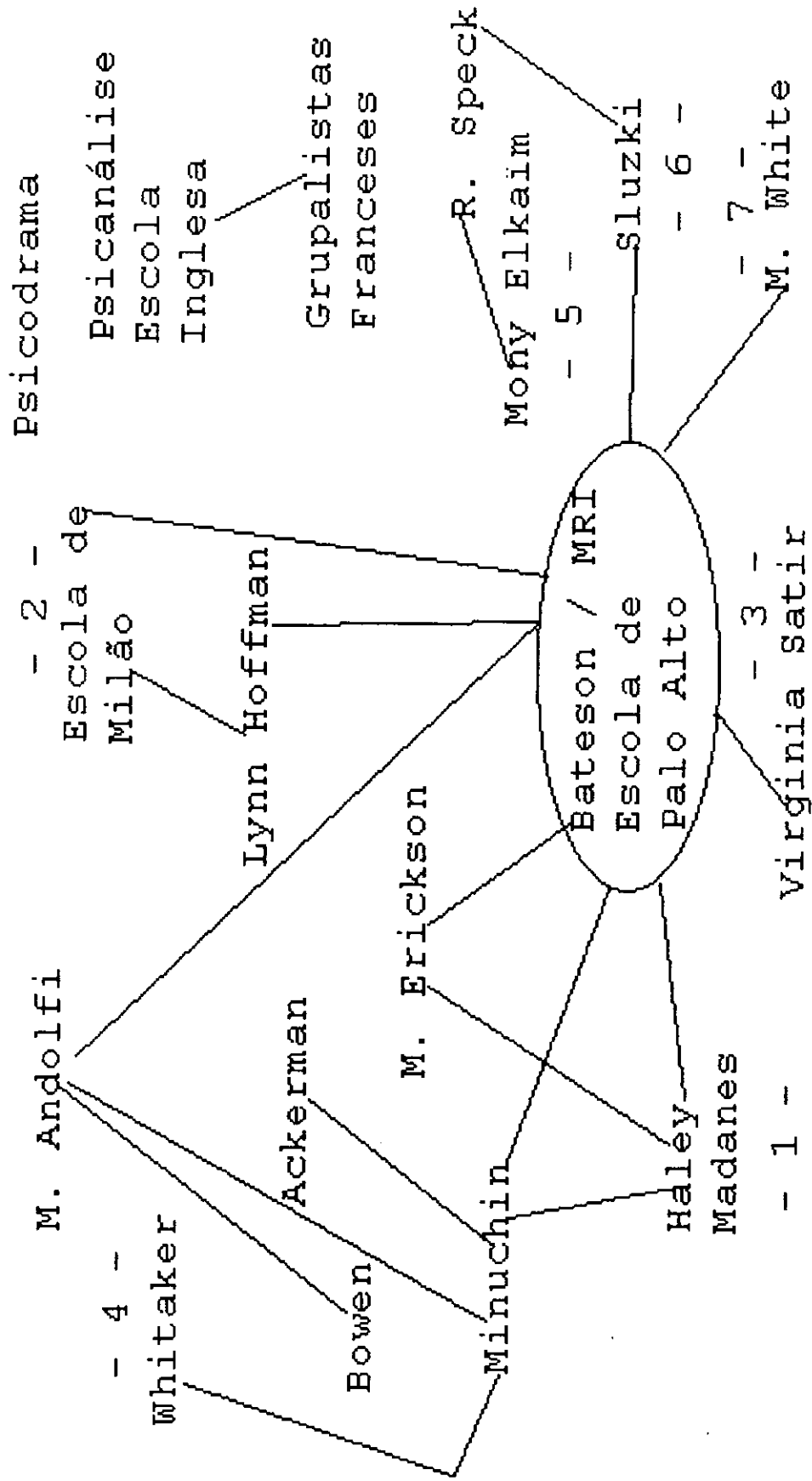
Quando dissemos que escolher um ponto de partida para a Terapia de Família era estabelecer um "mito", estávamos querendo dizer da variedade de versões que são possíveis. Ao nos limitarmos a uma direção, abarcando a Escola de Palo Alto e os conceitos de mudança e intervenção, estabelecemos um ponto mítico. Não queremos garantir que isso seja tudo e, muito menos, pensamos que esgotamos o assunto. Apenas contamos a história da "invenção" de uma intervenção terapêutica estabelecendo um corte, uma pontuação, como diria Keeney (1997). Contamos um "conto" e esperamos que muitos venham contar outros.

Mas não nos damos por satisfeitos. Começamos esse capítulo, contando a história da Escola de Palo Alto. Queremos fechá-lo, ilustrando as múltiplas possibilidades existentes para se contar a história da Terapia de Família,

ainda que a centralidade de Palo Alto permaneça. Apresentamos, a seguir, um esquema, chamado por nós, de "Constelação Ilustrativa da Terapia de Família". Aparecem nessa "constelação" alguns dos principais nomes e das principais escolas, tendo sido escolhidos, principalmente, a partir das citações que foram feitas por nossos entrevistados.

As linhas retas indicam as ligações dos terapeutas entre si e entre os terapeutas e o MRI que, segundo Nichols (1998), foi a Escola mais "frequentada" até o final da década de 70. O MRI, de qualquer modo, é fonte de inspirações e de polêmicas; é um centro que se perde e que se acha em meio a tanta diversidade no campo. Vamos exemplificar, tendo a "constelação ilustrativa" como referência, sabendo que esses nomes e escolas remetem a tantos outros que não serão mencionados.

CONSTELAÇÃO (ILUSTRATIVA) DA TERAPIA DE FAMÍLIA



- 1 - Jay Haley e Cloé Madanes fizeram parte do MRI com importantes contribuições. Lembremos que Jay Haley é um dos engenheiros que está desde o início na pesquisa de Bateson. Houve, porém, uma separação do MRI em 1967, levada tanto pelas questões teóricas como pelas da prática. Haley (1979; 1991) interpretava o comportamento humano não só como comunicação, mas também como impulsionado por motivações de controle e poder. Para o MRI é inaceitável qualquer conceituação que levasse em consideração explicações ditas psicológicas. Além disso, Haley inclui em sua prática a Teoria Estrutural de Salvador Minuchin. O MRI não trabalhava com mudanças na estrutura das relações (fronteiras entre os subsistemas familiares), afirmando que isso era uma consequência da mudança na interação ou da mudança nos padrões interacionais do comportamento. Cloé Madanes (1997) contribuiu ao campo com seus estudos sobre violência e acompanhou Jay Haley no que é mais conhecido como a Escola Estratégica.

- 2 - A Escola de Milão sofre uma influência direta e marcante do MRI, mas traz suas próprias contribuições. Composta, inicialmente, em 1971, por quatro psiquiatras que eram também "psicanalistas inquietos", inovou na busca de criar técnicas que abrangesse todo o sistema familiar. Os Associados de Milão, como são

conhecidos, são: Mara Selvini Palazzoli, Luigi Boscolo, Gianfranco Cecchin e Giuliana Prata. É um grupo com uma especificidade muito interessante por ser uma Escola marcada pelos movimentos psiquiátricos na Itália (Boscolo, 1993). Compartilham com o MRI e Jay Haley uma visão sistêmica (circular) da manutenção do problema e uma orientação estratégica (planejada) para a mudança. Em 1980, os quatro se separam. Boscolo e Cecchin movem-se para o treinamento e para uma compreensão construtivista, enquanto Selvini e Prata se interessam mais pela pesquisa com "famílias gravemente perturbadas" (Palazzoli, 1998a; 1998b). Formam centros separados com novas equipes e com abordagens divergentes. Os Associados de Milão tiveram uma estreita ligação de troca com o "Ackerman Institute" dos Estados Unidos e seus profissionais mais representativos como: Lynn Hoffman, Peggy Papp, Peggy Penn, Olga Silverstein, ente outros, que divulgaram essa Escola nos Estados Unidos.

- 3 - Virginia Satir, terapeuta de família pioneira, estava presente no MRI desde seu início, sendo responsável pela formação. Foi uma exceção em dois aspectos: era mulher e tinha uma abordagem humanista. Levava em consideração aspectos psicológicos e sua terapia tinha como objetivo proporcionar crescimento,

com ênfase na expressão dos sentimentos (Satir, 1980; Winter, 1998).

- 4 - Carl Whitaker foi um psiquiatra pioneiro na Terapia de Família e muito influente, sendo conhecido por sua "genialidade" como terapeuta e pela sua preferência de não construir um modelo teórico. Pode-se, porém, estabelecer como referência ao seu trabalho uma concepção fenomenológica-existencial que valoriza a aprendizagem pela experiência (Neill, 1990; Whitaker, 1990; Conner, 1998).

- 5 - Mony Elkaïm, neuropsiquiatra infantil de Bruxelas, faz críticas ao modelo teórico desenvolvido no MRI. Começou seu interesse por famílias a partir de seus atendimentos à criança, tendo desde o início uma preocupação quanto à classe social e à especificidade da cultura de seus pacientes. Recorreu, por conseqüência, às intervenções que incluíam a rede social, baseando-se em Ross Speck, psiquiatra e terapeuta de família que trabalha, desde 1964, incluindo membros da Rede Social em sessões de Terapia de Família, e Carolyn Attneave, psicóloga com trabalhos realizados em diversas culturas. Conheceu Félix Guatarri e suas críticas ao enfoque sistêmico, comparando-o ao estruturalismo, que tiveram grande influência sobre Elkaïm. Interessou-se pelos estudos de Prigogine sobre "sistemas afastados do equilíbrio",

voltando-se às considerações quanto às qualidades intrínsecas a um sistema, menosprezando a busca pelas leis gerais. Formulou uma terapia de casal, baseando-se no conceito de paradoxo com influências, também, da Psicanálise (Elkaïm, 1990; 1996; 1998a; Trimble, 1998).

- 6 - Carlos Sluzki, psiquiatra argentino, radicado nos Estados Unidos, fez parte da equipe do MRI. De 1981 a 1990, foi editor-chefe da revista *Family Process*, primeira revista específica de Terapia de Família, fundada em 1961 por Don Jackson e Nathan Ackerman (Nichols, 1998). Publicou importantes trabalhos relacionados ao duplo-vínculo e à Terapia de Casal. Hoje não se identifica mais com a abordagem do MRI, sendo o seu trabalho caracterizado pelo Construcionismo Social e intervenção na Rede Social (Sluzki, 1997a; 1997b; 1998).

- 7 - Michael White, assistente social australiano, teve seu trabalho, inicialmente, influenciado pela pesquisa de Gregory Bateson. Incorporou, posteriormente, a noção de poder de Michel Foucault e as contribuições do Construcionismo Social. Tendo o seu trabalho, como terapeuta de família, se iniciado na década de 80, Michael White vem influenciando as transformações recentes ocorridas no campo. Tem contribuído, principalmente, com a formulação de um

processo terapêutico pautado em perguntas que ajudam a construir uma nova história (modelo construtivista / narrativista) (White, 1986; Nichols, 1998; Zimmerman, 1998).

No nosso esquema, aparecem nomes que já foram mencionados em outros capítulos, como Minuchin e Andolfi. O Psicodrama e os Grupelistas Franceses aparecem na "constelação ilustrativa", porque são referências de alguns de nossos entrevistados. O Psicodrama é difundido na Terapia de Família, principalmente, pelo uso de seus recursos técnicos. Mas veremos, a partir do relato de um dos nossos entrevistados, que ele pode fornecer também um referencial teórico. Os Grupelistas Franceses, referência de somente um dos nossos entrevistados, teve seu desenvolvimento pautado na Escola Inglesa de Psicanálise sem nenhum vínculo com a Abordagem Sistêmica e muitas críticas a ela. Abrir-se-ia um outro leque de possibilidades, caso viéssemos a construir uma história da Terapia de Família a partir dessa referência. Entretanto, é importante que ela apareça em nossa constelação, apesar de não a termos como referência. Não queríamos que não constasse, em nossa pesquisa da história da Terapia de

Família na cidade do Rio de Janeiro, essa possibilidade de terapia⁴⁹.

A "Constelação Ilustrativa da Terapia de Família" funcionou, principalmente, para mostrarmos a multiplicidade de possibilidades em se contar a história da Terapia de Família, evidenciando as conexões possíveis e as diferenças que se marcam nesse campo complexo. A ilustração que fizemos demonstra que uma afirmação de Nathan Ackerman tem que ser considerada, principalmente pela dificuldade em se caracterizar o campo. Ackerman dizia, em 1971, que, ao tentarmos fornecer uma visão integrada do campo, obtemos a impressão de que existem várias formas de se entender o que é uma Terapia de Família. No campo, encontramos muita turbulência e contradições. Ackerman lançava, assim, questões como as seguintes: Quantas possibilidades há de Terapia de Família? Haverá tantas quanto o número existente de terapeutas de família? (Ackerman, 1971).

Se não há, portanto, como construir um "mapa", porque ele sempre deixará de abarcar completamente o "território", quisemos construir aqui algo que pode, temporariamente, nos guiar em meio a essa vasta e múltipla realidade, na qual viajamos.

⁴⁹ Quando escolhemos entrevistar uma única terapeuta de família com essa referência, o fizemos para caracterizar o campo da Terapia de Família, apesar de ser a referência menos usada e menos conhecida na cidade do Rio de Janeiro, como nos informa a própria entrevistada. Mesmo não analisando a história dessa referência, tivemos o cuidado de ouvi-la pelo seu próprio referencial, ressaltando a importância de contar também a sua história e sua prática. Consultamos os seguintes autores: Féres-Carneiro (1996) e Almeida Prado (1992). Seria interessante relacionar o início dos Grupelistas Franceses na década de 70, na Europa, e a Teoria Sistêmica, na mesma época no Brasil, pensando diferenças e semelhanças entre essas referências e lugares.

No próximo capítulo, ao contarmos as histórias de oito terapeutas de família, estaremos contando, em parte, a história da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro. Iremos, fazê-lo, ressaltando semelhanças e diferenças com a história da Terapia de Família em termos internacionais, tecendo comparações com o corpo teórico já desenvolvido.

"Você é um tipo que não tem tipo
Com todo tipo você se parece
E sendo um tipo que assimila tanto tipo
Passou a ser um tipo que ninguém esquece..."

Noel Rosa

CAPÍTULO IV

HISTÓRIAS DA TERAPIA DE FAMÍLIA NO RIO DE JANEIRO

1 - Construindo uma história da Terapia de Família

Teceremos, aqui, algumas considerações sobre como construímos uma história da Terapia de Família, na intenção de fazer um levantamento inicial e uma sistematização para pesquisas posteriores nesse campo.

Partimos, no capítulo I, do pressuposto de que a Terapia de Família nasce em um contexto no qual a família conjugal moderna é um valor dominante. Ela nasce pautando-se nesse modelo e o confirmando. Questionamentos posteriores, porém, evidenciam esta ligação ideológica e, assim, a proposta de Terapia de Família é repensada, procurando abrigar outras constituições familiares.

O desenvolvimento de nossa pesquisa parte do argumento de que, para haver "terapeuta de família", é preciso que haja "família". A princípio, pode parecer óbvio, mas foi problematizado a partir do referencial da História. Vimos que a família, enquanto noção moderna, tem seu nascimento historicamente datado, em sua formação caracteristicamente nuclear e voltada para os filhos. E é esta concepção que predomina, inicialmente, nas propostas de intervenção da

Terapia de Família⁵⁰. Em sua história, no entanto, encontramos movimentos de reavaliação e crítica quanto à dominância do modelo de família nuclear típico de um determinado estrato social. De qualquer modo, entendemos que a Terapia de Família é uma proposta inserida em um contexto em que valores como a intimidade e a democracia, conforme o que desenvolvemos, pautam a sua prática. Ela insere-se em uma sociedade ocidental e moderna, marcadamente influenciada pelos profissionais do campo "psi". Por mais que a Terapia de Família procure se adaptar a novas culturas, a diferentes classes sociais e a diferentes tipos de família, ela sempre estará vinculada a essa história do nascimento da família moderna na cultura ocidental. Foi o que estivemos afirmando no capítulo I, desde então inserindo a Terapia de Família da cidade do Rio de Janeiro nesse contexto.

Ao inserir a Terapia de Família no campo dos "saberes psicológicos", vinculamo-la a uma tradição. Sabemos que isso poderá soar como um contra-senso, já que por princípio e a princípio, a Terapia de Família deseja se afastar dessa referência. Só é possível, entretanto, a invenção dessa nova intervenção terapêutica na nossa cultura ocidental moderna, já que ela se fundamenta por

⁵⁰ O conceito de Ciclo de Vida da família é, predominantemente, marcado por essa idéia moderna, e mais característico da classe média. Encontramos questionamentos posteriores nos trabalhos de McGoldrick (1995), nos Estados Unidos, e nos trabalhos de um grupo de pesquisa da PUC de São Paulo (Cervený, 1997). São trabalhos que resultam da crítica ao etnocentrismo na Terapia de Família, procurando formular diferentes tipos de Ciclo de Vida que estejam associados a culturas e classes sociais diferentes.

"uma teoria da pessoa, uma teoria a que chamamos 'individualismo', ideologia do individualismo ou teoria do indivíduo moderno. Trata-se de uma maneira de conceber o sujeito humano quase completamente naturalizada para nós e que é, no entanto, bastante escandalosa, bastante especial no quadro comparado das culturas. É ela que vai engendrar essa coisa insólita que é uma 'psicologia', um sistema de saberes a respeito do funcionamento interno desses indivíduos que essa cultura justamente criara como uma ficção sua, muito especial, que não se encontra nas outras culturas, nem mesmo naquelas que consideramos como nossas imediatas predecessoras - porque é uma ilusão particularmente insidiosa imaginar que alguma coisa como a nossa psicologia pudesse estar ali entre os gregos."

(Duarte, 1999: 59)

A Terapia de Família, inicialmente, pretendeu superar o "individualismo", substituindo-o pela "relação". Tentou, assim, escapar de considerações "psicológicas". Mas pensamos que entre o "indivíduo" e a "relação" há uma tensa ligação que ainda precisa ser analisada, em todos os seus aspectos, por nós, terapeutas de família, sem pretender excluir um ou outro⁵¹.

No capítulo II, vimos que para a "invenção" de uma nova intervenção terapêutica são necessárias novas formulações teóricas. Evidenciamos, primeiramente, o que poderíamos chamar de novidades ocorridas no campo das propostas terapêuticas já existentes e que antecederam e possibilitaram uma nova visão terapêutica. Essas novas propostas terapêuticas passaram a considerar as relações como fundamentais para uma compreensão da doença e da saúde mental. Também fruto desse contexto inovador foram as pesquisas do grupo de Gregory Bateson que, primordialmente, basearam suas elaborações teóricas em disciplinas não

⁵¹ Em outro trabalho (Ponciano, 1998), consideramos mais detidamente essa relação entre família (relação) e individualismo. Futuramente, pretendemos, em nossas pesquisas, voltar a esse tema.

psicológicas, postulando, formalmente, o conceito de relação. Enfatizamos, assim, no capítulo III, a contribuição específica do MRI e sua influência inovadora e polêmica no campo da Terapia de Família. A escolha do MRI nos possibilitou visualizar a complexidade do que se chama Terapia de Família, levando-nos aos desenvolvimentos posteriores e mais recentes.

Primeiramente, estabelecendo uma ordem cronológica e de importância com a história da família moderna, analisamos os modelos de família encontrados nas respostas dos entrevistados e suas perspectivas de intervenção na família, como especialistas (capítulo I). Uma compreensão do que seja a Terapia de Família e como formaram-se os primeiros terapeutas, nos Estados Unidos, foi a nossa segunda direção (capítulo II e III). Embora não tenhamos exemplificado com trechos da fala dos entrevistados, também consideramos as respostas dadas, por eles, relevantes para essa elaboração. Em diálogo com os terapeutas de família entrevistados, pudemos olhar para o passado e, assim, tivemos uma compreensão histórica dos modelos de família utilizados, da Terapia de Família e da formação do terapeuta de família. Dirigimo-nos, então, nesse último capítulo, para a construção de uma história da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro.

Agora, por fim, continuaremos a incluir a cidade do Rio de Janeiro na história da Terapia de Família, apontando

as semelhanças e as peculiaridades que encontramos nas histórias contadas por nossos entrevistados. Antes, porém, gostaríamos de trazer, brevemente, algumas considerações relevantes quanto ao contexto dos "saberes psicológicos"⁵² na cidade do Rio de Janeiro.

2 - Contextualizando o Rio de Janeiro

Nossos entrevistados confirmam os anos 70 como o início da Terapia de Família no Rio de Janeiro "com uma distância de 20 anos em relação às origens norte-americanas", conforme nos lembra Teixeira (1997). No Brasil, os anos 70 foram os da ditadura militar com

"uma forte política ditatorial que esmagava qualquer iniciativa de cunho democrático. (...) Com um contexto marcado pelo autoritarismo, diversas reações começaram a se manifestar, em busca de novas concepções. Uma delas, a das Comunidades Terapêuticas se destaca e é considerada uma importante precursora das terapias familiares sistêmicas no nosso território."

(Teixeira, 1997: 100)

Há, portanto, um contexto propício para o surgimento da Terapia de Família. No final dos anos sessenta, havia nos hospitais psiquiátricos, uma insatisfação crescente com os métodos tradicionais que não rompiam com o "ciclo internação-alta-internação", ocasionando um aumento de interesse quanto ao que ocorria fora das instituições.

⁵² É oportuno citar a definição de Duarte: "O uso da expressão 'saberes psicológicos' em um sentido lato (...) Considera-se que - para além das diferenciações disciplinares historicamente constituídas sobre que se amparam as distinções contemporâneas entre a Psiquiatria, a Psicologia e a Psicanálise - pode-se discernir um horizonte de representações, de concepções culturais comuns a que não se pode chamar senão de 'psicológicas', na medida em que se voltam para a determinação dos modos de existência, de funcionamento e de perturbação da *psyche* humana, dessa 'alma', 'espírito', *mind*, *Geist* - enfim - desse 'outro lado' da corporalidade estrita partícipe da *res extensa*, produzida na cultura ocidental(...)" (Duarte, 1997: 01).

Considerava-se, principalmente, o que levava as famílias a não quererem cuidar de seus membros doentes, expulsando-os e entregando-os aos médicos. No contexto institucional, crescia a reflexão quanto à indiferença referente à participação da comunidade e da família nos tratamentos, levando ao isolamento institucional (Teixeira, 1997).

Outros acontecimentos importantes são levantados por Teixeira (1997) como determinantes para o início da Terapia de Família no Rio de Janeiro. Vamos nomeá-los e lembrar as semelhanças com a história que contamos, anteriormente, ocorrida nos Estados Unidos. São esses os acontecimentos principais: a expansão da Psicanálise, tanto em instituições públicas, como privadas; as Teorias Grupais; o trabalho já conhecido dos assistentes sociais com família; e a criação de Centros de Orientação com atendimentos às crianças e adolescentes que começam a valorizar a participação dos pais no tratamento.

No Rio de Janeiro e nos grandes centros urbanos do Brasil, vivíamos o *boom* da Psicanálise. Segundo Russo (1987), uma importante característica desse momento é a "psicologização da família", querendo

"com essa expressão indicar uma espécie de 'tutelagem' da família por 'especialistas psi'. (...) O termo genérico 'especialista psi' engloba, além dos psicanalistas propriamente ditos, uma série de outros especialistas que gravitam em torno da psicanálise mais ou menos explicitamente."

(Russo, 1987: 190)

Gostaríamos de inserir, portanto, o início da Terapia de Família nesse contexto em que a Psicanálise e/ou os

"especialistas psi" ganham força em sua influência na família, "tornando-a um lugar de entrecruzamento dos discursos sobre a normalidade e a saúde" (Russo, 1987).

Nesse momento histórico, encontramos ainda um processo crescente de "nuclearização" da família brasileira, como conseqüência da melhoria das condições de vida, do crescimento econômico que permitia um movimento de ascensão social, para alguns, o que implicava em "um certo grau de rompimento com a família e o universo de origem". Destaca-se uma ênfase crescente no "indivíduo enquanto sujeito moral em oposição à idéia do indivíduo como parte de uma rede mais ampla de relações e de solidariedade". Um "projeto individualizante", cada vez mais presente na sociedade brasileira, pode se corporificar na família nuclear, isto é, há "uma vinculação estreita entre nuclearização da família e *individualização*(da família como um todo ou de cada um de seus membros)"(Russo, 1987: 195).

Vive-se, portanto, um momento em que o Brasil, de forma geral, está se modernizando, ocasionando modificações em vários aspectos da sociedade, incluindo a família. Russo (1987) chama-nos a atenção de que esse processo de modernização caracterizava-se por um intenso contato com "valores vindos dos países centrais". Pensamos, assim, estar incluída a novidade terapêutica que representa, nesse momento, a Terapia de Família. Além disso, confirmamos nossa idéia de que a família nuclear é fundamental para

esse início, até no Brasil. É um momento em que os valores tradicionais perdem seu espaço em nome de valores mais modernos, os democráticos, os da intimidade em detrimento da família mais ampla (Figueira, 1987 ; Coimbra, 1999).

A Psicanálise nesse contexto, portanto, pode ser vista como forte aliada da Terapia de Família, já que dissemina-se na sociedade brasileira, preparando o solo para várias modalidades de práticas terapêuticas⁵³.

"... o boom 'psi' dos anos 70 foi sobretudo um boom psicanalítico. Consumia-se psicanálise, falava-se 'psicanalês', o mundo das relações pessoais era interpretado em termos psicanalíticos. Outras práticas e teorias psicológicas já despontavam no 'mercado terapêutico', mas a psicanálise permanecia como referência - seja negativa (no caso das práticas que se afirmavam a partir de uma crítica ao 'intelectualismo' e ao 'elitismo' do tratamento psicanalítico), seja positiva (práticas que propunham uma terapia de 'base psicanalítica' ou francamente inspiradas na psicanálise)."

(Russo, 1999: 68)

Seguindo o relato dos nossos entrevistados, poderemos visualizar a importância desse contexto, brevemente, aqui referido. O hospital psiquiátrico, a Psicanálise, enfim, os "saberes psicológicos" estão presentes desde o início na Terapia de Família da cidade do Rio de Janeiro.

3 - Histórias da Terapia de Família no Rio de Janeiro

A história da Terapia de Família no Brasil tem cerca de 25 anos. Pouco, porém, se conhece sobre essa história. Sabe-se que os primeiros brasileiros obtiveram a sua formação em cursos fora do Brasil, trazendo para cá as novidades que lá encontraram. Com este início solitário, a

⁵³ O trabalho de Russo (1993), sobre as terapias corporais, é um exemplo.

Terapia de Família foi, aos poucos, encontrando seu espaço em instituições.

No Rio de Janeiro, temos, atualmente, dentre as instituições formadoras, duas instituições públicas que atendem famílias, ao mesmo tempo que formam terapeutas em seus cursos, um na UFRJ e outro na UERJ. Entre as instituições particulares citamos Mosaico, ITF, Núcleo, CEFAL, SPAG, e Delphos. Todas possuem curso de formação em Terapia de Família. Nossas observações, até aqui, referem-se a um levantamento inicial realizado a partir do contato com terapeutas de família em Congressos. As entrevistas nos auxiliaram a sistematizar mais informações. Em Teixeira (1997), temos a confirmação de que estamos no início de um levantamento sobre a história da Terapia de Família entre nós. Embora o interesse seja cada vez maior, pouco se tem escrito sobre essa história. Interpretamos que esse crescente interesse é fruto do crescimento atual da Terapia de Família no Brasil, sendo considerados os últimos anos como o *boom* da Terapia de Família. Vivemos um importante momento de reflexão sobre quem somos, a que viemos e para onde pretendemos ir.

Uma história da Terapia de Família no Rio de Janeiro, portanto, pode ser narrada a partir dos seus traços mais marcantes, no que tange à sua origem. Um deles refere-se ao fato de que os primeiros terapeutas de família cariocas buscaram suas formações fora do Brasil, principalmente nos

Estados Unidos da América. Outro traço importante diz respeito aos primeiros encontros desses terapeutas de família, retornando ao Brasil, com profissionais interessados por esta nova abordagem. Ao final da década de setenta, começam a se compor grupos, inicialmente de modo informal, em duas universidades: a Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ), especificamente no Instituto de Psiquiatria(IPUB), e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro(PUC-Rio). É, então, a partir desses encontros que surgem os primeiros cursos de formação, sendo um na própria UFRJ e outro que se inicia juntamente com a fundação de uma instituição clínica particular, o CEFAC, específica de Terapia de Família e voltada para adolescentes e crianças, com profissionais vindos tanto da PUC-Rio quanto da UFRJ.

Comparando com a história da Terapia de Família nos Estados Unidos, segundo Nichols(1998), é interessante constatar que lá o início se deu, principalmente, nas clínicas particulares e não nas universidades. Aqui, tendo começado nas universidades, hoje é, primordialmente, uma atividade de clínica particular; enquanto, atualmente, nos Estados Unidos, a Terapia de Família já invadiu e consolidou-se nas universidades e nos seus grupos de pesquisa acadêmica.

Podemos observar que os terapeutas de família cariocas, de um modo geral, acompanharam as transformações

ocorridas nas escolas terapêuticas que iam se desenvolvendo nos Estados Unidos e na Europa, principalmente na Itália. Dessa forma, esses terapeutas acompanharam as mudanças conceituais da Abordagem Sistêmica à família em constantes contatos com profissionais pioneiros da Terapia de Família, oriundos de outros países, podendo encontrá-los fora ou mesmo no Brasil. A necessidade do contato com o "exterior" é até hoje muito marcante.

Vamos, então, dar voz a alguns dos terapeutas de família pioneiros na cidade do Rio de Janeiro. Escolhemos entrevistar um terapeuta pioneiro de cada instituição formadora, anteriormente citadas, somando um total de oito. Encontrar-se-á, assim, a possibilidade de visualizarmos os desenvolvimentos no campo da Terapia de Família desde o seu início, até hoje⁵⁴.

3.1 - Apresentando os entrevistados

Na apresentação que se segue, queremos analisar, inicialmente, a formação desses profissionais, marcando algumas características⁵⁵. Identificamos nossos entrevistados pelos números em que eles aparecem aqui.

⁵⁴ Fazer um levantamento, atualmente, sobre a história da Terapia de Família no Rio de Janeiro é como realizar uma pesquisa demográfica. Enquanto compilamos os dados, novas "crianças", instituições, práticas, terapeutas de família nascem. Encontramos uma iniciativa, nesse sentido, na pesquisa da professora Adriana Wagner da PUC-RS, na qual baseamos o nosso instrumento de entrevista.

⁵⁵ São todos da classe média (média alta). As instituições estão localizadas na zona sul do Rio de Janeiro, com exceção da UERJ, atendendo a uma população, em sua maioria, de classe média. Seria necessário, entretanto, investigar melhor esse aspecto, elaborando uma pesquisa sobre os atendimentos particulares desses profissionais e os das instituições.

- 1 - Graduação: Psicologia(1976 - UFRJ)
Mestre em Psicologia - FGV
Formação: no Instituto de Terapia de Família - ITF - 1987
Atual presidente da ATF - Rio (Associação de Terapeutas de Família do Rio de Janeiro)
Sexo: Feminino

- 2 - Graduação: Medicina - Especialização em Psiquiatria (Início dos anos 70 - UEG atual UERJ)
Psicanalista
Formação: Grupo de Estudos no início dos anos 80.
Sexo: Masculino

- 3 - Graduação: Psicologia (1976 - PUC - Rio)
Psicanalista
Formação: CEFAC - 1985
Sexo: Feminino

- 4 - Graduação: Psicologia(1971 - UFRJ/PUC - Santiago do Chile)
Psicanalista
Formação: "Ao Longo do caminho (no exterior)." Com início nos anos 70.
Sexo: Feminino

- 5 - Graduação: Psicologia (1975 - PUC - Rio)
Mestre em Comunicação Social - UFRJ
Formação: Instituto de Psiquiatria da UFRJ - IPUB - 1978
Sexo: Feminino

- 6 - Graduação: Psicologia (1972 - PUC - SP)
Psicodramatista
Especialista em Psicologia Social PUC - SP
Formação: CEFAM - SP - no início dos anos 80.
Sexo: Feminino

- 7 - Graduação: Psicologia (1978 - PUC - Rio)
Doutora em Psicologia Clínica - PUC - Rio
Psicanalista
Formação: UERJ/Hospital Pedro Ernesto - final dos anos 70.
Sexo: Feminino

- 8 - Graduação: Medicina - Especialização em Psiquiatria (1974 - UNI - Rio)
Psicanalista e Psicodramatista
Formação: Com Andolfi, Minuchin, Whitaker, Haley. No final dos anos 70.
Sexo: Masculino

Temos, então, a apresentação dos oito entrevistados, compondo um grupo formado por seis mulheres e dois homens. Todas as mulheres são psicólogas e os dois homens são médicos (psiquiatras). Essas características iniciais são, por um lado, representativas do campo da Terapia de Família no Rio de Janeiro, porque, em sua maioria, os terapeutas de família são mulheres e, provavelmente, são psicólogas. Por outro lado, não se pode afirmar que essa seja uma caracterização suficiente, já que encontramos, dentre os terapeutas de família, uma grande variedade de outros tipos de profissionais como pedagogos, fonoaudiólogos, assistentes sociais, etc. Há uma discussão, atualmente, quanto à viabilidade de que outros profissionais possam exercer a Terapia de Família, além de médicos e psicólogos. Não há, efetivamente, nenhum estudo que relacione a presença desses diferentes profissionais no campo e sua prática. À exceção, porém, da pesquisa para a tese de Doutorado de Sônia B. S. Teixeira, assistente social e terapeuta de família do IPUB, tendo como discussão o embate existente no campo entre assistentes sociais e psicólogos (Teixeira, 1997). Não há nenhuma dúvida, infelizmente, de que a grande maioria dos terapeutas de família são mulheres. Para comprovar basta uma breve observação em qualquer congresso de terapeutas de família. Em um dos últimos, ocorrido no Rio de Janeiro⁵⁶, tivemos como um dos

⁵⁶ O congresso foi "Famílias e terapeutas no próximo milênio", realizado entre os dias 26 e 29 de agosto de 1999, tendo sido organizado pela Núcleo.

convidados internacionais Maurizio Andolfi que observou o não crescimento da população masculina "no Brasil", tomando a parte pelo todo. Embora não haja dúvidas quanto a esse aspecto, ainda seria interessante pesquisar porque isso acontece.

A década em que os profissionais entrevistados se graduaram foi a de 70. Os psicólogos fizeram curso na UFRJ e na PUC-Rio⁵⁷, com uma única exceção de uma psicóloga que cursou na PUC de São Paulo. Os dois médicos graduaram-se na UEG (atual UERJ) e na UNI-Rio. A aproximação dos médicos com a Terapia de Família ocorre após a especialização em Psiquiatria, a partir da prática em hospitais e/ou serviços psiquiátricos. Os psicólogos, porém, relatam ter um contato inicial com a Terapia de Família desde a graduação, confirmando o pioneirismo das universidades citadas.

A formação em Terapia de Família também é iniciada na década de 70 por metade de nossos entrevistados, enquanto a outra metade faz sua formação na década de 80. Na década de 70 só havia duas instituições que ofereciam formação em Terapia de Família. As duas instituições eram públicas, UFRJ e UERJ, sendo que os dois profissionais, 5 e 7, que fizeram sua formação lá, afirmam ser um início ainda não oficial, isto é, eram cursos que só foram reconhecidos posteriormente pelas universidades, após uma formalização institucional. Três dos nossos entrevistados, 2, 4 e 8,

⁵⁷ Sobre a história da Psicologia nessas duas universidades pioneiras, a PUC-Rio e a UFRJ, ver Mancebo (1999).

realizaram sua formação através de grupos de estudos e contato com terapeutas de família estrangeiros, geralmente, fora do Brasil. Outros três entrevistados, 1, 3 e 6, formaram-se em instituições particulares que já propunham, na década de 80, cursos de formação em Terapia de Família. Mais detalhes quanto às histórias dessas formações serão fornecidos no tópico 3.4.

Outra característica interessante de nossos entrevistados é a formação paralela de psicanalista. Lembremos que aos anos 70 correspondem o *boom* da Psicanálise. Cinco entrevistados, 2, 3, 4, 7 e 8, afirmam terem, ao mesmo tempo, se formado como psicanalistas e terapeutas de família, exercendo as duas possibilidades clínicas. Três deles, porém, afirmam ser hoje mais terapeutas de família do que psicanalistas. É uma peculiaridade específica desses pioneiros no Rio, já que nos Estados Unidos os pioneiros, muitas vezes, mesmo com a formação em Psicanálise, tendem a rejeitá-la, considerando-a incompatível com a nova intervenção terapêutica. Dois dos entrevistados, 6 e 8, também realizaram formação em Psicodrama, trazendo para sua prática, como terapeutas de família, as técnicas específicas dessa referência. Mais detalhes quanto a esses aspectos serão vistos à frente.

Uma última característica importante é a formação acadêmica. Somente três realizaram curso de pós-graduação *strictu sensu*, sendo que dois deles, 1 e 5, fizeram

mestrado e um, 7, fez doutorado. Seriam necessárias mais pesquisas quanto a esse aspecto. Entretanto, só mais recentemente a Terapia de Família, no campo internacional, tem se firmado na universidade, realizando pesquisas acadêmicas. A tendência mais forte, inicialmente, foi sua afirmação em clínicas particulares. Realizaram-se pesquisas nesse âmbito, como as do MRI. Havia e ainda há uma precaução quanto à realização de pesquisas acadêmicas, geralmente, por se considerar a academia pouco afeita às inovações (Nichols, 1998)⁵⁸.

Para fechar este tópico, escolhemos apresentar o resumo de uma trajetória profissional, indicando algumas das principais características já apresentadas, somando-se a outras anteriormente discutidas. É a história de uma formação de terapeuta de família, é parte da história da Terapia de Família no Rio de Janeiro que se faz em contato com a novidade que vem do exterior e tem sua diferenciação visível na convivência que mantém com a Psicanálise.

"Porque eu tava aqui na UFRJ, depois com a coisa política no Brasil naquele momento eu fui pra Santiago do Chile. A UFRJ era muito centrada na pesquisa, então eu fui pra PUC porque eu tava querendo clínica. Então lá em Santiago do Chile eu comecei uma clínica mais direcionada pra criança, Psicanálise infantil uma linha inglesa kleiniana e aí quando você é terapeuta infantil você vai encontrando alguma coisa na... no grupo... a criança começa a melhorar um pouquinho tiram da terapia. Ann... Você começa a sentir que você entra num sistema em que a melhoria de um altera muito as variáveis, né? E aí quando eu tava lá no

⁵⁸ No mesmo congresso, já citado, em que Andolfi esteve, ele afirmou que as pesquisas realizadas em universidades "não servem para quase nada", corroborando essa afirmação, lembrando a todos a sua própria experiência como professor universitário, na Itália.

Chile é... como analista de criança já eu tive uma informação vinda de uma assistente social em que ela me disse "AH!! essas coisas, essas questões que você tá levantando eu tenho um artigo, eu tenho um livro com coisas interessantes com um psicanalista nos Estados Unidos. Tá levantando essas questões, Ackerman. É... e fala da família e fala...". Aí foi o primeiro livro que eu li, pouco tempo depois que eu fiz essa lida acho que uns três anos depois desse livro eu tive que ir embora por causa do Pinochet e aí fui pra Buenos Aires onde eu entrei pra um centro comunitário, é... onde tavam um grupo de pessoas que eu já tava interessada na forma de pensar e aí eu fui trabalhar com eles que era um centro que... numa equipe que era equipe de famílias. Já não mais me senti como analista de criança comecei a pensar e aí comecei a ter uma informação sistêmica mais afinada, mais rigorosa e aí continuei com algumas reflexões que a Psicanálise marca, né? Mas, fui indo desenvolvendo essa linha... do sistêmico. Então, com a... Mas, isso era sempre assim um pé na Psicanálise, um pé no sistêmico.... fiz essa trajetória toda de uma clínica muito singular por causa dessas questões eu nunca fui uma sistêmica puríssima e nunca fui uma psicanalista tão pura porque eu circulava de alguma forma na minha clínica com uma leitura contextual e uma leitura do intrapsíquico, né? Até que quando sai dentro da... quando a leitura contextual vai saindo dessa etapa dos sistemas, vai entrando mais na coisa da construção do sentido através do Construcionismo Social, do Construtivismo, aí eu me situo melhor porque aí faz um sentido faz uma ponte entre as minhas questões."(04)

3.2 - Apresentando as instituições

Apresentamos as instituições atuais em que esses terapeutas se encontram, trazendo informações como as datas da criação das instituições e dos cursos de formação. Primeiramente essas informações aparecem em um quadro. Em seguida, com os relatos dos entrevistados, iremos contar essas histórias.

	INSTITUIÇÃO ATUAL	ANO DA FUNDAÇÃO	ANO DA PRIMEIRA TURMA
1	CEFAI - Centro de Estudos da Família, Adolescência e Infância.	1991	1998
2	SPAG (aposentado no IFF)	IFF SPAG final da década de 60.	IFF 1987 SPAG 1996
3	MOSAICO (Instituto de Pesquisa em Sistema Humanos)	1993	1994
4	ITF - Instituto de Terapia de Família - RJ	1987	1987
5	Instituto de Psiquiatria (IPUB) UFRJ.	1978 (setor de família)	1978
6	DELPHOS - Espaço Psicossocial	1993	1998
7	Hospital Universitário Pedro Ernesto / UERJ	1970 (setor de Psicologia)	1995 (curso de extensão)
8	Núcleo de Pesquisa Integrada da Família e do Adolescente	1986	1987

3.2.1 - História das instituições

- 1 - CEFAI

O CEFAI, instituição particular, é fundado na busca de um trabalho em equipe. Muitas instituições, na história da Terapia de Família, são fundadas com essa intenção. Lembremo-nos da história do MRI, desenvolvida no capítulo III, e da breve citação da história da Escola de Milão. Palazzoli, inicialmente do grupo de Milão, é uma das fontes de inspiração do CEFAI que privilegia o atendimento às famílias de crianças e adolescentes. Além de nossa entrevistada, são três os componentes da equipe: duas psicólogas e uma pedagoga. O relato seguinte apresenta a história do CEFAI.

"Ela (a instituição) foi fundada em 1991 (agosto) e... são quatro pessoas, quatro terapeutas de família. São três psicólogos e uma psicopedagoga que é também terapeuta de família e nós nos juntamos... porque todas nós sempre trabalhamos com crianças e adolescentes... aí no processo da formação é... nós nos identificamos, né? E decidimos montar uma instituição que pudesse olhar... ter um olhar sistêmico, né? Visse também um aspecto individual no atendimento, né? E pudesse fazer essa costura do atendimento individual com o atendimento familiar ou assim dentro do sistema, seja do sistema de supervisão, do sistema como escola, creche ou enfim algum outro tipo de sistema. (...) Nós nos baseamos muito... uma influência forte foi o trabalho da Mara selvini Palazzoli, né? No trabalho de equipe dela. Nós ficamos muito interessada, muito curiosas e desejosas de poder é... aproveitar aquela experiência e desenvolver alguma coisa nossa. Então, nós começamos a... ter também... a desenvolver uma linha de pesquisa, tivemos algumas linhas de trabalho(...) Fizemos um trabalho escrito sobre equipe terapêutica no tempo da formação que expressava bem esse investimento nosso. Nós nunca perdemos isso de vista: do trabalho de equipe, de atender os quatro, atender em dupla, discutir os casos, né? E aí a partir daí nós

fomos desenvolvendo... hoje nós temos uma atividade chamada laboratório da prática clínica que é quando quatro pessoas participam de um atendimento. Então, é um espaço de discussão clínica de um trabalho de equipe que nós ampliamos, né? Temos o curso de formação em Terapia de Família e temos espaços de reflexão, né? De reflexão, de trabalho clínico, de discussão, temos uma linha de pesquisa na área de divórcio, divórcio destrutivo, a Maria H. Bartholo tem na linha de psicopedagogia, um trabalho na questão da aprendizagem é... a Gilda é... tem um trabalho com arte e educação. Tem uma formação de arte-educação com toda parte de artes como uma linguagem a ser utilizada no atendimento de famílias. E... a Naiara ela também há muitos anos... tá responsável pela clínica social, né? Na montagem da clínica social ela tá desenvolvendo esse trabalho. A maior parte atendendo pelo curso de formação. (...) Nós sabíamos que o curso de formação ia entrar, mas o curso de formação só entrou quando a equipe tava madura porque um trabalho de equipe ela leva a muita discussão é muita... é necessário clareza relacional e esse processo de você alcançar uma clareza relacional de você poder ter mais claro as relações e qual é os limites de um, quais são as qualidades isso demora. A equipe tem que amadurecer muito pra poder assumir depois um trabalho de formação. O curso começou em agosto desse ano (1998)." (1)

- 2 - SPAG e Instituto Fernandes Figueira

Esse é um relato sobre duas instituições completamente diferentes, uma pública e outra particular. Encontramos aqui a marca da construção de um trabalho, no Instituto Fernandes Figueira, fortemente marcado por um esforço e pela característica de um indivíduo. A SPAG é uma instituição particular tradicional no campo das terapias de grupo psicanalíticas, no Rio de Janeiro, que recentemente começa a oferecer formação em Terapia de Família.

"A SPAG já tem muitos anos. A instituição já tem quarenta anos. Mas, veja bem como a instituição não é exclusiva de família, ela funciona pra outras coisas. O curso de formação de família é novo dentro da

instituição. Mas , ela funciona há muitos anos na terapia de grupo. Mas, eu não me iniciei numa instituição. Eu iniciei com a chegada da Galinda Schneider de Londres há 23 anos atrás. Ela... em Londres ela na Tavistock fez um curso de família, fez atendimentos lá em família. Aprendeu teoria sistêmica lá. Aí veio e formou um grupo de estudos em torno disso. E eu fiz parte deste primeiro grupo há 23 anos atrás. Foi aí que eu comecei a fazer minha formação de família, foi com a Galinda. Depois eu apliquei estes ensinamentos que eu tive com ela no Fernandes Figueira, no Centro de Orientação Juvenil, onde eu já trabalhava e que eu comecei, então, a fazer atendimento de família lá. Fui eu que iniciei atendimento de família, de terapia familiar, lá no Fernandes Figueira. Aí aos poucos esse atendimento foi se desenvolvendo eu fui multiplicando a minha técnica em função da realidade brasileira e das necessidades do serviço, mais tarde 15 anos depois é que eu comecei a fazer formação... E depois é que surgiu a SPAG. Na minha época praticamente ninguém fazia família, pouquíssimas pessoas, a Terezinha (Féres-Carneiro) era uma delas. Terezinha que eu sei é das mais antigas. Então, na minha época de PUC quando eu trabalhei na PUC ela já mexia com família. Terezinha é a mais antiga eu acho, pelo menos com seriedade.(...) (no IFF) foi começando, existiu o curso de formação de terapia de criança e adolescente e ele começou com um ano extra posterior que não era pra todos era pra aqueles que optassem pra Terapia de Família. Mas, o começo foi muito incipiente porque como eu atendia as pessoas começavam a querer atender junto comigo. Então, se o caso da criança ou do adolescente era visto por um outro terapeuta e precisava de uma terapia familiar, pelo menos de um diagnóstico familiar, eu colocava esse outro terapeuta junto comigo pra fazer esse diagnóstico ou se fosse o caso acompanhar a terapia. Depois passou-se a ter uma reunião semanal aonde se discutia os casos e aí era introduzida a família. Foi lento que a coisa foi sendo feita, né? A partir desse grupo que ficou estudando, nós começamos a sistematizar um curso seguindo o livro do Andolfi pra poder dar uma orientação teórica e paralelo a isso os atendimentos eram feitos comigo. Então, todas as pessoas do curso faziam atendimento de família comigo. Acompanhavam duas, três famílias durante todo o atendimento em co-terapia. E paralelo tinha essa parte da teoria, mas isso foi mais tarde. (...) Setenta é quando eu comecei, 80 foi quando começou já a atividade de...formação em família. Esse curso eu fiz em 76 com a Galinda. E o curso lá do COIJ tem mais ou menos uns dez ou doze anos que começou.

(...)Ah... eu não sei se(continua) porque eu saí de lá (...) eu fazia atendimentos vinculados às situações muito específicas. Se tinha o problema de asma que não cediam com medicação, eu fazia atendimento de família junto com o pneumologista. Eu comecei a colocar a família como elemento básico pra terapia se... para as situações cirúrgicas, situações de doenças crônicas. Comecei a adaptar a... a terapia familiar, não apenas pra os problemas psicológicos, mas para ter que lidar com a cirurgia com risco de vida. Eu passei a fazer o atendimento da família, durante o período antes da cirurgia até que comece a cirurgia e o pós-operatório, junto a... fazendo atendimento com família. Situações de internações constantes, situações de doenças incuráveis de crianças, normalmente. Então, eu passei a fazer atendimento da família pra trabalhar a morte, pra trabalhar as implicações das doenças. Então, eu ampliei muito a função da terapia familiar por estar num hospital pediátrico. E eu acho que fizeram mudanças impressionantes no trabalho que... crianças que são internadas com asma, três, quatro vezes por ano que a medicação não cede o quadro, pararam de usar as medicações, pararam as internações só com terapia familiar. Acompanhada do pneumologista." (2)

- 3 - Mosaico

O Mosaico é uma clínica particular, constituindo-se, desde o seu início, como uma equipe de três psicólogas e dois psiquiatras. Esses profissionais caracterizam-se por uma formação realizada fora do Brasil e um intenso contato com o exterior. Três deles, além de terapeutas de família, são psicanalistas da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). É uma convivência que será esclarecida mais adiante pela formação da entrevistada número três.

"O Mosaico foi fundado com pessoas que já trabalhavam na área e que vinham de outras instituições. (...) Então, trabalho no Mosaico há cinco anos é... sociedade a que pertencço. Filiação ou... sou da Psicanálise. (...) então eu sou membro efetivo docente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ). Sou membro da European Family Therapist Association é... é uma associação européia que congrega os estudos da família. Embora eu seja da América Latina. Então, a

única brasileira que faz parte dessa associação. Trabalho também junto das Sociedade de Gerontologia e Geriatria. E... tenho um vínculo especial com a *Accademia di Psicoterapia della Famiglia* de Roma, (...) onde eu levo alunos para fazer curso lá com Maurizio Andolfi que é um dos papas da Terapia de Família, né? Considerando o pessoal da Itália. (...), desde 83 quando ele começou a vir ao Brasil (...) ele vinha aqui no CEFAC que era uma instituição coordenada pela Lúcia Ripper e vinha dar formação pra gente, consultoria é... então foi desde aquela época. Aí fiz um Praticum com ele que é um curso de um mês. A gente fica na Academia, um mês internado lá dentro. Isso foi em 95. (...) Bom... não teve necessariamente uma fundação, né? É a gente meio que foi se conhecendo e... e resolvemos, quer dizer eu já tava... em 93... eu trabalhava com família, mas eu trabalhava com a teoria psicanalítica e a minha outra clínica tava se desfazendo, né? O Paulo João Raad (psiquiatra) tinha chegado da Suíça, onde ficou 20 anos. Fez formação lá. A Miriam Felzenszwalb (psicóloga) tinha chegado dos E.U.A. onde também tinha feito formação lá é... a Lia Baptista Carvalho (psicóloga) que é a dona da casa tava querendo juntar algumas pessoas. Então ela chamou o Werner Zimmermann (psiquiatra) que era colega de turma da Sociedade, me chamou pra sociedade em que trabalhava com família. (...) A gente fez até uma festa de inauguração da casa. Então, não teve assim uma fundação, teve uma festa, aonde a gente chamou todo mundo. Aliás, a gente fez três festas. Era tanta gente que a gente separou por áreas. Então, a gente fez uma festa pra os psicanalistas da onde nós três éramos da sociedade, tinha muita gente, mais de 200 pessoas da nossa sociedade. Fizemos uma festa pro pessoal de Terapia de Família e fizemos uma terceira pra quem não veio nem em uma nem na outra. A gente fez festa de inauguração da casa e a gente vem então é... desde 94, formando alunos. Então, teve a primeira turma em 94 e agora em 99 vamos ter a sexta turma. Todo ano tem uma turma de formação." (3)

- 4 - ITF

A história contada nesse relato revela o pioneirismo de duas instituições. Uma foi a primeira instituição particular a oferecer curso de formação em Terapia de Família, a, já extinta, CEFAC. A segunda instituição, ITF, também particular, é fruto dessa primeira, forma terapeutas

até hoje e edita a única revista especializada em Terapia de Família (sistêmica), do Rio de Janeiro. A trajetória da entrevistada número 4, por essas duas instituições, começa a nos contar sobre a história da implementação da Terapia de Família no Rio de Janeiro, em instituições particulares, no início da década de 80.

"1980 sai o CEFAC é... éramos três sócias Lúcia Ripper, Ana Maria Hoette e eu. É... tínhamos uma idéia no início de ... de ser a liderança de um grupo de pessoas questionando essa área, quase um grupo de pares. Era uma idéia um pouco romântica que não ia ter sede, não ia ter nada é... depois fomos e trouxemos gente, trouxemos o Andolfi é... levantamos muitas discussões, alguns se especializaram em algum tema pra dar aula pra outras pessoas. Isso durou um tempo, depois é... cada uma foi fazendo o que gostava mais, dentro dessas questões foi fazendo já talvez com alguma intenção, mas não tão ainda consciente, não sei... mas aí o projeto foi ficando mais esvaziado enquanto um projeto de três. (...) E aí em 1987... é que Ana e eu já estávamos juntas há uns três anos trabalhando, fazendo várias turmas em grupos de estudos, tínhamos vários alunos. A Lúcia, por outro lado, tinha é... um grupo de estudos dela, tinha a formação dela. Então, nós estávamos com a mesma instituição, com o mesmo nome e duas orientações diferentes. Uma Ana e eu e outra a Lúcia. Aí Ana e eu fundamos junto com um grupo que já dava aula de ex-alunas daquele grupo de estudos de lá, no CEFAC. Já tínhamos turmas começando, já tínhamos alunos que já tavam começando a dar aula dos primeiros temas, a Lia Ganc foi uma dessas pessoas que começou a dar aula nessa formação que a gente fundou aqui o Instituto de Terapia de Família, em 1987. Ana e eu dirigíamos o Instituto até quando formou dez anos, quando ele formou dez anos nó renunciámos a direção e hoje em dia o Instituto é dirigido por outro grupo de pessoas pra tocar pra frente, né? E... nós somos um quadro de... diretoras ou quase conselheiras, diretoras conselheiras, uma coisa assim. E enquanto a gente tava aqui no... acho que foi em 1990 eu fundei com outras pessoas daqui, com a Rosana Rapizo que hoje em dia é diretora de formação, nós fundamos a Nova Perspectiva Sistêmica que é uma revista superimportante de divulgação de terapia sistêmica, de Terapia de Família. Eu fiquei de editora chefe até

1995 e aí a Rosana assumiu a direção. Quer dizer o meu movimento sempre foi esse de ocupar esse lugar de liderança e depois de um tempo a coisa tá criada e eu vou pensar em outras... no meu projeto esse ano que desde que eu me aposentei de diretora, de tudo isso, agora eu tô com um livro na editora. Entendeu? Eu fui buscar uma coisa mais de... menos institucional. É... (...) Eu sou membro de uma associação que se chama American Family Therapy Academy (AFTA). Eu sou do quadro de um centro de Terapia de Família nos E.U.A. (Center of Awereness). Eu tô muito ligada não institucionalmente, mas afetivamente e profissionalmente, não institucionalizada com o nome em nenhum lugar, mas é que freqüento troco figurinha que agora vai ter um Congresso de 20 anos e eu vou apresentar um trabalho, com Buenos Aires onde tem o *Centro de familias y parejas* (CEFYP). (...) Então, esse é um lugar importante pra mim de referência fora do Brasil também." (4)

- 5 - IPUB - UFRJ

A história da Terapia de Família no IPUB inicia-se no final da década de 70, marcando o seu pioneirismo. O Instituto de Psiquiatria é um hospital público e universitário. Estava, portanto, a Terapia de Família, desde o seu início inserida na Universidade. Contudo, os primeiros profissionais, recém-chegados dos Estados Unidos, que começaram a trabalhar com Terapia de Família nessa instituição não tinham vínculo formal com ela, dificultando a oficialização de um curso (Teixeira, 1997). Em seguida ao relato de nossa entrevistada, complementando-o, citamos um resumo dessa história por Sônia Beatriz Sodré Teixeira, trazendo uma interessante caracterização desse trabalho em um hospital.

"Pois é... Pois eu sou da turma pioneira, da primeira turma quando o curso ainda ia ser oficializado, ou seja, foi no ano de 78, né? Quando a Ana Maria Hoette tinha recém-chegado de Boston e o Luís Fernando Melo

Campos, eles dois organizaram o curso. É... tinha um grupo de doze, de 10 a 12 alunos. E... era um curso, se não me engano, de um ano, um ano e meio, né? Que englobava a teoria e prática. Só que a gente passou um ano inteiro com teoria, com exercícios práticos, genogramas, aquelas dinâmicas todas. É..., mas uma dificuldade importante na inserção dentro da própria instituição. Do que eu sei antes desse curso ser fundado havia um núcleo aqui, no Instituto de Psiquiatria, de pessoas, profissionais do Serviço Social, Psiquiatria interessados na Terapia de Família que imagino como se fosse um grupo de estudo, mas não oficializaram o curso e aí vem a Ana Maria, o Luís Fernando, essa turma aconteceu e depois os dois saíram. Entrou a Dorothy N. de Mello junto com o Lindemberg Rocha. É... depois o Lindemberg também abriu mão, que é outro supervisor terapeuta de família, pioneiro também. Ele trabalhou na UERJ, sempre vinculado com família, mas aí com comunidade terapêutica. E aí a Dorothy... Ah!... fez todo um trabalho importante pioneiro com uma pesquisa. Ela entrou para cá já tinha acabado também de voltar dos Estados Unidos. Ann... e oficializou uma pesquisa que a partir da pesquisa parte do grupo, se não me engano, parte desse grupo inicial que ficou se vinculou a essa pesquisa e a partir daí ela conseguiu oficializar. Foi em 81, se não me engano, um curso de aperfeiçoamento que era de um ano, né? E aí começaram as várias turmas com seleção, oficializar um setor de família. Maria Lídia Alencar foi a primeira coordenadora. Ela ficou um tempo aqui. É... e aí se agregaram outros supervisores. Além da Dorothy foram convidados outros profissionais. E... aí também teve uma etapa que primeiro foi uma vertente de aperfeiçoamento que era de um ano e depois passou para especialização, passou a ser um curso de dois anos também, né? Então a Dorothy foi quem fundou a oficialização do setor de família nesse período." (5)

"(...) Alguns profissionais, basicamente psicólogos, com formação no exterior, mais especificamente nos Estados Unidos, como Ana Maria Hoette, Lúcia Ripper, Terezinha Féres-Carneiro, Gladys Brum, Dorothy Mello, tentaram uma penetração pioneira nas universidades e instituições, interessadas em divulgar e promover atendimentos nesta modalidade de tratamento. Foi o que aconteceu em 77 no Instituto de Psiquiatria da UFRJ que abriu suas portas para Ana Maria Hoette e mais tarde a Dorothy Mello para que pudessem implantar uma proposta de um curso de Formação em Terapia Familiar Sistêmica, com uma prática clínica a ser desenvolvida nas enfermarias feminina e masculina. (...) houve uma atitude de expectativa desconfiada por parte do corpo médico, assim como também de outros profissionais e setores que não tiveram uma adesão entusiástica à novidade, preferindo o silêncio e o retraimento. (...) Aos poucos, e com a manutenção de seus trabalhos, a inserção foi se estabelecendo e para isto

muito contribuiu o recém criado Setor de Adolescentes do Instituto de Psiquiatria (1978) que em sua filosofia básica incorporou a Terapia Familiar como um de seus métodos básicos de intervenção. Também o Serviço Social, vencida a primeira fase de desconfiança, contribuiu para uma maior divulgação deste trabalho dentro da instituição, na medida em que, como um dos interessados diretos pelo atendimento familiar, participou de grupos de estudos, ofereceu seus espaços físicos para os encontros, planejou disciplinas e formou co-terapias com os novos técnicos."

(Teixeira, 1997: 103 e 104)

- 6 - Delphos

O relato seguinte representa uma das duas exceções que já havíamos mencionado quanto aos nossos entrevistados. Sua formação é toda realizada em São Paulo e, inicialmente, em Psicodrama. Ela traz a informação de que essa referência de psicoterapia vem tratando de famílias e casais, antes mesmo da criação da Abordagem Sistêmica. A clínica Delphos é uma instituição particular criada por psicodramatistas, tendo, como um dos seus cursos, a formação de terapeutas de família com as duas referências acima citadas⁵⁹. A equipe é composta por quatro psicólogas.

"Ela (Delphos) existe já faz uns cinco anos pra seis, cinco anos e meio. Ela foi constituída aqui no Rio de Janeiro com o objetivo de que nós pudéssemos propagar e difundir o Psicodrama em todas as abordagens de aplicação, em todas as suas linhas de aplicação e... família é uma delas tá? E aí como eu me interessava por essa área de família já há muitos anos eu tô coordenando essa parte de família. O curso de Terapia de Família veio exatamente pra atender a muitas pessoas... que dentro do curso de Psicodrama nós temos uma classificação dentro da formação de psicodramatistas são os chamados psicodramas especiais, entre os psicodramas especiais tem o de casal e de família (...) eu comecei a minha formação em Psicodrama em 76, tá? Desde 76 já existia essa classificação "psicodrama" ou "sociodrama", hoje mais chamado de "sociodrama de casal e família", entendeu? Então a primeira, meu primeiro contato com casal e

⁵⁹ Uma introdução ao que é conhecido como Sociodrama familiar Sistêmico encontramos em Seixas (1992).

família foi através da metodologia psicodramática e do curso de formação de Psicodrama. Então, desde (...) a minha formação em Psicodrama eu atendia casal e família, entendeu? Depois que eu vim a fazer a formação na linha sistêmica, bem depois, já no final da década de 80 é que começaram esses cursos de formação de terapia sistêmica de Terapia de Família na linha sistêmica e aí eu fiz a minha formação no CEFAM, que é em São Paulo, tá? (...) eu quis formar uma instituição junto com algumas pessoas as quais comungavam das mesmas idéias, da mesma ideologia, etc. desde o Psicodrama e que tivesse abertura pra fazer junto, agregando junto a formação de família. Então a estrutura dessa sociedade, nós somos quatro pessoas que consolidamos Delphos- Espaço Psicossocial, com ideologias parecidas." (6)

- 7 - Hospital Pedro Ernesto - UERJ

Essa é a nossa segunda exceção, já que é um trabalho exclusivamente pautado na Escola Inglesa de Psicanálise, na qual os Grupálistas Franceses se inspiraram para criar uma Terapia de Família específica dessa referência⁶⁰. Outras características importantes, porém, surgem aqui. Trata-se de uma instituição pública universitária. O trabalho se realiza em um hospital com várias especialidades médicas que possui um setor de Psicologia e de Psiquiatria. Conhecemos, a partir desse relato, como se criou um curso de formação de terapeutas de família na UERJ, aparecendo como um dos pioneiros ao lado do IPUB, em termos do seu início na década de 70. Somos informados ainda quanto às questões burocráticas, isto é, como se deu o percurso da transformação de estágio na graduação de Psicologia para um curso de extensão, após a graduação. Essas questões só

⁶⁰ Indicamos Vilhena (1991) como uma introdução dessa referência, com vários artigos, incluindo nomes citados por nossos entrevistados.

podiam aparecer em uma instituição universitária. Também é interessante notar o que a entrevistada nos apresenta quanto às questões teóricas relevantes em sua referência específica e quanto ao investimento acadêmico.

"Esse curso tem um histórico. Eu assumi a partir de 1990 quando a pessoa que estava coordenando, nem era um curso, era o setor de psicoterapia de família, decide não mais trabalhar nessa área e se retira desse setor. Então, eu assumi no lugar dela. Agora esse setor existe desde os anos setenta. Eu acredito no início dos anos setenta. (...) era o primeiro núcleo desse setor e trabalhava com Terapia de Família já de uma forma então... incipiente, tava começando e eu creio que ele trabalhou uns quatro anos, quer dizer deve ter sido em 1970 porque em torno de 74 há um certo... uma certa questão institucional e... uma segunda pessoa se retira e (a terceira pessoa) assume esse setor que ela coordena então até 1990 quando ela não quer mais trabalhar em Terapia de Família. Eu assumo em 1990 e dei outras características aí de fato eu vinculei... a princípio eu ofereci como uma possibilidade que existe dentro do Hospital Pedro Ernesto através da Coordenadoria de Desenvolvimento Acadêmico que se chama treinamento em serviço, é um tipo de estágio. Mas, eu percebi que as pessoas que iam fazer esse tipo de estágio não se sentiam com o devido compromisso que eu necessitava para o estágio. Como é um trabalho pesado a pessoa acabava assim como se estivesse lá como um certo favor pra mim. Eu aí então resolvi formalizar. Eu fiz um projeto, eu apresentei no Departamento de Psicologia Clínica, foi aprovado, foi pro Conselho Departamental e então passou a ser oferecido como um curso... como eu falei tem uma característica de pós-graduação, mas ele está sendo oferecido como extensão por conta do cargo que eu tenho dentro da Universidade apesar de estar em função docente, eu estou no cargo de psicóloga, apesar de eu ter doutorado, eu estou no cargo de psicóloga. A Universidade não tem um plano de carreira a nível técnico científico e existem determinadas limitações (...) então eu não posso apresentar como uma especialização. Então, o dia que eu passar pra professor eu vou apresentar como especialização. Agora desde... em que ano eu formalizei isto? Antigamente também quando eu peguei o (setor) ainda absorvia estudantes da graduação. O estágio tava numa fase muito difícil. (...) E eu então comecei com estagiários da GRA e terminei essa turma da GRA, que

estava lá ainda, né? Normalmente eu fico uns dois anos porque não dá pra você trabalhar por menos tempo dentro de um serviço de Psiquiatria com o tipo de paciente que se tem lá. Normalmente eu gasto um tempo treinando o estagiário, eu gasto uns quatro ou cinco meses, às vezes seis meses treinando o estagiário porque é um referencial que ele não conhece, ainda mais por falhas da graduação que não está dando, por exemplo, Escola Inglesa, às vezes quando a GRA está muito infestada de "lacanismo", e aí então que dá menos ainda, não dá psicopatologia, não dá outra coisa, então o aluno chega extremadamente cru, (...) não sabe a diferença entre delírio e alucinação e está dentro de um serviço de Psiquiatria. Então, eu levo um tempo porque eu tenho que ensinar Melaine Klein, eu tenho que ensinar é... Escola Inglesa pra chegar nos franceses que trabalham com família, mas que tem é base na Psicanálise inglesa enfim, em Bion sobretudo e... nós trabalhamos com os franceses que estão completamente afastados do Lacan que são chamados os Grupelistas e que fizeram uma incursão pela Escola Inglesa, são analistas vinculados a IPA. Não tem nada a ver com Lacan, nem falam em estrutura, falam em organização, mas não tem nada a ver mesmo. Então... eu tenho que treinar pra depois entrarem na prática. Como são casos muito graves você não tem como fazer psicoterapia breve, então são terapias de mais longo prazo e às vezes o estagiário fica dois anos, dois anos e meio, três porque ele pode até terminar o curso antes do atendimento, porque ainda continua com o atendimento. Às vezes ele passa o atendimento pra uma outra pessoa que está ingressando. Minha primeira turma que eu tive já formada bonitinha ela entrou em 95. E ela apresentou monografia com banca, sempre teve um rigor acadêmico, duas delas foram convidadas a apresentar o... em forma de artigo pra publicar, quer dizer apesar de estar como extensão eu sempre tive uma preocupação com a produção acadêmica" (7)

- 8 - Núcleo

O Núcleo é uma instituição particular criada como fruto do trabalho de um psiquiatra. Em seu relato, poderemos observar como, na seqüência da trajetória de uma carreira que se inicia no Instituto de Psiquiatria (Setor de Adolescentes) e continua no exterior, se constrói uma

proposta de atendimento às famílias e um curso de formação para terapeutas de família.

"Foi em primeiro de junho de 1986. Ah... a instituição a história, quer dizer em 1983 eu fui fazer um curso na Itália com o Maurizio Andolfi, *Praticum*, pra profissionais estrangeiros. Quer dizer tem toda a minha história anterior, né? E a partir desse curso eu comecei a dar cursos... vamos chamar assim cursos... como eu já trabalhava com adolescentes, já mesmo antes de fazer o curso eu fui um dos fundadores do setor de adolescente do instituto de Psiquiatria (junto com outro psiquiatra), hoje parece setor infanto-juvenil lá do IPUB, eu trabalhava já com famílias. Quando eu voltei do curso do Maurizio eu comecei a dar um curso chamado "a família do adolescente", alguma coisa assim que eu não me lembro bem o título "os adolescentes e sua família", conectando o adolescente e sua família, mas tem uma regularidade esse curso, quer dizer tinha uma regularidade, um ano, mas não tinha a forma que tem hoje, né? E a partir de um convite que surgiu de colegas meus no curso do Maurizio, eu... de me apresentar e dar um workshop numa reunião que eles fizeram na Holanda numa cidadezinha a duas horas de Amsterdam onde eles dirigiam um hospital. Então, na medida em que... eles me convidaram pra dar um workshop eu tive a idéia de fazer um filme sobre terapia familiar que é um filme... eu escrevi o roteiro e o argumento de ficção baseado em... casos reais que eu já tinha atendido e a partir desse filme que chamou-se "trama familiar" e ganhou até um prêmio. O prêmio Sol de Prata de melhor roteiro do Rio Cine Festival de 1986, ganhou a Jornada Latino Americana de Cinema de Salvador desse ano, é... a partir desse filme eu resolvi fundar a instituição e começar a dar cursos regulares de especialização em Terapia de Família que foram se estruturando, que foram se sistematizando a partir do primeiro curso de especialização que eu comecei a dar eu... comecei a dar em 1987, o filme foi realizado em 1986, a fundação da instituição junto com o filme e comecei a dar o curso em 1987, regularmente." (8)

Estão apresentadas, então, as oito instituições, nas quais estivemos entrevistando esses terapeutas de família. Conhecemos suas histórias e sua presença hoje no campo da Terapia de Família da cidade do Rio de Janeiro. Nos

próximos tópicos, conheceremos como se deu a formação desses terapeutas de família. Por último, consideraremos o relato dos entrevistados quanto ao início da Terapia de Família nessa cidade e quanto ao seu futuro.

3.3 - Motivação inicial para trabalhar com Terapia de Família

Somos remetidos, aqui, a algumas semelhanças com o início da história da Terapia de Família nos Estados Unidos. As motivações para iniciarem atendimentos às famílias surgem a partir de trabalhos já realizados com grupos, casal, crianças e adolescentes. Outras características, porém, diferenciam esse início entre nós. Vamos apresentá-las identificando semelhanças e diferenças em relação a história da Terapia de Família desenvolvida em capítulos anteriores.

O primeiro relato ressalta a dificuldade encontrada em continuar um "trabalho centrado na subjetividade", levando a buscar um novo "olhar".

"Olha eu comecei o trabalho em 70..., 75 eu já tava trabalhando porque eu viajei, morei em outros lugares. Tive contato lá não com a Terapia de Família, mas com o trabalho de grupo, instituição. Então, quando eu comecei a trabalhar na clínica eu sempre trabalhei muito com criança, muito com adolescente e aí você... eu comecei a ver os limites do trabalho e o trabalho com casal, eu comecei a fazer um trabalho com casal. Eu comecei a ver os limites do atendimento das concepções do trabalho centrado na subjetividade, né? Quer dizer no trabalho individual da criança. Eu precisava ter um outro olhar porque senão acontecia uma série de coisas que eu não entendia, que eu não sabia lidar, daí eu buscar um outro paradigma, outros recursos." (1)

O segundo relato reafirma que o trabalho com crianças trouxe "limitações" que foram resolvidas com uma nova busca teórica. Além disso, indica que esse início da Terapia de Família tinha uma ênfase maior no atendimento ao casal.

"Começou uma limitação que foi se tornando uma questão teórica quando eu trabalhei com criança, com tratamento com criança. Eu te diria que os terapeutas de família que eu conheço da minha geração, esses que começaram a trabalhar no comecinho (...) já sistemático foi 74 (...) em 73 eu tava atendendo um casal assim timidamente, né? Em 74 eu já tava mais com mais leitura, com mais supervisão, mas a... Eu acho que foi dessa limitação foi me levantando questões teóricas e a partir das questões teóricas a minha opção também foi muito mais de levantar questões sobre o que que é casal, casamento (...) foi sempre mais interessante apesar de eu ter fundado coisa de família, da leitura contextual eu tenho a impressão que eu fui saindo pra esse mundo mais das questões o que é isso de duas pessoas se manterem juntas tanto tempo como projeto." (4)

A "conexão" entre os problemas dos adolescentes e suas famílias é o que traz o terceiro relato. Essa "conexão" começa a surgir em uma viagem feita a Londres que leva ao conhecimento da "Terapia Familiar Sistêmica". O encontro dessa nova referência, após as passagens pela Psiquiatria, Comunidade Terapêutica, Psicanálise, Psicodrama, Psicoterapia de Grupo, etc., representa a culminância de uma busca, uma "procura de entender melhor o ser humano".

"Eu trabalhava com adolescentes e via que os problemas estavam muito conectados com as famílias. Eu comecei a desconfiar disso a partir de uma visita que eu fiz em 81 nos hospitais de Londres quando eu fui ver os serviços de adolescentes de lá eu comecei a perceber que havia um movimento muito grande, muito importante da terapia familiar sistêmica e acabei descobrindo, um por acaso, esse curso do Maurizio Andolfi em Roma que ele havia chegado relativamente há pouco tempo dos Estados Unidos. Agora a minha carreira sempre foi de

procura. Eu comecei como psiquiatra é... trabalhei como psiquiatra muitos anos, fui procurar a Psicanálise, fui procurar a Psicoterapia de Grupo quer dizer tanto procura como paciente tanto procura como técnica. Psicodrama, Bionergética, trabalhei em Comunidade Terapêutica, Pinel, grupos, grandes grupos, né? Sempre foi de procura e de muita inquietação até que eu aportei na Terapia de Família e, principalmente, na Teoria Sistêmica que pra mim dá esse entendimento mais global na medida em que ele contextualiza o indivíduo dentro da família. Então, isso é uma busca, é uma inquietação que eu tenho e uma procura de entender melhor o ser humano." (8)

O relato seguinte complementa os relatos anteriores, em suas semelhanças, e traz algumas características próprias de um trabalho realizado em hospital público. É interessante notar a mudança que ocorre na compreensão quanto ao atendimento à criança, passando a vê-la como parte de um "conjunto".

"Bom eu fiz formação psicanalítica, fiz formação de grupo e... eu comecei introduzindo grupo lá nesse serviço hospitalar também, eu comecei com terapia é... preparação pro parto, eu fiz..., fazendo grupo de gestantes, eu fiz... já anteriormente em 1971 eu fiz grupo de mães de crianças com problemas psiquiátricos no Engenho de Dentro e muita vivência com grupos aonde eu fazia atendimento tanto das pessoas quanto às vezes grupo das mães. No ambulatório de Cardiologia eu fazia grupo de sala de espera com as famílias com patologias graves em crianças, sempre em crianças. É... na PUC eu fiz um trabalho de grupo com adultos que iam fazer, sofrer cirurgias cardíacas. (...) E foi assim que eu fui sentindo falta de uma... de um atendimento mais abrangente do núcleo familiar. Com a chegada da Galena, que a Galena passou dois anos em Londres (...) ela tendo feito essa preparação técnica, a idéia nossa na época era montar uma clínica. Ela foi ver família é... eu fui ver adolescente, uma outra colega ficou com criança. Cada um pegou um setor pra montarmos uma clínica. Acabou que nunca saiu a clínica do papel por razões financeiras, principalmente. Depois foi desgastando o negócio. E aí com a chegada dela eu comecei a ver que pro atendimento de crianças e adolescentes fazia muita falta a compreensão da terapia familiar. O modelo inicial quando eu comecei a

trabalhar com criança e adolescente, o modelo que a gente usava era o modelo usado na Inglaterra pela *Tavistock Clinic* que era você fazer atendimento da criança e do adolescente e uma outra pessoa, normalmente assistente social, fazendo acompanhamento da mãe e do casal em separado. E essa função desse acompanhamento era ajudar a não perturbar a terapia da criança, mas nunca de trabalhar o conjunto. E isso foi entrando e eu comecei a sentir falta, por exemplo, de eu estar com esses pais e não uma outra pessoa estar. Aquilo que era visto como contaminação, inicialmente, o próprio terapeuta falar com a família, eu comecei a achar que não era contaminação que era uma coisa importante pra mim. Poder de uma certa maneira interferir nessas situações." (2)

Sem dúvida, o atendimento à criança, ao adolescente, ao casal e o trabalho com grupo determinaram a motivação inicial para o trabalho com a família. Os relatos seguintes são confirmações dessa característica. O primeiro exemplo, porém, acrescenta um aspecto diferente quanto à dificuldade do acesso às novidades da Terapia de Família, tendo como única referência, muitas vezes, uma pessoa que viajou para os Estados Unidos e trouxe as últimas informações. Nesse relato e no seguinte, é uma professora da PUC-Rio que inspira, motiva e traz a novidade da Terapia de Família. Além disso, esse relato confirma a convivência com a Psicanálise em formações paralelas e não necessariamente conflitantes. O último relato, inclusive, afirma a convivência entre a Psicanálise e a *Pragmática da Comunicação Humana*, o que, para autores de ambos os lados, pode ser motivo de espanto permitir a convivência entre noções como intrapsíquico e Caixa Escura, devido às diferenças que as separam.

"Foi a Lúcia Ripper que era minha professora na PUC, na época. Ela era professora da graduação de Terapia de Casal e de Família. No Brasil era praticamente a única que trabalhava com isso e era a única que tinha contato com o pessoal de Palo Alto nos Estados Unidos e com o pessoal da Itália, com o Maurizio Andolfi. (...) Então, ela trazia os livros, ela trazia as novidades e ela inclusive trazia o Maurizio Andolfi aqui, o Sluzki veio aqui com ela também. Então, ela era a única que tava com a... com o crachá oficial de terapeuta de família e na época ela não dava formação. Só dava aula na PUC. Então, eu fiz a... a aula com ela. (...) eu tentei ver se ela queria dar um curso no CEFAC que ela era diretora do CEFAC, Centro de Família e Casal (...) ela não tinha tempo pra organizar nada. Chegou pra mim então: "Cyntia você quer fazer de curso de formação?" Falei: "Quero". (Ela) "Você organiza, você faz contato com as pessoas, você escolhe os dias, você só me diz onde é que eu tenho que tá." E foi isso que eu fiz. Como eu sabia de muita gente que queria fazer formação em família eu saí ligando pra essas pessoas. Fui contatando, contatando e formei uma turma de vinte pessoas. E começou então em 85 a primeira formação de terapia familiar no Brasil. Foi... em clínica particular, né? Porque na faculdade já tinha uns cursinhos assim. Porque eu tô falando de um curso de formação, né? Sem ser a nível universitário. (...) Então, foi assim a minha motivação foi assim sempre um desejo muito grande de conhecer família. Paralelo a isso eu fiz duzentas outras coisa, né? Na SPAG. Na época também não tinha formação de família. Então o que eu fiz em 82, eu comecei a fazer um curso na SPAG. Porque a SPAG dava um curso de Psicoterapia Analítica de Grupo e como eu entendia grupo, grupo família, casal eu tentei saber se eles iam ter alguma coisa de família e casal. Eles disseram que iam ter. Mas até então tinha muito pouca coisa. Então eu fiz uma formação de grupo, tentando me preparar pra trabalhar com grupo família. (...) em 87 eu comecei a formação psicanalítica, filiada à IPA. Então... a minha questão com a psicanálise sempre foi paralela com a questão família. Uma proposta completamente diferente, mas eu sempre gostei das duas coisas, né? O divã, o *setting* analítico, a formação, análise didática, tudo aquilo que tem direito. Eu fiz tudo em paralelo com a minha formação em família que uma formação mais focal, mais diretiva. Um outro tipo de trabalho." (3)

"Olha foi a partir deste curso que eu fiz lá na PUC. Curso eletivo, quer dizer a minha... Eu tinha feito a especialização... o curso... o estágio ann... oficial

lá na PUC. Tem vários que a gente vai fazendo fora, mas o especial eu escolhi pelo SOS, setor de orientação e seleção, que era de RH. Não era de clínica ainda. (...) Mas, com o curso da Lúcia Ripper, eu fiquei maravilhada com... ann.. com essa coisa de... é do pensamento sistêmico de ver a... força da comunicação, né... a partir dela que eu tomei contato com a Pragmática da Comunicação Humana e ela era uma excelente professora. E ela fazia bem claro e nítido a idéia de Psicanálise, a idéia da Terapia de Família não era uma coisa conflitante, mas eram coisas diferentes. Então, pra mim, ficou uma idéia importante a pensar, né? E aí, não me lembro mais como, eu soube desse curso de especialização um tempo mais pra frente. E aí me inscrevi e entrei... Foi uma escolha a partir da universidade mesmo, do contato, último semestre, último curso eletivo como ainda eu acho que é nas Universidades." (5)

A motivação inicial para trabalhar com a Terapia de Família, algo pouco conhecido na década de 70 no Rio de Janeiro, poderia surgir, portanto, de um simples contato com alguém que conhecesse a novidade. É o caso do exemplo seguinte de um trabalho na Psiquiatria e com adolescentes.

"Olha foi uma fada madrinha da UERJ porque engraçado eu estava na graduação ainda na PUC eu não sei lhe dizer o porquê. Não tem nenhuma explicação lógica do porquê que eu comecei a me aproximar da UERJ, mas tinha um grupo que estudava adolescentes nas quartas-feiras em final de dia e eu ouvi falar disso e eu passei a freqüentar esse grupo que era coordenado por uma professora que foi diretora do Instituto de Educação chamada Ione Muniz Reis e eu então estava participando desses grupos no interesse assim tipo com adolescentes. Então quando eu me formei eu conversei com ela sobre o meu interesse de estudar posteriormente adolescente e a Ione olhou pra mim: "Não você vai fazer família" e me indicou pro Hospital Universitário Pedro Ernesto. Eu sinceramente acho que foi uma daquelas inspirações de grande professora que tem muita tarimba que olhou pra mim e deu um... e eu fui um peixinho que caiu na água, entendeu? Quer dizer você entrar numa psiquiatria você sempre deprime porque você depara com muita, muita doença mental, quer dizer um estado deplorável, né? Em termos da loucura. (...) Participando até então que eu comecei a atender e foi com imenso prazer que eu comecei a

estudar então a família, a família do paciente psicótico, e a me envolver e a ler e a estudar (...) Eu adoro a Psiquiatria. Meu trabalho se desenvolve naquela interseção da Academia com a prática porque eu estou num grande hospital. Então, eu tô sentada em cima da pesquisa, uma pesquisa que me interessa." (7)

O último relato desse tópico, quanto à motivação inicial, para trabalhar com Terapia de Família, traz uma característica peculiar. É um início que parte da formação em Psicodrama que, diferentemente do início da Terapia de Família nos Estados Unidos (especificamente Palo Alto), não exclui a noção de intrapsíquico. O Psicodrama já era uma modalidade de atendimento ao casal e à família que foi complementado, nesse relato, com a Teoria Sistêmica.

"Porque dentro do Psicodrama, quer dizer apesar de pouca gente citar, tá certo? (...) é pouca gente sabe que a primeira pessoa que atendeu um casal em terapia foi Moreno, em 1937. Então, antes de qualquer processo de psicoterapias familiares agora já historicamente de Bateson e de tudo desse pessoal todo, dessa linha toda da sistêmica Moreno atendia o casal e a família. Ele tem protocolos nos livros dele. Então, ah... o interesse no atendimento de casal e de família quando eu optei por um atendimento relacional que é o Psicodrama, que é uma linha terapêutica, né? Psicoterápica, o indivíduo nas suas relações com o mundo e o que essas relações causam no seu intrapsíquico e é assim que é feito o processo psicoterápico, a família já tava embutida nisso porque é a relação primeira do... o indivíduo se torna ser relacional dentro do seio familiar, dentro da sua família. Então, Moreno já colocava isso. Ele tem uma frase que ele coloca assim que o indivíduo adocece em grupo, a sua cura só pode ser em grupo. Então, por isso o enfoque se o indivíduo adocece dentro de um seio familiar, dentro do grupo familiar, ele só pode ser curado dentro do grupo familiar. Então, essa... o meu interesse por família já adveio de quando eu fiz a minha opção lá no final da formação de psicólogo que era em linhas sociais do trabalho com grupos (...) Então, por isso a minha especialização na PUC ficou nessa linha... em Psicologia Social e na minha busca do Psicodrama como processo psicoterápico que era

frente às relações dos indivíduos. Dentro disso a família vem junto porque é o grupo natural primeiro. (...) Tanto que eu atendia casal, comecei a atender família antes de fazer a linha sistêmica. Antes de fazer essa complementação porque eu acho que foi uma complementação importantíssima, muito rica porque é muito mais... uma questão maior, mais complexa (...) Tem pessoas que é o contrário, né? Que começam com a criança e vê a necessidade de cuidar dos irmãos, da fam..., dos pais. O meu não, o meu já veio direto de um processo de entendimento do indivíduo no seu núcleo." (6)

Pudemos observar, por fim, que a motivação inicial, desses terapeutas, para atender famílias tem muitos aspectos semelhantes entre si e com a história da Terapia de Família, conforme o que desenvolvemos nos dois capítulos anteriores. Prossigamos conhecendo a história da formação e da prática desses terapeutas de família.

3.4 - História da formação e da prática em Terapia de Família

Iremos conhecer agora a trajetória desses terapeutas desde sua formação, suas práticas como terapeutas de família, até os seus temas de pesquisa. Dessa forma, construiremos uma história da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro, ressaltando as características de nossos entrevistados.

3.4.1 - Formação: professores, supervisores e opções teóricas

Apresentamos um quadro que permite visualizar as principais informações quanto aos professores e supervisores dos entrevistados, quanto ao local do início de sua prática como terapeuta de família, quanto às escolas teóricas iniciais e quanto às mudanças ocorridas em seus primeiros referenciais.

	PROFESSORES E SUPERVISORES	ONDE SE INSTALOU COMO TERAPEUTA DE FAMÍLIA	ESCOLAS TEÓRICAS INICIAIS	MUDANÇAS NOS REFERENCIAIS TEÓRICOS
1	Gladis Brun, Ana M. Hoette, Tereza C. Diniz, Maria R. Glasserman, Adolfo Loketek (CEFYP), Sluzki e Pakman.	Consultório particular 1987	Teoria da Comunicação, Minuchin (Estrutural)	Para as narrativas ("abrindo o campo")
2	Galinda Schneider	Instituto Fernandes Figueira Início da década de 80	Andolfi (escola italiana), o grupo de Palo Alto, Tavistock, etc.	Adaptações do seu referencial teórico (Sistêmica e Psicanálise) a população de baixa renda
3	Lúcia Ripper, Andolfi e Mony Elkaïm.	Consultório particular Início da década de 80	Teoria Estrutural, Escola de Roma (Andolfi, Saccu), etc.	Experiência unida ao bom senso (self do terapeuta)
4	Maria R. Glasserman e Adolfo Loketek do CEFYP, Haley, Palazzoli, Minuchin e Andolfi.	Buenos Aires e depois Brasil no CEFAC Início da década de 80	Haley (Estratégica - leitura contextual)	Construtivismo e Construcionismo social
5	Gladis Brun, Ana M. Hoette, Lindemberg Nunes Rocha, Luis F. Mello Campos.	IPUB Início da década de 80	Haley (Estratégica), Minuchin (Estrutural), Andolfi, Bowen, Whitaker.	Transição da primeira para a segunda Cibernética Construtivismo

6	Andolfi, Minuchin, Watzlawick, Cecchin e Fiorângela Desideri.	Delphos 1992 (atende casal desde 1982)	Watzlawick, Teoria da Comunicação, Haley (Estratégica), Minuchin (Estrutural), Cecchin (Milão), Sociodrama Sistêmico- Construtivista	Integração
7	Eduardo Makfouri, Terezinha Féres-Carneiro, Junia de Vilhena, Maria H. Novaes e Junito Brandão.	Hospital Pedro Ernesto - UERJ. Final da década de 70	Escola Psicanalítica: Maud Mannoni, Françoise Dolto, Winnicott. Gupalistas Franceses: Anzieu, Ruffiot, Calliot, etc. Bateson (Teoria da Comunicação), Laing	Aumentou a possibilidade do acesso aos grupálistas franceses (psicanalistas)
8	Minuchin, Haley, Whitaker, Bowen, Andolfi, Mônica Macgoldrick, etc.	Núcleo (consultório particular) 1986 (mas já tinha uma visão da família nas instituições públicas em que trabalhou)	Estrutural, Estratégica, Transgeracional, Andolfi.	Cria uma escola: Sistêmico Vivencial (nouvelle cuisine)

A relação dos professores e supervisores depende de como e onde se deu a formação dos entrevistados. O número um e o número cinco realizaram seus cursos no ITF e, portanto, relacionam os principais profissionais que são professores e supervisores nesse curso de formação. O ITF tem, desde o seu início, um intercâmbio com o CEFYP que é uma instituição particular de Terapia de Família da Argentina. Por isso, a citação de professores e supervisores dessa instituição.⁶¹ O número dois apresenta uma característica completamente diferente, já que teve como única professora uma pessoa que formou-se terapeuta de família no exterior e que, chegando ao Brasil, realizou um grupo de estudo sobre Terapia de Família, do qual participou. O entrevistado número três formou-se no CEFAC, a primeira instituição particular de Terapia de Família no Rio de Janeiro. Teve como professora, portanto, uma das fundadoras do CEFAC, Lúcia Ripper. O CEFYP aparece novamente na resposta da entrevistada número quatro. Tendo realizado sua formação em São Paulo, o entrevistado número seis cita uma terapeuta de família desse estado. Nomes de professores da PUC-Rio aparecem no número sete, porque este cursou o doutorado nessa instituição, realizando uma pesquisa em Terapia de Família. Quase todos os entrevistados citam nomes de terapeutas de família estrangeiros como seus professores e supervisores. O local

⁶¹ Para uma compreensão do trabalho e da história do CEFYP consultamos Loketek (1997).

da realização dos cursos e supervisões, porém, variou, isto é, no início, durante a década de 70, ia-se para o exterior, posteriormente no decorrer da década de 80 e principalmente na década de 90, começou-se a trazer convidados estrangeiros ao Brasil.

Cinco dos entrevistados instalaram-se como terapeutas de família em consultórios particulares. Os outros três iniciaram sua prática em instituições públicas. Ao compararmos com a Terapia de Família em termos mundiais, guardadas as devidas diferenças entre os países quanto às relações entre os serviços públicos e privados, a Terapia de Família tende a ser uma prática primordialmente de instituição privada (Nichols, 1998; Elkaïm, 1998a).

Destacamos a seguir, para exemplificar a formação inicial desses terapeutas, alguns relatos. O primeiro é um relato que exemplifica a convivência pacífica, mas em separado, entre a Terapia de Família e a Psicanálise, detalhando como se deu a prática de um terapeuta entre uma formação e outra, até encontrar uma posição pessoal conciliatória mais definitiva.

"Acho que sempre fui terapeuta familiar. Quer dizer durante muito tempo, talvez muito secretamente, né? Quer dizer primeiro porque eu fazia... primeiro porque a Psicanálise tem um *setting* completamente oposto da Terapia de Família. *Setting*, técnica, tudo quer dizer um trabalho completamente diferente. Como eu gostava das duas coisas eu tenho que fazer secretamente, né? Secretamente quer dizer eu não ficava divulgando pra todo mundo da Psicanálise que eu trabalhava com a família, que eu atendia é... fazendo genograma, que eu conversava com as pessoas frente a frente, que eu brincava com as crianças de uma forma mais... mais

cara a cara é... dentro da Terapia de Família eu também não trabalhava muito o que eu é... acreditava em sonho, o quanto eu acreditava em inconsciente, o quanto eu acreditava numa transferência, numa regressão ou todos os mecanismos de defesa, todo o conteúdo da Psicanálise, né? O quanto era importante uma sessão, uma sessão atrás da outra no sentido de uma Psicanálise segunda, terça, quarta, quinta. O quanto uma terapia desenvolvia não um tempo de um mês pra família elaborar, né? E a psicanálise dia não, tem que elaborar na sessão, então vem amanhã, depois de amanhã e depois de amanhã, um trabalho contínuo, né? Então eu me especializei nas duas áreas porque acho que são abordagens distintas, mas que se pode... (...) porque eu acreditava que eram coisas muito mais diferentes do que hoje até são pra mim. Hoje em dia se integram mais. (...) Então eu tô dizendo hoje em dia se o paciente me procura individualmente eu já tenho uma outra postura. Eu posso até chamar o marido, a mãe, o filho porque eu não tô trabalhando mais com o divã, eu não tô trabalhando mais quatro vezes por semana até porque hoje em dia os tempos são outros.” (3)

Este segundo trecho traz o depoimento daquele entrevistado que fez sua formação em um grupo de estudo, consolidando-a com sua prática no Instituto Fernandes Figueira.

“Só, só não tinha ninguém. Era pioneirismo aqui. Eu tinha um hospital que trabalhava com família. E o meu ideal eu não atingi, era transformar o hospital Fernandes Figueira em hospital de atendimento à família. Lá é pediatria e maternidade. E eu achava que faltava só colocar o homem ali dentro e nós tínhamos a família. E ali deveria ser o hospital onde todos os casos deveriam ser visto via família.” (2)

Este relato, a seguir, é o de uma formação construída “ao longo do caminho”, sem uma definição ou programação prévia, misturando contatos informais com seminários e congressos no exterior. Dessa formação “inquieta” e pouco formal surge a idéia de sistematizar um curso para formar terapeutas de família no Rio de Janeiro.

"Ao longo desse caminho que eu fui te contando eu acho que eu fiz minha formação...nessa época não tinha formação, era nós todos psicanalistas inquietos, né? Não tinha ninguém pra ensinar pra gente: "Olha é assim". Então, tava o Haley criando lá, tava o Minuchin lá... é... me lembro do... lá no Chile ele chegando e a gente pegando ele no aeroporto. Todo mundo sentava e eu me lembro que a gente ficava onze e meia da noite. "Ah! Eu tenho um artigo de fulaninho que saiu na revista não sei da onde" A associação psicanalítica tava brigando, então tinha uma porção de psicanalistas dissidentes da IPA, da Internacional. Era tudo muito revolucionário. Então, um grupo ficou mais querendo uma Psicanálise mais revolucionário e um grupo se meteu numa outra forma de pensar, mas não tinha uma formação como hoje em dia a gente oferece aqui com primeiro ano, segundo ano, fiz tal com fulano. Foi uma formação que foi construída ao longo dessas inquietações depois eu fui sistematizando através de fazer seminários, de ir pro exterior, de fazer isso, de fazer aquilo, mas construída num bordado a partir de agora eu preciso disso, agora eu preciso daquilo, entendeu? Depois eu pude oferecer pras outras pessoas uma formação mais pensada, né? (...) Depois quando Ana Hoette chegou dos Estados Unidos e Lúcia Ripper nós fazíamos reuniões entre nós e fazíamos de alguma forma leitura de casos. Eu me lembro que eu me encontrava com a Lúcia de noite. A gente fazia um pouco isso uma pra outra, né? Então eram olhares que se somavam daí a idéia da gente formar essa primeira instituição. Eu fiz muita coisa nos Estados Unidos, fiz muita coisa em Santiago ainda. (...) Você vê que o negócio era feito sementinha que ainda tava, né? Entrando no ponto que depois nasceram todos os centros, né? Mas, nessa época não tinha esses centros. Eu fui fazer cursos com Haley, eu fui fazer todos os seminários que eu pude com a Palazzoli, entendeu? Fui às pessoas Minuchin, fui fazer aquelas coisas que implicavam em viajar, implicavam... Andolfi veio pra cá, mas formação assim naquele tempo não existia." (4)

Tendo feito sua formação inicial no IPUB, o entrevistado seguinte revela a necessidade constante de se atualizar. Por consequência, após sua formação no IPUB, fez uma complementação no CEFAC. Lembremos que o IPUB estava começando, mas sem a oficialização necessária a uma

universidade, o que acarretou muitas dificuldades para os profissionais que lá estavam. Enquanto isso, o CEFAC, primeira instituição particular a oferecer curso de formação, pretendia, como afirmava a entrevistada anterior, sistematizar a formação do terapeuta de família. Além disso, Ana Maria Hoette, que fazia parte inicialmente do IPUB, e Lúcia Ripper, que era professora da PUC-Rio, fundaram o CEFAC junto com a entrevistada número 4. Fechasse, assim, o elo inicial entre UFRJ, PUC-Rio e o CEFAC.

"Minha formação foi aqui (IPUB). Não foi só aqui não. Paralelo eu fui correndo atrás de outros cursos, né? Ahnn... Nunca, eu nunca parei de estudar. Então, quando eu sabia de é... workshops ou cursos de extensão aí no CEFAC, já tinha terminado aqui o curso aqui é... eu fiz um curso sem tempo, um grupo de estudo sem tempo determinado lá na Urca com a Gladis Brun e com a Ana Maria Hoette que já tinha se desvinculado daqui. É cursos de vivência, cursos de pensar sobre atualização em terapia familiar o tempo inteiro. E lá eu me mantive também em formação." (5)

As primeiras teorias e escolas a fundamentar o trabalho inicial desses terapeutas de família coincidem com as teorias e escolas iniciais dos anos 50 e 60 dos Estados Unidos. Alguns de nossos entrevistados passaram por quase todas as escolas, percorrendo a história da Terapia de Família. Outros permaneceram, por opção, com as escolas iniciais.

Juntamos dois relatos para ilustrar a convivência com a Psicanálise. No primeiro, a Psicanálise se mistura à Teoria Sistêmica, apesar de suas diferenças, na construção de um enfoque voltado para uma população de baixa renda,

atendida em uma instituição pública. O segundo exemplo é o relato do entrevistado que pauta sua prática somente na Psicanálise. Aqui, porém, surge uma novidade. No início de sua prática utilizou a Teoria Sistêmica, até que o acesso à produção francesa se tornou mais fácil, oferecendo uma alternativa e uma crítica à abordagem anterior.

"Basicamente continua sendo sistêmico. Mas, é um sistêmico aonde, por exemplo, eu como eu sou psicanalista eu percebo a... as dificuldades pessoais a nível da Psicanálise e ao invés de eu trabalhar com as dificuldades pessoais eu vou evitar bater de encontro com elas, eu vou tentar quer dizer quando eu tô fazendo uma psicoterapia familiar eu não vou ficar brigando com as dificuldades pessoais de cada um à medida que eu percebo eu tento fazer... para tirar aquela situação pra não impedir a evolução do processo. A psicanálise me permite ter uma comunicação mais fácil com os elementos pra eu saber as dificuldades deles. Não tô lá tratando deles como pessoas, mas eu tenho que reconhecer. Então, isso cria uma modificação dessa situação sistêmica queira ou não queira. (...)Trabalhando com classe pobre (Instituto Fernandes Figueira), com limitações financeiras, de tempo uma série de coisas você acaba tendo que evoluir pra uma adaptação." (2)

"Eu fiz também formação psicanalítica na Sociedade Brasileira de Psicanálise, terminei o ano passado. Então, eu sou psicanalista, vinculada à IPA, completamente afastada de Lacan. (...) porque quando eu comecei não tinham tantos textos de Terapia de Família quer dizer os franceses estavam produzindo tipo Ruffiot, já tavam produzindo na década de 60, mas foram chegar na década de 80. Quando eu entrei pro doutorado de fato eu entrei em contato com esses franceses maravilhosos que não tinha um material bem traduzido mas... Então, eu trabalhava muito com aqueles autores clássicos da Escola da Comunicação, Bateson, essas coisas, mas sempre com um escuta psicanalítica, mesmo o material do Laing, da antipsiquiatria, mas ouvindo aqueles casos tentando dar uma leitura psicanalítica. (...) Depois que eu achei minha praia com essa turma de franceses, são todos psicanalistas, vinculados a IPA com uma incursão pela Escola Inglesa, né? E é exatamente a minha área. (...) Não foi bem uma mudança acho que a própria, o

próprio acesso às publicações, porque eu tava usando (autores) que embora não fossem terapeutas de família, mas elas tratavam de questões familiares a partir de uma escuta psicanalítica. Então, é como Anzieu fala se você estuda duplo-vínculo: "olha tá bom, dupla mensagem existe, tá lá descrita. Só que eles não fazem vinculação com uma causação inconsciente" Eles descrevem um fenômeno. O fenômeno é indispensável na clínica eles existem, tá lá o fenômeno só que a questão é que se vincula a uma causação inconsciente. E simplesmente você não vai trabalhar com alteração da comunicação. Por exemplo, como na Escola da Comunicação. A comunicação vai alterar quando as estruturas que sustentam uma determinada comunicação... a organização... as organizações que sustentam essa comunicação se alteram e daí então o diálogo, a comunicação vai sofrer modificação, né?" (7)

A seguir trazemos mais dois exemplos. Dessa vez, porém, são relatos que evidenciam uma transformação que acompanha a história da Abordagem Sistêmica à família. Embora defendam que qualquer terapeuta de família deve passar pelas Escolas do início até hoje, tendem a romper com as primeiras Escolas.

"A Teoria da Comunicação, Minuchin da Escola Estrutural, depois as narrativas... Ahn... mudança no sentido assim do que vai se aplicando, você vai abrindo o campo, na medida que você vai abrindo o campo você vai vendo o que funciona o que não funciona, vai buscando ver outros terapeutas, outras experiências, você cria forma de lidar com determinadas situações. Então, eu diria que a base é o que começa depois têm outros caminhos." (1)

"Têm o Construtivismo e o Construcionismo que vão colocando mais as questões da realidade entre parêntese de não ter uma verdade, que é a coisa de cada um de nós é a narrativa que conta. Então essas questões são as questões teóricas que hoje em dia eu me sinto mais confortável. (Houve) uma ruptura..." (4)

Um outro aspecto quanto às transformações na história da Terapia de Família, aparece no relato seguinte.

Lembremos que, em um momento inicial, a Terapia de Família excluía qualquer participação do terapeuta no sistema, insistindo em seu papel de interventor externo a ele. O exemplo seguinte marca a entrada da importância do *self* do terapeuta no processo terapêutico.

"Talvez voltado mais para a pessoa do terapeuta, voltado mais para a família de origem do terapeuta, pras histórias do terapeuta e da influência que ele tem e que ele sofre, né? No contato com a família (...) Que é um trabalho que eu desenvolvo muito, de trabalhar a pessoa do terapeuta. Não só o que se aprende, o que você treina, o que você lê, né? Mas o teu *self* que é um trabalho que eu desenvolvo já algum tempo com alunos de terapia familiar. Então, eu sigo muito essa linha do pessoal de Roma. (...) É... eu tô muito mais talvez muito mais presente com o meu *self*, com a minha pessoa nas famílias. Eu uso muito o meu bom senso, até posso usar isso porque já estudei bastante, né? Uso muito bom senso, eu uso muito o meu *feeling*, eu uso muito como eu tô me sentindo, eu uso muito o impacto que aquelas questões têm em mim. Os recursos que eu posso usar, meu como pessoa para ajudar aquela família." (3)

Para terminar, traremos três exemplos que se posicionam positivamente quanto à integração de diferentes linhas teóricas, surgidas na história da Terapia de Família. O primeiro relato traz a idéia de uma passagem pelas várias linhas teóricas, ocasionando em uma transição que não necessariamente provoca ruptura, e sim a convivência. No segundo exemplo, a integração faz parte da história da formação desse terapeuta que a compreende como importante para a formação dos futuros terapeutas. Integração e "uma forma pessoal de agir" aparecem no terceiro exemplo, constituindo a elaboração de uma teoria e

prática própria, resultando na publicação de uma pesquisa (Groisman, 1996).

"Ah... eu não sei te dizer não. É... eu fiz essa passagem da primeira cibernética para a segunda cibernética, eu acho, mas eu confesso acho que eu ainda eu tenho um pé importante na primeira cibernética, ou seja, que dizer não... desvalorizo e não acho que é uma história passada, né? Mas eu simpatizo muito com essa visão do... ah... do terapeuta como observador participante ou uma pessoa que faz parte do sintoma, não é? A coisa da hierarquia e do poder é uma coisa que pra família eu coloco um lugar meio delicado. Ah... então eu te diria que eu oscilo entre um e outro. acho que tô num momento de transição, num momento de passagem, né? Porque eu tenho uma marca importante do passado, né? Ah... mas... eu diria que muito mais *light*. Agora muito menos incisivo, mais uma coisa de escuta, conversa é... eu gosto do que a Lynn Hoffman coloca que... a Terapia de Família não é nada mais que uma conversa chata, né? Um chá das cinco com a família. E eu encaro que é assim mesmo, né? Quer dizer depende do tipo de família, da gravidade da família." (5)

"Eu tive contato com todos teóricos na formação e é isso que a gente tá dando aqui também. Dá uma possibilidade de não definir uma escola. Eu fiz assim e eu gostei (não ir direto pra uma linha). Eu fui aperfeiçoar e fazer um curso com Cecchin, com Andolfi e com Minuchin. Depende muito do sistema que você tá lidando pra usar uma ou outra. Você pode integrar as coisas, no momento que você tiver aquela família, aquele sistema na sua frente com aquela específica situação. Às vezes na hora você vê que na hora que isso aqui se eu abordar de uma forma da trigeracionalidade vai ser fantástico... Acho que o Construtivismo fecha qualquer coisa, ele completa, pra completar o trabalho. A gente acredita nisso também enquanto psicodramatista. (...) A linha que eu sigo mais é o Sociodrama Sistemico-Construtivista que é uma linha dos psicodramatistas que utilizam, agregam o conhecimento da teoria dos sistemas que agregam as linhas sistêmicas no que são bem compatíveis, né? (...) sabe o que eu acredito acho que a gente não muda de linha teórica, a gente vai agregando às nossas crenças porque eu acho que a linha teórica é uma questão de ideologia, do que se acredita. (...) Então, eu não sei se eu mudo, mas eu acho que eu tenho uma crença que permanece. Fazer com que a relação

terapêutica permita que isso aconteça (crescimento e bem-estar do grupo familiar).” (6)

“Eu fiz uma mistura e adicionei o meu tempero, né? Eu chamo a minha escola que eu criei do modelo sistêmico vivencial ou da “nouvelle cuisine”, já que eu gosto dessa comparação com a cozinha. Então, eu tenho as principais influências são essas que eu falei Palazzoli também nos primeiros tempos dela, né? Eu sou muito tradicionalista nisso aí, eu sou, rompo mas eu sou tradicionalista. As principais correntes teóricas é a corrente Estrutural do Minuchin, a Escola de Roma do Maurizio Andolfi, a Estratégica do Haley, a diferenciação do self do Bowen, simbólico-experiencial do Whitaker, o paradoxo e o paradoxo da Palazzoli e os primeiros colaboradores dela e a Pragmática da comunicação Humana do Watzlawick e a B... Eu incorporo de acordo com a família alguns desses santos aí e... mas não incorporo completamente porque eu fico relativamente consciente e adiciono o meu tempero. Então eu tenho a minha forma muito pessoal de agir eu não incorporo completamente não sigo completamente nenhum deles. Recebo as influências, utilizo o que acho necessário, mas adiciono o meu toque pessoal. Então a gente faz uma cozinha assim própria. A mudança pode ter sido ali que eu estruturei o meu modelo que salvo engano meu é o único modelo brasileiro de psicoterapia familiar estruturado. Então eu acho isso original e importante. Mudança à medida que eu estruturei um modelo que dei os meus toques pessoais então tenho uma escola própria. Sem negar as influências que eu recebo.” (8)

Após acompanhar o relato dos entrevistados e retornando ao quadro anteriormente apresentado, observamos que a marca da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro é a diversidade. Ela começa pautando-se nas principais Escolas da época (anos 70), como a Estratégica (MRI) e a Estrutural (Minuchin), mas convive com a Psicanálise, não rejeitando-a como prática. É difícil dar um nome único a linha da Terapia de Família no Rio de Janeiro, identificando-a.

Por um lado, como nós já indicamos, a diversidade está presente na história da Terapia de Família como um todo, sendo compreensível que se apresente assim também no Rio de Janeiro. Por outro lado, voltamos às questões de quem somos e o que fazemos, tendendo a responder que há tantas Terapias de Família quantos são os terapeutas de família.

3.4.2 - Pesquisa, referencial teórico e prática

A experiência clínica, no relato dos nossos entrevistados, é fonte de inspiração para pesquisas e de transformações em seus referenciais teóricos. É na prática desses terapeutas que a característica de integração, de diversos referenciais teóricos e técnicos, aparece mais claramente, perdendo, em importância, a adesão a uma teoria determinada. São muitas as opções teóricas a serem decididas a cada caso, a cada situação clínica.

"...quando você tá discutindo a situação de divórcio você não tem possibilidade de ficar numa terapia mais conversacional, você tem que ser mais interventivo, né? Então, é... discriminar situações por onde você vai navegar, quais os recursos você vai utilizar eu acho que fica mais fácil. É como você tivesse uma prateleira cheia de... produtos você vai lá e vai usar, vai pegar o que você precisa. É o fim dos grandes discursos, você tem vários discursos, vários recursos pra diversas situações. Você não tem uma única possibilidade. Cabe buscar..." (1)

"Constantemente eu acho que isso tá acontecendo, né? A prática me faz, por exemplo, ver essa coisa aí que eu tava te falando. Que é um pouco essa visão mais holística e integrativa. É uma visão que pra cada caso você pode utilizar uma das teorias você não precisa ter um modelo rígido e que é sempre aquele, né? Eu me lembro que eu comecei com estruturas muito rígidas de trabalho. Então era uma terapia focal breve de família com número de sessões rigidamente marcadas e que não

podia ultrapassar. E na medida que você vai vendo tem condições de flexibilizar. Tem famílias que você pode diminuir o número de atendimentos e atender em menos de oito. Então a cada momento a cada atendimento a gente vê... tem alguns casos que exigem que a gente tenha um outro olhar. (...) A prática é que vai nos dando um alinhamento na busca de uma teoria que possa tá compartilhando com aquela prática." (6)

O referencial teórico está relacionado com a prática, mas perde para a experiência clínica quando o que conta mais é a pessoa do terapeuta.

"O tempo todo houve uma dialética entre uma coisa e outra e mais uma dialética entre a minha vida eu não posso ser um terapeuta, analista, terapeuta de família ou terapeuta de grupo sem que haja uma honestidade, uma continuidade entre o meu ser e o terapeuta. A possibilidade de você se permitir andar por caminhos novos na sua criatividade que é muito próximo da loucura... eu tenho hoje uma liberdade como terapeuta e como pessoa como um contínuo.(...) a coisa tá dentro de mim eu sou fusionado com a minha profissão." (2)

O *self* do terapeuta é trabalhado junto com a aquisição do conhecimento teórico. Entretanto, com a maior valorização da prática clínica, há uma ênfase acentuada sobre a experiência pessoal do terapeuta. A teoria é importante para o início de uma prática, mas é mais relevante o terapeuta estar consciente de suas possibilidades e limitações pessoais⁶².

"Eu acho até que tá bem de mão dada porque o meu referencial, como o meu referencial é muito voltado pra prática, isso não tá muito nos livros sobre o *self* do terapeuta, sobre a pessoa do terapeuta, sobre a família de origem do terapeuta, isso não tá nos livros. Você não estuda isso, você vive isso. Então como eu tenho grupos de alunos que fazem constantemente vivências comigo a minha prática cada vez mais confirma as minhas crenças que o terapeuta tem que tá muito íntegro e muito...muito... Não

⁶² Questões como essas, quanto à formação e ao *self* do terapeuta, podem ser encontradas em Elkaïm (1988).

precisa ter uma família perfeita nem precisa ter uma família sem problemas não. Mas ele precisa tá muito bem com essas coisas. Pode ter uma família maluca, uma família desestruturada, um casamento péssimo, uma relação com os pais... mas se você tiver bem dentro disso e essa coisa clara isso pode se transformar pra você num recurso, pra você entender as pessoas que têm um relacionamento, com os pais, difícil. Não necessariamente você tem que ter uma relação boa com o seu pai. (...) Não eu uso da teoria o que eles podem me ajudar e me acrescentar. Mas é importante a teoria para uma formação inicial é." (3)

A perda de importância do referencial teórico está associada à perda do lugar do especialista e do seu saber. O importante, na prática clínica, é estar com o outro, ajudando-o, através de perguntas que não sejam comprometidas *a priori* com nenhum modelo, a construir novos significados para produzir formas de viver mais "úteis".

"...eu acho que a flexibilização, a continuidade de realmente reconhecer de que a narrativa é um território de significação que abre mil caminhos possíveis para as pessoas construírem outras, né? Outros olhares, outras... criar possibilidades de você ficar mais com outro, mais facilitador do que interpretativo e enquadrador. Quer dizer eu não interpreto praticamente eu quase todo tempo eu tô fazendo perguntas, né? Articular perguntas que a pessoa tem que pensar alguma coisa diferente, né?" (4)

A prática ajuda a encontrar a teoria, refinando-a.

"Eu acho que com a prática você vai se refinando também. Você vai aprofundando, você vai ficando depurada. E a consumição de outros autores, você vai lendo o material, você vai ouvindo essas contribuições, coteja com a sua prática clínica, encontra diálogos através desses autores, encontra, muitas vezes uma teoria, uma explicação que vem ao encontro do que você tá precisando a partir da sua prática e você vai refinando, né? Eu vou a congressos, escuto colegas." (7)

Contudo, ao se juntar a teoria e a prática, tornando-as indissociáveis, pode-se criar um novo modelo para o atendimento às famílias.

"Nós criamos um modelo, quer dizer eu não acredito na possibilidade de dissociar como eu acabei de dizer a você uma coisa da outra. Você... é a história do ovo e da galinha, tem o referencial teórico, tem a prática, a prática dá um *feedback* pro teórico e vice versa. Eu acho que essas coisas estão ligadas indefinidamente, ininterruptamente. Aqui a construção do modelo eu tive alguns... do modelo nosso terapia familiar breve... eu tinha algumas idéias que já trazia até da minha experiência de terapeuta individual, não é? E fiz psicoterapia breve lá no IPUB. É...mantinha algumas idéias e comecei a construir com a prática, a prática trouxe para a teoria, a teoria trouxe pra prática e fizemos num determinado momento depois de atender 50 ou 60 famílias fizemos um livro." (8)

O contato constante com a novidade teórica através de *workshops*, congressos, etc. permite estar sempre repensando a prática. E, por outro lado, é a prática clínica que determina, a partir de casos específicos, qual vai ser a direção da pesquisa do terapeuta.

"Acho que a minha prática a partir de muito é... das leituras novas e aí sim os *workshops*, os contatos com os novos profissionais vão fazer a minha clínica ir mudando, né? Então, eu acho que acaba sendo um acasalamento, mas primeiro uma coisa da novidade, quer dizer assim quando entrou a segunda cibernética ahn... o que que é isso? E aí muito estudo. Aí a clínica como é que ela é aí vendo a fala e os vídeos, os profissionais e aí a prática. (...) Não só, também família que a gente vai indo por um caminho e não andam, né? Aí você vai ter que buscar... Aí sim você vai buscar no estudo, né? Também tem a coisa assim do porque com essas famílias a coisa para aqui e aí ou a família de anoréticos tem uma circunscrição própria, família de alcoolismo. Aí já... vai segmentar tudo aí se entra na terapêutica específica. Aí junta." (5)

É, portanto, a prática clínica o fator primordial e decisório quanto aos encaminhamentos das pesquisas desses

terapeutas. Os casos clínicos, não só determinam o cabedal das teorias e técnicas a serem utilizadas, como determinam também os temas de pesquisa e a criação de novos modelos.

"Uma linha de pesquisa da equipe é a de recursos desenvolvidos no atendimento à família na prática sistêmica com a família de criança e adolescente. Porque uma terapia conversacional, por exemplo, pra criança é um saco. Uma das linhas de pesquisa da equipe é trabalhar outros recursos que possibilitem fazer a ligação da temática da família com os participantes, para a linguagem da criança. Que a criança não fique apática que através de jogos, de recursos dramáticos, de argila, de pintura, de jogos, o que for, que isso possa inserir a criança e o adolescente no atendimento." (1)

"Basicamente com família adotiva que é uma pesquisa e um trabalho que eu desenvolvo já há bastante tempo. Não por escolha, mas sim por acaso. Quer dizer começou por acaso. Desde o meu estágio, o primeiro paciente no meu estágio foi um paciente adotado. De lá para cá vieram surgindo, ocasionalmente, crianças adotadas, daí eu fui apresentando um trabalho com crianças adotadas. (...) Então hoje em dia eu trabalho muito com a Terra dos Homens. Tenho um grupo de pais adotivos aqui no Mosaico. É... dou aula de famílias adotivas e tem um montão de pacientes adotados." (3)

"A pesquisa que eu desenvolvi recentemente é essa da utilização da terapia familiar breve em nove sessões nos diferentes quadros de patologia mental, não é? Outra pesquisa... tratamento de famílias resistentes, tratamento de famílias com membro psicótico, tratamento de famílias com membro drogadicto, tratamento de famílias com crianças e adolescentes de conduta... têm vários... nós já atendemos aqui desde que começou o modelo sistêmico vivencial foi em 92." (8)

O contexto de um hospital público e de atendimento à população de baixa renda determinou a prática de um de nossos entrevistados, levando-o a elaborar técnicas para viabilizar os atendimentos às famílias. Entretanto, diante de tantas dificuldades, no primeiro exemplo, era difícil

fazer pesquisa. Um trabalho em contato com outros profissionais, como psiquiatras, também determina a pesquisa de mais dois dos nossos entrevistados, localizados em hospitais públicos e universitários.

"Com relação à família basicamente foi a situação da realidade brasileira, uma adaptação dos métodos a uma realidade em que eu tinha menos tempo de atendimento. (...) nesse tempo de atendimento eu tinha que ser objetivo e forte o bastante ora perdurar a minha imagem até o retorno, no recesso muito mais agressivo em relação a isso. Eu tentei fazer pesquisa... pesquisa é um negócio extremamente complicado..." (2)

"Eu me interessei muito por ahn... primeiro foi famílias de situações graves que era um hospital psiquiátrico. Era a população que a gente estudava o tempo inteiro. Essa foi uma. Depois casais que também chegavam que tem toda uma pragmática, uma prática completamente diferente. Na Terapia de Família que merece um estudo que então me interessei. Ah... aí o desdobramento famílias... ahn... aí entrei no estudo de divórcio, separação, de famílias reconstituídas, famílias uniparentais que chegam muito aqui no IPUB também... e aí depois as especificidades. Quer dizer... teve um dia aqui supervisionando um caso importante de alcoolismo e a partir daí eu trouxe uma pesquisa importante sobre álcool e estudei muito sobre famílias de alcoolismo e famílias com drogas. Ah... o que mais? E agora me interessei sobre famílias que vivem ou viveram alguma situação de *stress* importante. Que é sobre o *stress* pós-traumático que é o tema da minha tese. E aí vão chegando de repente estas situações de acidentados de carro, né? Ou famílias que tiveram uma perda repentina de um membro da família e que coloca as famílias completamente numa situação de desespero, de perda de referencial e, enfim, nesse momento tá sendo essa, esse tema *stress*. (...) Então eu diria que muitas das pesquisas ou da minha bagagem teórica vem muito a partir também dos casos que vem chegando e aí eu vou correndo... como agora numa situação de anorexia que eu vou ter que..., entendeu?" (5)

"Eu desenvolvi uma pesquisa sobre a família da criança autista, a gente tá fechando esse trabalho. Nós temos tido alguns trabalhos de terapia de casal, uma coisa mais recente que a gente começou a fazer no Pedro

Ernesto. E com as terapias com pacientes mais esquizos, né? Famílias mais complicadas." (7)

Outra forma de realizar pesquisa encontramos no relato seguinte, isto é, uma pesquisa que se volte para o aspecto social das transformações da família e do casal que influi na prática clínica e na forma como as pessoas chegam aos consultórios.

"Os temas que mais sempre eu continuei que tem uma relação desde o início até o final que eu diria que eu pesquisei mais e que dou mais aula e que eu reflito mais são : casal, divórcio e recasamento. Quer dizer são esses temas como é que se vive um casal, como um casal se separa, como é que se pode proteger a criança, os filhos do divórcio e depois com quem que entra a nova esperança com a possibilidade de ter um outro casamento, como é que se gerencia tudo isso, né? São temas de clínica e de pesquisa." (4)

O último relato é o único em que uma pesquisa teórica precede a prática clínica. Entretanto, tem o intuito de inovar a prática clínica criando novos recursos técnicos para diferentes situações. Os casos clínicos, portanto, continuam determinando a direção da pesquisa.

"Eu tenho me envolvido, atualmente, muito na questão de Rede, tá? aí eu tô fazendo uma possibilidade de paralelismo, né? Que a gente vê uma complementação de idéias em rede sociométricas, o próprio Moreno já desenvolveu em 1939 no livro "Quem sobreviverá?" com toda essa linha nova de abordagem de família com rede, intervenção em família junto de Redes Sociais e aí a gente tem o Sluzki hoje em dia como o teórico que tem dado muitas contribuições e muito importantes sobre o uso de redes. (...) há uns dois, três anos que eu tô tentando fazer esse estudo... no primeiro momento um pouco mais teórica e tentando agora fazer um envolvimento mais prático com essas questões teóricas. Isso porque a gente tem visto muito uso de redes pra dependentes, pra psicótico, pra anorexia, né? Então, vários são os casos em que utilizar as redes sociais maiores, ampliando não só restringindo à família, ao núcleo familiar, mas ampliando essa rede pode ser

muito útil quando a gente tem famílias com características muito patológicas de relações muito patológicas também. (...) Outro aspecto que a gente tá tentando desenvolver o nosso grupo (Delphos) aqui é em cima de violência e em cima de identidade sexual. São três temas que a gente tá tentando aprofundar a partir de casos que nos chegaram e que aí a gente passou a fazer pesquisa teórica, com algumas apresentações públicas em congresso e pretendemos dar um aprofundamento." (6)

Não há diferenças entre as clínicas particulares e as instituições públicas universitárias, na maneira como estão relacionadas à pesquisa, ao referencial teórico e à prática. O campo da Terapia de Família, em termos gerais e também no Rio de Janeiro, tem se direcionado, primordialmente, para a produção de recursos e/ou técnicas para a prática clínica, ligados às situações específicas (Nichols, 1998; Ackerman, 1971), tornando-se a pesquisa subordinada à essa direção. De fato, podemos estar em uma época de ausência da "produção de grandes discursos", como foi o *Pragmática da Comunicação Humana*, com todas as suas possibilidades e limitações. Estamos muito próximos de nossas experiências clínicas e pessoais, tornando-nos pouco afeitos ao distanciamento, às vezes necessário, da produção teórica que favorece a reflexão crítica e a reelaboração. Talvez, assim, estejamos perpetuando o que é mais limitante de nossa herança da *Pragmática da Comunicação Humana*, ou seja, tratando somente daquilo que é visível (observável). Poderíamos, ao contrário, perpetuar o que lá foi renovador, considerando que teorizar também é a possibilidade de criar "novos mundos", como quando foi "inventado" uma nova

referência para uma nova prática terapêutica. Temendo criar teorias que se tornem fixas, que se tornem dogmas, estamos criando o dogma de não nos distanciarmos para criar teorias e, dessa forma, só reproduziremos modos de fazer, isto é, a técnica.

Dispensamos, assim, a sistematização teórica em nome da especificidade de cada caso clínico, concluindo que para cada caso há uma técnica. Fica esquecido, dessa forma, o que poderia definir quem somos e o que fazemos, ou seja, torna-se difícil responder a essas questões esquecendo-se da teoria e/ou da reflexão sobre a prática⁶³.

A seguir, apresentamos um quadro com os principais temas de pesquisa dos entrevistados.

⁶³ A relação sujeito objeto não está resolvida nas Ciências Humanas. Por vezes, se quer produzir conhecimento obtendo o mesmo método das Ciências Naturais, separando sujeito do objeto. Outras vezes, considera-se que as Ciências Humanas, pela sua diferença, só podem construir conhecimento considerando a inseparabilidade entre os dois. Mais recentemente até as Ciências consideradas naturais ("duras", exatas), como a Física, têm reavaliado a sua concepção de sujeito e objeto de estudo. A discussão é instigante e atinge o campo da Terapia de Família, considerando a relação entre a pessoa do terapeuta, o uso da técnica e definições teóricas relevantes, como o que entendemos por família. Nossa reflexão, nesse sentido, tem se baseado, principalmente, em Elias (1998a; 1998b) e Feyerabend (1977).

INSTITUIÇÃO		TEMAS DE PESQUISA
1	CEFAI	Divórcio, rituais terapêuticos, idoso, doente crônico, aprendizagem, atendimento à família com criança e adolescente e o trabalho terapêutico em equipe.
2	IFF	Situação da família na realidade brasileira.
3	MOSAICO	Família adotiva.
4	ITF	Casal, divórcio e recasamento.
5	IPUB/UFRJ	Famílias com situações graves (hospital psiquiátrico), casais, divórcio, famílias reconstituídas, famílias uniparentais, famílias com casos de alcoolismo e drogas e stress pós-traumático.
6	DELPHOS	Rede Social, Rede sociométrica, violência e identidade sexual.
7	Hospital Pedro Ernesto UERJ	Família da criança autista, terapia de casal, famílias com pacientes esquizofrênicos.
8	NÚCLEO	Utilização da terapia familiar breve em nove sessões em "diferentes quadros de patologia mental".

3.5 - O início da Terapia de Família no Rio de Janeiro

Os relatos dos entrevistados quanto ao início, novamente, remete-nos, em alguns aspectos, à história da Terapia de Família nos Estados Unidos. Trata-se, aqui, de um movimento vivido como "contra a corrente", mas tentando encontrar seu espaço. Os primeiros terapeutas de família trabalhavam isolados sem se conhecerem. Posteriormente, seus trabalhos foram conhecidos em um movimento de busca dos pares e de troca. No caso do Rio de Janeiro, inicialmente, a troca se deu quando os convidados estrangeiros vinham para cá ou quando alguns terapeutas viajavam para realizarem cursos fora. Há um "temor inicial" geral quanto à novidade, seguido de um "momento mais aberto em que se pode criar mais com o respaldo do exterior", afirmando a possibilidade dessa prática e a promessa quanto à "melhora do paciente identificado" (6).

"Foram movimentos isolados cada um na sua instituição. A sensação que eu tive foi que eu tava iniciando uma coisa nova. Iniciando uma coisa nova e até hoje eu me sinto trabalhando a... o movimento desenvolveu muito mas de um lado assim chamado alternativo, contra a corrente tradicional principalmente os alunos que vem das faculdades aí impregnados apenas de um pensamento psicanalítico ou psicodinâmico. São raros como a Terezinha (Féres-Carneiro) que... ou dão uma matéria eletiva e agora conseguiu abrir um mestrado, isso ainda é uma coisa muito rara. Eu já estou aqui fiz o curso desde 1983 já tá... 15 anos, né? Mudou pouco no sentido universitário, né? Que é o que bota as pessoas no mercado pra fazer os cursos. A universidade ainda eu acho que tá pouco sensibilizada para a teoria sistêmica nem falo da terapia familiar." (8)

"De São Paulo a gente sabia do Moisés, da Gladis e da Terezinha Féres-Carneiro, pessoas que eu sabia que

existiam aqui no Rio. O início da Terapia de Família como uma especificidade terapêutica eu acho que foi quando as pessoas começaram...a enfrentar os questionamentos quanto a atender o grupo familiar, as pessoas tiveram que receber essa informação do exterior de que estava dando certo, me lembro que Virginia Satir... mas o pessoal teve que ir pra lá pra receber esse enfoque de agregar os mesmos elementos de um grupo familiar na mesma sala." (6)

"Eu acho o CEFAC... é... eu penso no CEFAC, eu penso no filme do Moisés, né? O filme que ele fez, lá naquela época. Eu penso no livro que eu fiz junto com mais Carlos Alberto Medina, Lúcia Paiva (89) que é um livro sobre família chamado "A arte de viver em família" e discute o cotidiano, de refletir sobre as coisas que acontecem. (...) os vídeos do Minuchin que foram vídeos pra mim importantes é... as idéias da Palazzoli, os trabalhos de Minuchin, os trabalhos de comunicação, mudança do Watzlawick, alguns terapeutas argentinos que vieram dar alguns cursos aqui e que também foram bastante importantes, o CEFYP (Centro de Famílias y Parejas de Buenos Aires) Adolfo Loketek e Maria Rosa Glasserman..." (1)

No começo, as dificuldades em implementar algo novo eram reconhecidas por todo lado. Era necessário uma formação, um preparo, mas não havia a quem recorrer. Diante disso, os terapeutas falam de busca contínua e luta para o surgimento dessa nova intervenção terapêutica no Rio de Janeiro e sua necessária e posterior divulgação.

"A primeira idéia era a minha vontade de fazer formação e não tinha acesso. Não tinha acesso nenhum a formação. Eu ficava bebendo o que eu via um pouquinho aqui, um pouquinho ali. Então... hoje em dia você... abre um catálogo, vai na associação de Terapia de Família, a ATF, né? E escolhe o que você quer fazer, pelo preço que você quer, no horário que você quer. Isso é na década de 70 e 80 não tinha. Então era eu querendo muito sem poder. Sem acesso aos livros a não ser que eu fosse lá (no exterior) comprar e ter acesso aos livros, não existiam cursos." (3)

"Uma que eu sempre... é uma crença. Sempre acreditei que ah... o terapeuta tem não só tá eternamente envolvido com o estudo, né? Acho que isso é geral, mas

tô pensando especificamente a Terapia de Família a coisa de estudar e se atualizar. Não sei se uma ou duas das idéias é essa, então. (...)Eu diria que dois lugares são importante, são lugares originários: IPUB e depois ITF. Então dois lugares que originaram profissionais para diferentes fontes de trabalho. Aqui no Instituto basicamente de profissionais para a rede pública. É uma meta nossa. Então já existem setores de família em PAMs, serviços da Aeronáutica, eu acho. No ITF também a partir da formação vários outros centros foram montados e depois se tornaram também formadores. (Cita CEFAI e Mosaico). A Terapia de Família tem o tempo inteiro um lugar de batalha, né? Porque é uma idéia nova. O tempo inteiro a minha sensação é que a gente tem que brigar por uma idéia como se fosse um desafio político. Ahn... porque existe um consenso no tratamento do indivíduo. Um consenso, uma pragmática, uma prática, uma crença de que o indivíduo tem que ser estudado, trabalhado e atendido não importa que ordem seja via clínica médica, seja via psicoterápica. Não importa linha de pensamento ou linha teórica. Ainda meio que sempre parece uma coisa muito nova. Porque não é fonte de estudos nos currículos. Então a sensação é que a gente corre paralelo. Então, a gente tem um trabalho de... diplomático e de propaganda. De ser conhecido, o trabalho ser conhecido," (5)

A Terapia de Família (casal), por conseguinte, era desconhecida entre as pessoas que poderiam solicitá-la diretamente. Os encaminhamentos vinham de médicos e já eram casos com sintomas graves. Esse quadro, porém, vem mudando, consolidando essa prática terapêutica fora do âmbito profissional.

"Eu acho que uma das coisas que sempre me chamou atenção quando eu cheguei era de que terapia de casal mandava ginecologista, mandavam é...eram casos mais graves, já mais deteriorados com médicos se envolvendo. Eram indicações de terceiros é...hoje em dia eu acho que as pessoas sabem desse recurso, eu acho que percorreu um caminho enorme as pessoas consultam por elas, por questões delas, se antecipam a aparecer sintoma muitas vezes. Isso eu acho uma coisa que eu percebo muito diferente." (4)

Os próximos relatos trazem mais semelhanças com o início da Terapia de Família nos Estados Unidos. O primeiro lembra a insatisfação com a Psicanálise como único recurso terapêutico. Nesse caso, quem fala é um psicanalista que defende a eficácia da Terapia de Família no contexto de hospital público em que trabalhou. O segundo relato, também de um psicanalista, recorda o início da Terapia de Família com famílias de pacientes psicóticos, que caminhou de uma compreensão do individual para uma compreensão da relação entre mãe e filho, até uma compreensão do envolvimento de todos os membros da família.

"Eu acho que em primeiro lugar é a falência de... de modelo da Psicanálise para atendimentos hospitalares ou ambulatoriais. (...) A Psicanálise era inadequada pelo envolvimento de tempo, de tudo que leva. Então, não era adequado atender dez pacientes a nível de Psicanálise no ambulatório. E os outros? E a massa que precisa de atendimento? Então, a Terapia de Família se mostrou desde início extremamente rápida e eficaz."
(2)

"Que eu saiba pelo menos na vertente em que eu estou que como eu entrei na vertente da Psiquiatria então a Terapia de Família a qual eu me liguei é uma Terapia de Família voltada para o tratamento do paciente psicótico, a família de pacientes psicótico e aliás é o histórico da Terapia de Família porque (...) historicamente iniciou-se com a preocupação com as famílias de pacientes psicóticos. A princípio se achava que essas famílias tinham dificuldades por ter um membro psicótico, depois começou-se a constatar o que foi chamado de uma mãe esquizofrenizante, de um pai ausente, até um terceiro momento onde então se averiguou que todos estavam envolvidos numa rede patogênica de relações. Mas a Terapia de Família tradicionalmente começou com famílias de pacientes psicóticos nos Estados Unidos. E o meu início foi exatamente com a fam... porque esse setor foi montado dentro do serviço de Psiquiatria. Então, esse foi o meu início." (7)

Os relatos desses terapeutas nos fazem pensar que elaborar uma história da Terapia de Família ajuda-nos a refletir sobre as nossas origens, os caminhos tomados e as possibilidades abertas e fechadas. Com esse percurso, podemos ter algumas indicações quanto ao futuro.

3.6 - Continuar sendo terapeuta de família e o futuro

A eficácia da Terapia de Família é um dos motivos que são levantados para a sua continuidade e crescimento, levando nossos entrevistados a desejarem continuar sendo terapeutas de família. A Terapia de Família, portanto, nasce com a promessa de mudança e se mantém crescendo porque responde a esse mandato, isto é, ela traz soluções aos problemas humanos⁶⁴.

"Terapia de família, graças a Deus, é um campo que está... no seu *boom*. Não tá passando por nenhuma crise braba, como tá as outras especialidades como a Psicanálise. As pessoas estão buscando muito trabalhar os problemas do indivíduo dentro do interior da família...Os problemas do filho ou do próprio casal, como um alternativa, uma maneira de resolver mais rápido ou mais focal o problema que poderia ser tratado pelas psicanálises também, mas evidentemente, com um tempo e um investimento maior, né?" (3)

Ser terapeuta de família faz parte da "identidade", da "crença" e do "prazer" dos nossos entrevistados, associado, novamente, à eficácia da Terapia de Família.

"Porque faz parte da identidade, porque eu gosto. Como o trabalho se desenvolve, como ele amplia, como ele ajuda às pessoas." (1)

"Eu gosto muito. A eficácia dela é um prazer enorme, é extremamente eficaz. É rápida e eficaz." (2)

⁶⁴ Para Nichols (1998), essa afirmação quanto à eficácia deve ser mais investigada.

"Eu nunca pensei em deixar de ser. Acho que tá dentro de mim. Eu tô muito ligada em família e na minha família de origem, na família nuclear é... filmes de família. Adoro filmes de família." (3)

"Porque eu acredito... (...) não abriria mão para virar administradora de empresas ou abrir uma loja." (5)

"Na verdade é porque... pode ser mais direto, mais objetivo o trabalho, do tratamento, né? Da busca do bem estar daquele grupo do que você desmembrar o casal e fazer o seu processo individualmente, né? Nos casos em que essa disfuncionalidade se instala nas relações daquele grupo ela só pode ser buscada, a saída... a gente só pode buscar essa saída, o grupo só pode junto com os terapeutas, né? Num grupo como um todo, com a família presente, né? (...) Essa intervenção no grupo é muito mais dinâmica, muito mais... pra mim muito mais produtiva, eu acredito muito." (6)

"Porque é a minha praia. Por gosto ,né? É gostoso essa troca com aluno em termos de desafio e eu gosto muito do trabalho na Psiquiatria. É muito instigante e muito prazeroso." (7)

"Terapeuta é a única coisa que eu sei fazer e... terapeuta de família é... a única religião que eu acredito: família. Então terapeuta de família. Eu acredito na força da família. Então eu só sei ser terapeuta e eu acredito na força da família, é a força determinante nas nossas ações no dia-a-dia, então terapeuta de família." (8)

Ser terapeuta de família não é tudo, mas determina projetos variados.

"Porque... não sei se eu diria que eu vou continuar... tô sendo terapeuta de família é... eu acho que eu vou ainda fazer outras coisas. Eu descobri a delícia de escrever. Não quis escrever um livro pra terapeutas de família, costurei novelas, inventei personagens, adorei. Acho que a minha fascinação por cinema, vídeo eu vou até querendo fazer alguma historinha de casal ou de família que eu misture com a coisa de arte e vídeo e comunicação. Não sei... eu preciso da inquietação..." (4)

Todos os entrevistados, sem exceção, afirmam estarmos vivendo o *boom* da Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro. Acreditam que a tendência é haver um crescimento ainda maior com a divulgação e a penetração da Terapia de Família em vários espaços.

A Terapia de Família firmou-se conquistando seu lugar, consolidou-se, diversificou-se e não precisa mais "brigar com a Psicanálise" ou negar o intrapsíquico (a parte no todo).

"Eu acho que a Terapia de Família só tem a crescer e a se expandir. Eu acho que tem um espaço. Agora com a crise da globalização e com a troca cada vez mais intensa. Os formadores e os formandos têm cada vez mais uma possibilidade de troca mesmo, de intensificação de informação e de contatos. Aqui no Rio de Janeiro tem um *boom*, acho que teve um *boom* em termos de lugares de formação (...) mas eu acho que como crescimento eu acho que tem muita gente que é família, né? E que se interessa. Eu acho que não é um trabalho em vão, não vai morrer na praia daqui a pouco." (5)

"Eu acho que ela tá ocupando um espaço importante. Nos últimos dez anos eu acho que ela tá crescendo vertiginosamente. Isso a gente vê pelos diferentes institutos que foram aparecendo. Isso eu acho que é interessante, é revitalizante porque cada instituto vai tentando ter um perfil teórico. Então a população pode escolher trabalhar mais com um grupo que pensa mais em terapia Estrutural o outro pode pensar mais numa abordagem Estratégica e vai ter bons centros de formação dentro do Construtivismo, do Construcionismo, apareceu a linha de mediação, né? Então eu acho que os próximos tempos são de muitas diversidades teóricas. Cada centro encontrando sua excelência, os congressos estão muito populosos, as pessoas são as mais variáveis possíveis. Se no começo estava muito associado à linha sistêmica hoje em dia todo mundo faz Terapia de Família. Pode ser psicanalista, pode ser isso ou aquilo. Sistêmica é uma das linhas teóricas. É... só tende a oferecer pra gente como mercado lugar pra questionamento, lugar pra prova, lugar pra... é um momento muito rico de divulgação. E eu acho que nesse

momento... eu acho que também as questões que a terapia é... que foi considerada a terapia do contexto que era só de família tá podendo abrir questão: como é ser um indivíduo dentro da família? Porque era tudo o grupo porque tava brigando lá com a Psicanálise. Há tantos anos já com o seu perfil pode parar pra perguntar como é que é o individual dentro do sistema." (4)

A diversificação teórica da Terapia de Família é reivindicada por quem sente-se ainda isolado nesse meio. No Rio de Janeiro, é fundamentalmente baseada na Teoria Sistêmica. É preciso, ainda, abrir espaço para a Psicanálise.

"Eu acho que existe um vigor muito grande na linha sistêmica que não é a minha praia. Eu acho que a linha sistêmica está passando por uma série de modificações. No sentido de não tá mais naquele esquema de dar deveres, de ter um pacote de dez sessões. Estão trabalhando com as narrativas que é uma vertente nova das sistêmicas. Estão trabalhando com estruturalismo, com a noção de estrutura que é uma outra vertente de trabalho. No México em 95 que eu fiz contato com o trabalho de narrativas. Mas eu acho que a crítica que o Anzieu fez ao problema das sistêmicas que trabalha dessa forma mais exterior sem vincular com a causação inconsciente também é cabível nas narrativas. Porque a gente também trabalha com narrativas, as histórias mudam... isso nos aproxima. Mas eu acho que a gente tem sempre em mente a questão da causação inconsciente, o funcionamento inconsciente e o que está se processando por conta desse funcionamento inconsciente a partir de um aparelho psíquico familiar. Eu falo de inconsciente familiar, comunicação de inconsciente pra inconsciente. É uma questão epistemológica. (...) Eu lastimo que tenha um vigor bastante grande na linha sistêmica e menos na linha psicanalítica. Eu acho que fazer Psicanálise é mais difícil, seja pela formação... Não tem terapia breve pra casos graves." (7)

A Terapia de Família é vista como tendo futuro devido à sua proposta de intervenção na relação, porque a doença

"afeta a família como um todo", podendo ser utilizada como uma proposta de prevenção.

"O futuro da Terapia de Família é perceber que o hospital é familiar, não é pessoa. É aquilo que eu tava te falando, doença não afeta uma pessoa seja qual for a doença, ela afeta a família como um todo. Ela é originária da família e afeta a pessoa. Não tem nenhuma doença que é exclusiva de um elemento. Sempre a família tá envolvida seja participando, seja por negação, mas ela tá sempre envolvida. A doença afeta (seja qual for) todos os elementos daquela família. E no meu entender o futuro da terapia familiar é sair da condição de tratamento apenas de família, mas abranger como atendimento familiar a todas às situações patológicas clínicas ou mentais que poderá ou não se transformar em terapia familiar, mas essencialmente atendimento." (2)

A Terapia de Família cresceu expandiu-se, primordialmente, através das clínicas particulares e essa parece ser a tendência do futuro.

"Que hoje em dia nós já temos no Rio seis institutos reconhecidos de Terapia de Família, que dão formação em Terapia de Família, de clínicas particulares, não tô falando de faculdade não(...). Talvez no ano 2000 a gente tenha quinze ou vinte. No momento que a gente começa a botar no mercado muitos alunos, esses alunos podem formar também suas clínicas." (3)

O crescimento da Terapia de Família é, portanto, inquestionável. Torna-se necessário, entretanto, que se ocupe mais espaços de divulgação e consolidação dessa prática. O espaço universitário ainda é o maior desafio.

"Eu acho que vai continuar a se desenvolver, tem crescido apesar das crise nacionais e internacionais. Eu acho que a tendência é de crescimento. Agora mesmo teve o Congresso brasileiro aqui no Rio foi um sucesso. Acho que a tendência é o crescimento e a minha esperança é que as universidades fiquem mais sensíveis e se abram mais. Nem tanto para a terapia familiar. Eu acho lamentável que a universidade não tenha uma cadeira é... obrigatória de Teoria Sistêmica." (8)

O III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar e I Encontro Latino Americano, a que o relato anterior se refere, foi realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 29 de julho e 02 de agosto de 1998. Esse Congresso foi várias vezes lembrado pelos entrevistados como um marco na história da Terapia de Família no Rio de Janeiro e no Brasil, porque foi palco de importantes discussões quanto à formação do terapeuta de família, à importância da integração e de ações conjuntas.

"Trouxe: a importância da institucionalização da formação e da terapia, a importância das associações regionais, a importância do entrosamento entre os vários profissionais. (...) O Congresso Brasileiro como espaço de troca, consolidando o crescimento." (6)

"Eu acho que a realização do Congresso Brasileiro de Terapia de Família ele trouxe... (...) grupos que se articulam em parcerias, num processo colaborativo, solidário e colaborativo. Isso foi uma maneira que nós encontramos, quer dizer nós trabalhamos assim nesse Congresso. Instituições que são competitivas entre si porque uma dá formação e a outra também dá... poderia ser uma forma de... não haver uma união ou de não ser uma coisa solidária, com esse Congresso as experiências foram maravilhosas com um processo de intensa colaboração, né? Então eu vejo a colaboração entre os terapeutas isso é uma coisa que eu gostaria que no futuro, de o terapeuta chegar a maturidade de conversar sobre a sua prática, não no âmbito institucional, mas no âmbito terapeuta com terapeuta. Isso é uma coisa de futuro essa coisa de ter esse espaço. Nós criamos a nossa Associação de Terapia de Família. Nesse momento tem uma nova diretoria que foi fruto do trabalho do Congresso. Então, é uma diretoria que tem todas as instituições representadas e no espírito de muita colaboração que a gente possa trazer cada vez mais questões da prática, da vida, dos trabalhos que estão sendo produzidos, que se possa falar sobre esses trabalhos, conversar sobre as questões da prática terapêutica. Eu vejo como uma coisa de futuro." (1)

Esse e os dois primeiros Congressos, um em São Paulo e o outro no Rio Grande do Sul, foram organizados pela ABRATEF (Associação Brasileira de Terapia Familiar) e pelas associações de cada estado (regionais). Tudo começou em 1988 na Bahia. Lá ocorreu o primeiro encontro de terapeutas de família do Brasil. Foi uma iniciativa do CEFAC (Centro de Família, adolescente e criança) de Salvador. Esses terapeutas de família, no total de 134, não se conheciam pessoalmente, nem os trabalhos de cada um, e não sabiam exatamente o que iria acontecer nesse encontro de três dias, sem programação previamente definida. Mas descobriram, com surpresa, as semelhanças entre eles principalmente na escolha unânime da Teoria Sistêmica como referência. Os estados que se fizeram representar foram: Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Pará, Distrito Federal, Amazonas, Paraná, Rio Grande do Norte, Paraíba, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Ceará. Desse encontro, nasce a idéia de criar uma associação brasileira de terapeutas de família. Mais dois encontros são realizados: um em Minas (1990) e outro em Brasília (1992). Esses são encontros com uma maior sistematização, caminhando para a consolidação de um processo de criação da associação brasileira. Em São Paulo, no ano de 1994, é fundada a ABRATEF no I Congresso Brasileiro de Terapia Familiar.

O III Congresso, no Rio de Janeiro, tomou a iniciativa de implementar um levantamento da história da Terapia de

Família no Brasil. Tereza Diniz, na ocasião presidente da ATF - Rio e da ABRATEF, faz a abertura do Congresso, apresentando as informações que aqui trazemos⁶⁵. Posteriormente, com o encerramento do Congresso, Tereza Diniz, em nome dos organizadores, consolida o ponto de partida inicial, oferecendo ao próximo presidente da ABRATEF e presidente da ACOTEF (Associação Centro-Oeste de Terapia Familiar), Ileno Izídio da Costa, um álbum de retratos dos Encontros e Congressos que simboliza a continuidade desse levantamento histórico.

O III Congresso Brasileiro de Terapia Familiar, realizado no Rio de Janeiro, significou para os terapeutas de família cariocas, das diversas instituições representadas em nossa pesquisa, um marco quanto às trocas entre eles. Um movimento inicial em que se passa dos estrangeiros aos nossos e que tende a ser a tônica dos congressos futuros, isto é, a Terapia de Família que se fez, se faz e se fará no Brasil. Os terapeutas de família querem saber quem são e a que vieram. Eles têm se reunido nas associações para discutir temas como: currículo mínimo para a formação de terapeuta de família, quem pode ser terapeuta de família, como posicionar-se no mercado diante da população interessada, diferenças regionais no Brasil, o que é a Terapia de Família, quem pode fiscalizá-la, diferenças entre a formação nas universidades e nas

⁶⁵ Tereza Diniz recebeu-nos para mostrar-nos alguns dos documentos e informações já acumuladas e apresentadas no referido Congresso. Em anexo,

clínicas particulares, incentivo à pesquisa e à produção acadêmica, entre outros temas⁶⁶.

Cresce a Terapia de Família no Rio de Janeiro. E, por consequência, estamos vivendo um momento de intensificação dos encontros e dos debates. Muitas questões estão sendo levantadas, gerando uma preocupação cada vez maior com as escolhas dos caminhos para encontrar as respostas. Construimos, aqui, uma das possibilidades ao fazer um percurso histórico da Terapia de Família. Esperamos, assim, ter contribuído para uma reflexão nesse campo.

temos uma carta que resume parte dessa história.

⁶⁶ A posição do Rio de Janeiro é conhecida pela sua flexibilidade, já que não faz exigências quanto à graduação do candidato à formação, e cada instituição tem um modo de funcionar muito particular, ou seja, de acordo com suas opções teóricas e práticas clínicas.

Tudo foi breve
e definitivo.
Eis está gravado
não no ar, em mim,
que por minha vez
escrevo, dissipo.

Carlos Drummond de Andrade

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Terapia de Família está próxima de completar 50 anos de história. Nesses quase cinquenta anos, ela se espalhou, tornando-se uma prática terapêutica consolidada em várias partes do mundo. Nossa pesquisa abarcou uma fração, embora relevante, do campo da Terapia de Família. As escolhas que fizemos para contar essa história determinaram nossa interpretação. Compreendemos a Terapia de Família como uma importante contribuição ao campo das psicoterapias e, por isso mesmo, deve ser relativizada como um produto de nossa sociedade ocidental moderna.

Nosso levantamento da história da Terapia de Família enfatizou, inicialmente, a sua relação com a história da família no Ocidente. Ganhou sentido, assim, ao se fazer a reboque da história da família. Escolher começar pela família foi determinado pelo contexto sociocultural e histórico da modernidade. A família conjugal/nuclear é fundamental para a possibilidade da intervenção terapêutica. A caracterização de um modelo pós-moderno de família e de Terapia de Família, no entanto, está sendo construída e, certamente, implicará outras considerações. Foi na modernidade, porém, que as idéias de intimidade e democracia compuseram o parâmetro para as relações familiares que não parecem ter seu tempo esgotado.

A Terapia de Família, seja ela de que linha teórica for, insere-se na possibilidade do diálogo pautado na democracia, ou seja, na idéia de direitos iguais para todos, sendo essa visão fundamental para reunir uma família em uma sessão terapêutica com um especialista, com o objetivo de que todos tenham voz e decidam quanto ao rumo de seus problemas. Em uma visão tradicional das relações familiares, pautada tão somente na hierarquia, isso não seria possível.

Vimos, então, como sentimentos e relações familiares são estabelecidos a partir de contextos sociais específicos, transformando-se historicamente e, por consequência, sendo despojados de um caráter absoluto. O relato histórico mostrou-se interessante, à medida em que se contrapôs à idéia da família conjugal moderna como natural. As formas variam de acordo com o contexto histórico e cultural.

Pensamos que a Terapia de Família acompanha as transformações sociais. A família nuclear foi um modelo dominante até ocorrer um movimento social, o feminismo, que inicia a relativização desse modelo. A Terapia de Família buscou adaptar-se à população carente, atendendo a família ampliada. Depois começou a atender a família juntamente com vizinhos, amigos, etc., no momento em que as relações familiares se diluíam, buscando alternativas às relações da família nuclear ou mesmo da família extensa. Esse foi o

momento em que se preconizou a construção de novas solidariedades. O especialista tornou-se somente mais um para ajudar nessa construção. Nada seria, então, determinado anteriormente por um modelo, por uma idéia de estrutura ou por um saber.

Estivemos considerando que, para a "invenção" de uma nova intervenção terapêutica, são necessárias novas teorias em um contexto específico. Privilegiamos, então, a história da Terapia de Família a partir de Palo Alto, nos anos 50. Outras tantas histórias, porém, poderiam ser contadas a partir de outras escolhas. A Terapia de Família se caracteriza por não ter um "pai fundador" único. Ela é múltipla em sua genealogia e filiações. Começar pela Escola de Palo Alto - Bateson / MRI -, porém, nos possibilitou sistematizar a história da Terapia de Família, privilegiando a noção de relação, em detrimento de considerações psicológicas (mente / intrapsíquico). O comportamento, visto como comunicação, é o foco da observação desses terapeutas de família pioneiros que ajudaram os terapeutas, que vieram posteriormente, a explicar e intervir nas relações, entendendo-as como participantes do sintoma de um indivíduo. Propõe-se, assim, uma alternativa para a solução dos problemas humanos, a partir dessa interpretação.

A ênfase no contexto familiar e no seu poder de influência levou a rejeição de considerações intrapsíquicas

e históricas. Dessa forma, tornou-se otimista quanto às possibilidades de mudança e intervenção nos estados patológicos, já que era o presente que necessitava ser mudado e não o passado e, ao mesmo tempo, não considerou mais os sintomas como específicos da estrutura da personalidade. Não necessariamente, é claro, precisamos seguir esses passos iniciais rigidamente, porque senão teríamos que arcar também com suas limitações. Foi uma proposta importante, de qualquer modo, mas deve ser reavaliada criticamente, no que tange ao seu reducionismo ao presente, eliminando qualquer fator histórico, e à sua naturalização e formalização da relação, eliminando qualquer participação dos motivos individuais (psicológicos, singulares, etc.). A história recente mostra que os terapeutas de família da tradição sistêmica, nesse sentido, começam a reavaliar suas posições.

O início pragmático, centrado na produção de técnicas, deixou suas marcas. Hoje, mesmo aqueles que criticam esse período, fazem concessões na utilização da técnica voltada para a ação, desde que não seja entendida como a única alternativa para a mudança. A visão de que a Terapia de Família é uma proposta eficaz para a solução dos problemas humanos permanece até os dias atuais, levando os terapeutas de família a desejarem a sua expansão para um número cada vez maior de situações. Já não é mais possível, entretanto, ver o terapeuta de família como aquele que tem o poder de

intervir, de fora, no sistema, provocando alterações em sua estabilidade, visando à mudança. O saber do terapeuta está relativizado, a partir do Construtivismo e Construcionismo Social, mas não foi abandonada a proposta de entender o homem como fruto de suas relações. A princípio, como vimos, essas relações eram visualizadas na família nuclear. Depois incluiu-se a família de origem e/ou a família mais ampla. Depois vieram os amigos, os vizinhos, a cultura, a linguagem, etc. Construiu-se, assim, uma visão, que baseou uma proposta terapêutica, amplificando a influência do especialista. Embora, ele tenha, na referência mais atual, seu poder questionado.

Retomemos algumas de nossas questões: Estamos diante do desaparecimento da família? Estamos diante do desaparecimento do especialista? Em que estão se tornando os terapeutas de família? Será que seria mais interessante dar-lhes outro nome, como terapeutas da relação? Se não há mais uma necessidade de um saber especializado, haverá a necessidade de um espaço para o especialista, como aquele da terapia? O saber do especialista está questionado, enquanto natural, desde uma perspectiva histórica. Mas será possível uma sociedade moderna sem especialistas? Ainda há muito a ser investigado para se compreender o que está se passando no campo, hoje, e qual será o seu futuro.

Ao chegarmos ao fim dessa pesquisa, confirmamos a necessidade de continuarmos investigando a história da

Terapia de Família, seus pressupostos e desenvolvimentos. Poderemos, dessa forma, obter mais clareza sobre qual é a proposta terapêutica da Terapia de Família, apesar de sua diversidade teórica e prática.

Os exemplos dados das diferentes posições dos terapeutas entrevistados fez surgir a história da Terapia de Família, tanto no Rio de Janeiro como em termos internacionais. Com o relato dos entrevistados, passamos da idéia de especialista (saber) para a do "não-especialista" ("não-saber"), exemplificando com autores pioneiros e os mais recentes, desde os estratégicos e/ou estruturais aos contrutivistas e/ou contrucionistas sociais, e indicando outras referências possíveis como a Psicanálise e o Psicodrama. Essas diversas posições, convivendo nos dias atuais, demonstram a dificuldade em se definir uma linha diretriz única para a Terapia de Família, caracterizando o campo pela idéia de integração das diferenças. Sabemos, porém, que diferentes referenciais teóricos indicam práticas terapêuticas diferentes. Será possível a integração/articulação? Há, pelo menos, dois tipos de resposta. Uma é negativa, considerando as diferenças epistemológicas (teóricas). A outra é positiva, já que considera a prática clínica como critério, isto é, a cada caso clínico define-se a referência teórica e técnica mais "útil"; integram-se (articulam-se) diferentes referenciais de acordo com a situação apresentada.

É preciso, então, considerar, mais detidamente, a viabilidade (ou não) da integração/articulação de diferentes referenciais teóricos que definem diferentes práticas terapêuticas. Essa é a nossa perspectiva futura.

Temos, enfim, a intenção de fazer multiplicar o interesse pela pesquisa na Terapia de Família, procurando responder tantas questões que estão sendo formuladas no campo. Nosso caminho foi, aqui, temporariamente concluído. Viemos dos estrangeiros aos nossos, construindo uma história para a Terapia de Família na cidade do Rio de Janeiro que nos permitiu refletir sobre essa prática terapêutica. Ainda há, porém, muito a ser realizado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, Nicola - *Dicionário de Filosofia*. São Paulo, Mestre Jou, 1982.
- ACKERMAN, N. W. - "The growing edge of family therapy." *Family Process*, 10 (02), p. 143-156, 1971.
- ALMEIDA PRADO, M.^a do Carmo C. de - *Destino e mito familiar: uma questão na família psicótica*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-RJ, 1992.
- ANDERSON, H. & GOOLISHIAN, H. - "Human systems as linguistics systems." *Family Process*, 27: 371-393, 1988.
-
- "Beyond Cybernetics: comments on Atkinson and Heath's 'Further thoughts on second-order family therapy'." *Family Process*, 29 (02), p. 157-163, 1990.
-
- "O cliente é o especialista: uma abordagem para a terapia a partir de uma posição de não saber." *Nova Perspectiva sistêmica*, 2(03), p. 08-24, 1993.
-
- "O cliente é o especialista: a abordagem terapêutica do não saber." In: MCNAMEE, S. & GERGEN, K. - *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- ANDOLFI, Maurizio - *A Terapia Familiar*. Vega: Lisboa, 1980.
- ANDOLFI, Maurizio et al - *Por trás da máscara familiar um novo enfoque em terapia da família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989a.
- ANDOLFI, Maurizio & ANGELO, C. - *Tempo e mito em psicoterapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989b.
- ANDOLFI, Maurizio - *A linguagem do encontro terapêutico*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
-
- "Família / indivíduo: um modelo trigeracional." In: ELKAÏM, Mony(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.
- ARIÈS, Philippe - *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

- _____ - "A contracepção antigamente." In: DUBY, G. - *Amor e sexualidade no Ocidente*. Portugal: Terramar, 1992.
- ATKINSON, B. J. & HEATH, A. W. - "Further thoughts on second-order family therapy - this time it's personal." *Family Process*, 29 (02), p. 145-155, 1990a.
- _____ - "The limits of explanation and evaluation." *Family Process*, 29 (02), p. 164-167, 1990b.
- BATESON, Gregory - *Vers une écologie de l'esprit*. Paris: Éditions du Seuil, 1977.
- _____ - *Mente e Natureza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- BERTALANFFY, L. et al. - *Teoria dos sistemas*. Rio de Janeiro: FGV, 1976.
- _____ - *Teoria Geral dos Sistemas*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- BOSCOLO, Luigi et al - *A terapia familiar sistêmica de Milão: conversações sobre teoria e prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BOTT, Elisabeth - *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- BRUN, G. & RAPIZO, R. - "Existem mudanças e mudanças..." Instituto de Terapia de Família - RJ, mimeo.
- BURGUIÈRE, A. - *História da família*. Lisboa: Terramar, 1996.
- CALVINO, Italo - *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994)
- CASTEL, Robert - "Da Indigência à Exclusão, a Desfiliação - precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional." In: *Saúde e loucura*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- _____ - *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CERVENY, Ceneide M^a de O. et all - *Família e Ciclo Vital - nossa realidade em pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

- CHUBB, Hendon - "Looking at systems as process." *Family Process*, 29 (02), p. 169-175, 1990.
- COIMBRA, Cecília B. - "Práticas 'psi' no Brasil do 'milagre': algumas de suas produções." In: JACÓ-VILELA, Ana (org.) - *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.
- CONNER, GARY M. et al - "As raízes da terapia simbólico-experiencial." In: ELKAÏM, Mony(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.
- COSTA, Jurandir F. - *Ordem médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- DELACAMPAGNE, C. - *História da Filosofia no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- DELL, PAUL F. - "Beyond homeostasis: toward a concept of coherence." *Family Process*, 21 (01), p. 21-41, 1982.
- DONZELOT, Jacques - *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DUARTE, Luiz F. D. - "A análise da pessoa moderna pela história e etnografia dos saberes psicológicos." In: *Noção de pessoa e institucionalização dos saberes psicológicos no Brasil*. Cadernos IPUB/Instituto de Psiquiatria da UFRJ - nº08, p.01-10. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- _____ - "Método e ficção nas ciências humanas: por um universalismo romântico." In: JACÓ-VILELA, Ana (org.) - *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.
- DUPUY, Jean-Pierre - *Nas origens das ciências cognitivas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.
- ELIAS, Norbert - *Envolvimento e alienação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998a.
- _____ - *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b.
- ELKAÏM, Mony (org.) - *Formações e práticas em terapia familiar*. Porto Alegre: Ates Médicas, 1988.

- ELKAÏM, Mony - *Se você me ama, não me ame: abordagem sistêmica em psicoterapia familiar e conjugal*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- _____ - "Nos limites do enfoque sistêmico em psicoterapia." In: SCHNITMAN, Dora F.(org.) - *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- _____ - "Descrição de uma evolução". In: ELKAÏM, Mony(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998a.
- ELKAÏM, Mony(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998b.
- FÉRES-CARNEIRO, Terezinha - *Família: diagnóstico e terapia*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FEYERABEND, Paul - *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- FIGUEIRA, Sérvulo - "O 'moderno' e o 'arcaico' na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social." In: FIGUEIRA, S. (org.) *Uma nova família?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- FLANDRIN, Jean-Louis - *Famílias - parentesco, casa e sexualidade na sociedade antiga*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.
- FREUD, S. - "As resistências à Psicanálise." *Obras Completas, Edição Standard Brasileira, Volume XIX*, Rio de Janeiro: Imago, 1969a.
- _____ - "Uma dificuldade no caminho da Psicanálise." *Obras Completas, Edição Standard Brasileira, Volume XIX*, Rio de Janeiro: Imago, 1969b.
- FRUGGERI, L. - "O processo terapêutico como construção social da mudança." In: MCNAMEE, S. & GERGEN, K. - *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- GERGEN, K.J. - *El yo saturado*. Espanha: Editorial Paidós, 1992.
- GERGEN, Keneth J. & KAYE, J. - "Além da narrativa na negociação do sentido terapêutico" In: MCNAMEE, S. & GERGEN, K. - *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

- _____ - "When relationships generate realities: therapeutic communication reconsidered" In: <http://www.swarthmore.edu/SocSci/Kgergen1/text6.html>, 1999a.
- _____ - "Technology and the self: from the essential to the sublime." In: <http://www.swarthmore.edu/SocSci/Kgergen1/text11.html>, 1999b.
- _____ - "The place of the Psyche in a Constructed World." In: <http://www.swarthmore.edu/SocSci/Kgergen1/manu.html>, 1999c.
- GIDDENS, Anthony - *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GOODRICH, Thelma J. et al. - *Terapia feminista da família*. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.
- GROISMAN, Moisés - *Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.
- HALEY, Jay - *Psicoterapia familiar: um enfoque centrado no problema*. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.
- _____ - *Terapia não convencional: as técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson*. São paulo: Summus, 1991.
- HEIMS, S. - *The Cybernetics Group*. MIT Press, 1991.
- HOBSBAWM, Eric - *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOFFMAN, Lynn - *Fundamentos de la terapia familiar. Un marco conceptual para el cambio de sistemas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- _____ - "Uma postura reflexiva para a Terapia de Família." In: MCNAMEE, S. & GERGEN, K. - *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- KEENEY, B. - *A estética da mudança*. São Paulo: Editorial Psy, 1997.

- LASCH, Christopher - *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- LAX, William D. - "O pensamento pós-moderno na prática clínica." In: MCNAMEE, S. & GERGEN, K. - *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LOKETEK, A. - *Más allá de pactos y traiciones: construyendo el diálogo terapéutico*. Buenos Aires: Paidós, 1997.
- MACFARLANE, Alan - "Amor e capitalismo." IN: *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989.
- _____ - *História do casamento e do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MADANES, Cloé - *Sexo, amor e violência: estratégias para a transformação*. São Paulo: Editorial Psy, 1997.
- MANCEBO, Deise - "Formação em Psicologia: gênese e primeiros desenvolvimentos." In: JACÓ-VILELA, Ana (org.) - *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.
- MARCONDES, D. - "A intersubjetividade no discurso e a construção da realidade" In: MAGALHÃES, M.^a.I.S. (org.) - *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: editora Universidade de Brasília, 1996.
- _____ - *Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos à Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- MATURANA, H. & VARELA, F. - *Autopoiesis and cognition: the realization of the living*. Boston, USA: D. Reidel Publishing Company, 1980.
- MATURANA, H. - *Da Biologia à Psicologia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MCGOLDRICK, M. & CARTER, B. (org.) - *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes médicas, 1995.
- MCNAMEE, S. & GERGEN, K. - *A terapia como construção social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MIERMONT, Jacques e cols. - *Dicionário de terapias familiares: teorias e práticas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

- MINUCHIN, Salvador - *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990(a).
- _____ - *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990(b).
- _____ - "The seductions of construtivism." *Family Therapy Networker*, 15: 47-50, 1991.
- _____ - *A cura da família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995(a).
- _____ - "Salvador Minuchin e a Psicoterapia Familiar Estrutural." Santos, São Paulo: Workshopy Eventos, 1995(b). (Notas de aula)
- MORIN, Edgar - *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- _____ - "Epistemologia da Complexidade". In: SCHNITMAN, Dora F. (org.) - *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.
- _____ - "A noção de sujeito." In: SCHNITMAN, Dora F. (org.) - *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.
- _____ - *O método*. Portugal: Publicações Europa-América (vol.01), 1997.
- MOTTA, Carlos R. M. - *Terapia de família: as abordagens sistêmicas*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 1993.
- NEILL, J.R. & KNISKERN, D. P. - *Da psique ao sistema - A evolução da terapia de Carl Whitaker*. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- NICOLA, Vincenzo di - *Um estranho na família: cultura, famílias e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- NICHOLS, M. P. & SCWARTZ, R. C. - *Terapia familiar: conceitos e métodos*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- ONNIS, Luigi - "Um modelo de terapia familiar inspirado na óptica da complexidade." In: ELKAÏM, Mony(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.

- PALAZZOLI, Selvini et al - *Os jogos psicóticos na família*. São Paulo: Summus, 1998a.
- PALAZZOLI, Selvini - "Sobrevôo sobre uma pesquisa clínica fiel a seu objeto." In: ELKAÏM, Momy(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998b.
- PERELBERG, Rosine J.(org.) - *Os sexos e o poder nas famílias*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- PONCIANO, Edna L.T. - *Quando se mete a colher: um olhar da Antropologia para a Terapia de Família*. Monografia apresentada como conclusão do curso de especialização em terapia familiar do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. In: Cadernos IPUB/Instituto de Psiquiatria da UFRJ - nº12, p.145-171. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.
- PORTELA, Eduardo - "A consciência comunicativa." In: *Cultura e Comunicação*. Revista Tempo Brasileiro, nº 68. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, s/d.
- PRIGOGINE, I. & STENGERS, I. - *A nova aliança; metamorfose da ciência*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.
- RAMPAGE, C. & AVIS, J.M. - "Identidade sexual, feminismo e terapia familiar." In: ELKAÏM, Momy(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.
- RAPIZO, Rosana - *Terapia sistêmica de família: da instrução à construção*. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 1996.
- RUESCH, J. & BATESON, G. - *Communication: the social matrix of Psychiatry*. Nova York: W.W. Norton &Co., Inc., 1951.
- RUSSO, Jane A. - "A difusão da psicanálise nos anos 70: indicações para uma análise." In: RIBEIRO, I.(org.) - *Família e valores*. São Paulo: Edições Loyola, 1987.
- _____ - *O Corpo contra a palavra*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.
- _____ - "Uma leitura antropológica do mundo 'psi'." In: JACÓ-VILELA, Ana (org.) - *Clio-Psyché: histórias da Psicologia no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, NAPE, 1999.
- SATIR, Virginia - *Terapia do grupo familiar*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

- SCHNITMAN, D.F. (org.). - *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SEGALEN, Martine - *Sociologia da Família*. Portugal: Terramar, 1999.
- SEIXAS, Maria R. D'Angelo - *Sociodrama Familiar Sistêmico*. São Paulo: ALEPH, 1992.
- SENNETT, Richard - *O declínio do Homem público - as tiranias da intimidade*. São Paulo: companhia das Letras, 1993.
- SHORTER, Edward - *O nascimento da família moderna*. Lisboa: Terramar, 1995.
- SLUZKI, Carlos E. - "The Double Bind as a universal pathogenic situation." *Family Process*, 10 (04), p.397-410, 1971.
- _____ - *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997a.
- _____ - "Cibernetica y terapia familiar. Un mapa mínimo." *Sistemas Familiares*, 03 (02), p. 65-69, 1997b.
- _____ - "Entrevista con Carlos Sluzki." In: <http://www.ebro.unizar.es/rits/mosaico/Mosaico14.htm>, 1998.
- SODRÉ, Muniz - "A idéia." In: *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SOJIT, Cloé M. - "The Double Bind hypothesis and the parents of schizophrenics." *Family Process*, 10 (01), p. 53-74, 1971.
- SPECK, R & ATTNEAVE, C - *Redes familiares*. Argentina: Amorrortu editores, 1973.
- SPEER, DAVID C. - "Family systems: morphostasis and morphogenesis, or 'Is homeostasis enough?'" *Family Process*, 09 (03), p. 259-278, 1970.
- TEIXEIRA, Sônia B. Sodré - *O Serviço Social com famílias e as terapias familiares; resolvendo dilemas e abrindo caminhos*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-gradua o em Psiquiatria e Saúde Mental. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Psiquiatria, 1997.

- TRIMBLE, D. & KLIMAN, J. - "Intervenção na rede." In: ELKAÏM, Momy(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.
- VANOYE, Francis - *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VARELA, F. et al - *The embodied mind: cognitive science and human experience*. MIT Press, 1996.
- VASCONCELOS, M.^a José Esteves de - *Terapia familiar Sistêmica - Bases Cibernéticas*. Campinas, SP: Editorial Psy, 1995.
- VILHENA, Junia (org.)- *Escutando a família: uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1991.
- WATZLAWICK, Paul et al. - *Mudança - princípio de formação e resolução de problemas*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- _____ - *Pragmática da Comunicação humana*. São Paulo: Cultrix, 1993.
- WATZLAWICK, Paul - "La construction de 'realites' interpersonnelles." In: <http://www.kannerschlass.lu/watzlawick.htm>, 1997a.
- _____ - "Paul Watzlawick at MRI." In: http://www.mri.org/html/clinical_bulletin/1997-summer/summer97_A2.html, 1997b.
- WEAKLAND, J. H. - "'The Double-Bind Theory' By Self-Reflexive Hindsight." *Family Process*, 13 (03), p. 269-277, 1974a.
- WEAKLAND, J. H. et al - "Brief Therapy: focused problem resolution." *Family Process*, 13 (02), p. 141-168, 1974b.
- WHITAKER, A. & BUMBERRY, W. M. - *Dançando com a família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- WHITE, M. - "Negative explanation, restraint, and double description: a template for family therapy." *Family Process*, 25 (02), p. 169-184, 1986.
- WIENER, Norbert - *Cibernética e Sociedade - o uso humano de seres humanos*. São Paulo: Cultrix, 1993.

WINKIN, Yves(org.) - *La nouvelle communication*. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

WINTER, Joan E. - "O modelo processual de Virginia Satir; fundamentos teóricos." In: ELKAÏM, Momy(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.

WITTEZAELE, J.J. & GARCIA,T - *La Escuela de Palo Alto: historia y evolución de las ideas esenciales*. Barcelona: Editorial Herder, 1994.

ZIMMERMAN, J. & DICKERSON, V. C. - "A técnica da narração no campo da psiquiatria e o trabalho de Michael White." In: ELKAÏM, Momy(org.) - *Panorama das Terapias familiares*. São Paulo: Summus, 1998.

ANEXOS

ANEXO I

ROTEIRO DA ENTREVISTA

I-DADOS PESSOAIS:

1. Instituição a que pertence:
2. Data de fundação da instituição e comentários sobre a história da fundação:
3. Sexo:
4. Graduação em (término - universidade):

II-FORMAÇÃO EM TERAPIA DE FAMÍLIA:

5. Qual foi a motivação inicial para trabalhar com Terapia de Família?
6. Onde e quando realizou sua formação?
7. Quais foram seus professores e supervisores?
8. Com quais escolas teóricas teve contato no início da formação?
9. Qual a escola teórica que segue atualmente? (se são várias, colocar em ordem de preferência; observar o que permaneceu ou mudou desde o início da formação)
10. Se houve mudança: como se deu a passagem de uma escola teórica a outra?
11. Quando e onde se instalou como terapeuta de família no Rio de Janeiro? (mês, ano, instituição pública ou privada).
12. Cite algumas idéias que você associa com o início da terapia de família no Rio de Janeiro.

III-ELABORAÇÃO TEÓRICO-PRÁTICA:

13. A partir do seu referencial teórico-prático: como se forma a família?
14. Como sua prática tem suscitado transformações em seus referenciais teóricos? (exemplificar)
15. Quais os temas das pesquisas que desenvolveu ou está desenvolvendo?
16. Por que continuar sendo terapeuta de família?
17. Cite algumas idéias que você associa com o futuro da terapia de família no Rio de Janeiro.

ANEXO II

LINHA DO TEMPO

- **anos 50** - primeira década da Terapia de Família; o MRI lidera o caminho da pesquisa e do treinamento.
- **1952 a 1967** - fase, predominantemente, de pesquisa (na prática terapêutica - tentativas de ensaio e erro).
- **1952/53** - Bateson iniciou um estudo sobre a natureza da comunicação. Juntaram-se a ele dois engenheiros: Jay Haley e John Weakland. E, posteriormente, um psiquiatra: William Fry.
- **1953** - Haley voltou seu interesse para a comunicação na hipnose e procurou Milton Erickson junto com Weakland. Aos poucos desviaram-se para as questões mais amplas referentes ao estilo da terapia de Erickson.
- **1954** - o grupo de Bateson inicia um estudo sobre a comunicação esquizofrênica. Don Jackson, um psiquiatra, junta-se a eles como consultor clínico; primeiro lançamento da teoria do duplo-vínculo.
- **1955** - Haley iniciou sua prática particular como hipnólogo e psicoterapeuta (breve) sob a supervisão de Erickson (pode-se dizer que foi ele o principal mentor da Abordagem Estratégica).
- **1958** - chegada de Virginia Satir a Palo Alto. Coordena a formação de terapeutas de família no MRI.
- **1959** - Don Jackson funda um outro grupo para o tratamento de famílias e formação de terapeutas: o MRI (Mental Research Institute).
- **1960** - chegada de Paul Watzlawick ao MRI.
- **1961** - Haley se une ao MRI.
- **1962** - o grupo de Bateson se dissolve.
- **1963** - Haley publica *Strategies of Psychotherapy* que é sua versão sobre comunicação, propondo que a unidade pesquisa e terapia deveria ser a díade.
- **1964** - Satir publica *Conjoint Family Therapy*.
- **1966** - Cloé Madanes ingressa no MRI.
- **1967** - Watzlawick, Beavin e Jackson publicam um livro que resume a integração das mais diferentes disciplinas como Teoria Geral dos Sistemas, Cibernética, Teoria da Informação e da Comunicação, etc., traduzido no Brasil como "Pragmática da Comunicação Humana".
- **1967** - inaugurou-se o *Brief Therapy Center* com o objetivo de desenvolver um tratamento o mais breve possível para os transtornos psiquiátricos. Tornou-se o modelo do MRI.
- **1967** - Haley deixou o MRI para se unir a Salvador Minuchin e a Braulio Montalvo na Filadélfia em uma clínica infantil dirigida por Minuchin.
- **1967 a 1972** - Minuchin, Montalvo (Estrutural) e Haley (Estratégica) criam uma abordagem coesa, constituindo um modelo de intervenção e de formação.

- **1970** - Haley deixou a Filadélfia para trabalhar em Washington, estabelecendo sua própria clínica junto com Cloé Madanes (que também encontrava-se na clínica infantil da Filadélfia).
- **1973** - Haley cunhou o termo "terapia estratégica" ao descrever o trabalho de Milton Erickson. É a abordagem mais voltada para a técnica de todas as terapias familiares (uma abordagem particular para cada problema), na qual se insere o MRI.
- **1974** - primeira edição de *Change (Mudança)*.
- **1973** - Haley publica um livro sobre a abordagem de Milton Erickson, traduzido no Brasil como *Terapia não convencional*.
- **1974** - Haley e Madanes fundam o *Family Therapy Institute of Washington*. Nesse momento, a Abordagem Estratégica é distintamente definida.
- **1976** - Haley publica nos Estados Unidos um livro que descreve sua abordagem, traduzido no Brasil como *Terapia familiar: um enfoque centrado no problema*, no qual a visão Estrutural da organização da família é o contexto onde se aplicam as técnicas estratégicas (aqui a unidade passa a ser uma tríade). É um exemplo de que é possível superar lacunas entre teorias rivais.
- **1980** (até o início dessa década) - auge da popularidade da terapia estratégica.
- **1980** (meados) - crítica aos aspectos manipuladores e calculadores da terapia estratégica. Surge a rejeição de uma visão mecanicista da família e de uma visão hierárquica da terapia (especialista) (contribuem: construtivismo e terapia feminista da família).
- **1990** - perderam sua popularidade (mas é importante ressaltar suas contribuições).
- **HOJE:** Dois grupos estratégicos:
 1. MRI (Palo Alto) - Permanece estritamente interacional. Observando e intervindo em seqüências de interação que envolvem o problema em vez de especular sobre sentimento e/ou intenções. (OBS: Watzlawick insere o construtivismo e outros terapeutas estratégicos inserem-se na abordagem narrativa).
 2. Haley e Madanes (Washington) - Interessados em motivos. Haley no desejo de controlar os outros e Madanes no desejo de amar e ser amado. Não limitam-se às resoluções dos problemas e incluem o objetivo de mudança estrutural (melhora da hierarquia familiar).

MENSAGEM DA ABRATEF

A ABRATEF - Associação Brasileira de Terapia Familiar - é constituída por associações regionais que congregam profissionais das áreas de saúde, educação e serviço social e que, em suas práticas clínicas ou de pesquisa, elegeram a família como seu principal foco de atenção.

A cada dois anos, uma das regionais deve ser responsável por sua gestão que culmina com a realização do Congresso Brasileiro, lugar e momento de encontros, re-encontros, trocas formais e informais de informações, que questionam, nutrem e estimulam a continuidade da busca de qualidade no cotidiano do trabalho de cada um.

A construção da ABRATEF foi cuidadosa, cumprindo e ritualizando etapas ao longo dos últimos dez anos.

Rituais possibilitam ligar passado, presente e futuro marcando laços comunitários específicos e dando oportunidade para criação de novos paradigmas e metáforas. Promovendo a estabilidade necessária para a manutenção do grupo, permitem marcar e fazer transições simultaneamente, dando suporte às incongruências entre o real e o ideal.

Assim, pudemos suportar a ansiedade de uma construção lenta desde o 1º. Encontro na Bahia, em 88, quando nos demos as mãos e combinamos nos encontrar em 90 em Belo Horizonte.

Em Minas ainda não nos sentimos suficientemente capazes de levar adiante um sonho que tivesse de dar conta de estabelecer compromissos que nos pareciam utópicos diante do tamanho deste país, das enormes diferenças de contexto entre as diversas regiões e da precariedade do nosso sistema de comunicações. Optamos pelo possível: um novo encontro em 92, em Brasília.

O ritual de um encontro a cada 2 anos fornecia suporte e contenção para as fortes emoções que nos despertava o encontrar e o despedir, a união e a dispersão.

Na Capital Federal em 92, ousamos marcar pré-encontros para tecermos uma rede que nos permitisse fundar uma Associação Nacional. O sonho virou projeto.

Em 94, São Paulo surpreendeu criando a Associação Paulista de Terapia Familiar e transformando o Encontro em Congresso. Nasceu e foi batizada a ABRATEF - Associação Brasileira de Terapia Familiar - mas não foi registrada. Discussões intermináveis foram insuficientes para negociarmos diferenças.

Mas não desistimos e os gaúchos se comprometeram a constituir a AGATEF e fazer o II Congresso onde pretendíamos que tudo se resolvesse. Em Gramado, 96, foi aprovado o Estatuto Social mas o registro ficou a cargo da ATF-RJ, já legalizada, e única candidata a sediar o III Congresso.

Dai em diante, em Belo Horizonte constituiu-se a AMITEF - Associação Mineira de Terapia Familiar, em Brasília, a ACOTEF - Associação Centro - Oeste, em Curitiba, a APPrTF - Associação Paranaense, e em Salvador a ARTEF - Associação Regional.

A ABRATEF conta hoje com 7 associações que a consolidam e a legitimam como representante da Terapia de Família no Brasil e sua próxima gestão está sendo pleiteada por 3 delas: ARTEF, AMITEF e ACOTEF. Este ano teremos uma eleição disputada democraticamente na Assembléia Ordinária que também ratificará o Regimento Interno redigido pelo Conselho Deliberativo e Científico, órgão da ABRATEF que conta com representantes escolhidos por suas respectivas associações regionais. Trata-se de mais uma importante conquista.

Para não perdermos de vista nossas intenções iniciais, temos que continuar cuidando do processo, reconhecendo, respeitando e incorporando diferenças inerentes a contextos diferentes, assim como buscando manter nossas referências através de rituais que possibilitem transformações e ao mesmo tempo nos assegurem a integridade da instituição.

O importante é continuar a crer para ver, sabendo que a missão é contínua e que, onde quer que se situe a sede da ABRATEF, a responsabilidade é de todos nós.

Teresa Cristina do Valle Chagas Diniz
Presidente da ABRATEF

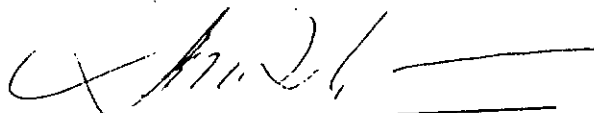
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Edna Lúcia Tinoco Ponciano, intitulada "História da Terapia de Família - De Pallo Alto ao Rio de Janeiro", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Profª. Terezinha Féres-Carneiro
(Orientadora) PUC-Rio



Profª. Jane Araujo Russo
UERJ



Profª. Junia de Vilhena
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ...7...6.../2000.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas